

46 33356
LUZIA

ÚLTIMA ROSA DE VERÃO

(ROMANCE)



LIVRARIA PORTUGÁLIA
RUA DO CARMO, 75—LISBOA

L 33556

ÚLTIMA ROSA
DE VERÃO

(CARTAS DE MULHERES)

DA MESMA AUTORA:

OS QUE SE DIVERTEM
RINDO E CHORANDO
CARTAS DO CAMPO E DA CIDADE
CARTAS DE UMA VAGABUNDA
SÔBRE A VIDA, SÔBRE A MORTE
ALMAS E TERRAS ONDE EU PASSEI

EM PREPARAÇÃO:

PELOS CAMINHOS DA VIDA

DEP. LEG.

L

LUZIA



R. 140891

33358

ÚLTIMA ROSA DE VERÃO

(CARTAS DE MULHERES)



LIVRARIA PORTUGÁLIA
R. do Carmo, 75-LISBOA

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS
EM CONFORMIDADE COM A LEI

Aos meus amigos desconhecidos, os que me conhecem
melhor, talvez. . .

Comme ces lourdes roses rouges des jours immobiles de juillet, plus somptueuses, plus chargées de parfums, qu'une rose naissante, mais qui ont déjà duré plus que leur vie de roses et dont le premier vent du sud ou l'averse légère d'un matin feront un objet sans forme et sans nom...

MARCEL PRÉVOST

A laia de prefácio

De Maria do Carmo a Ana Guíomar

Lisboa, 20 de Outubro.

Querida Anita

Mas com tóda a certeza, foi a sério, o que há de mais a sério, que eu ontem repeli, para teu uso e meu, aquele célebre *Look after the boy*, de que, segundo consta, dependeram os destinos de um poderoso império.

Já se vê que também, para teu sossêgo e meu, as circunstâncias estão longe de parecer-se. Não há império... nem o resto. Coitado do pobre Nuno! Deus sabe que não achei loucamente divertida a sua companhia, durante estes meses em que o trouxe... pela trela, como um cãozinho de estimação. Mas tenho por êle uma certa amizade; é, como sabes, meu vago parente; faz-me pena deixá-lo só, metido na toca outra vez, e sobretudo pensar que, durante a minha ausência, vai perder o pouco ensinado por mim com tanto

trabalho. — Refiro-me, bem entendido, à sua educação mundana. Quanto à outra, o Nuno é um sábio. . . — Oh! eu sei, faço-te essa justiça, que abominas a ciência. Mas o Nuno é também um poeta, um artista, a quem poderás falar, sem que haja algum mal disfarçado bocejo, de tudo que te interessa. E parecendo que não, tem bom gosto! Escusas de protestar, eu conheço e mais do que ninguém lamento, o seu feitio acanhado, *gauché*, a maneira como se veste, aquela deplorável falta de geito para dar o nó da gravata, etc., etc., etc. Mas debes lembrar-te que Anatole France era também um urso quando entrou pela primeira vez, no salão de Madame de Caillavet. . . (Para que saibas que eu não leio só Dekobra. . .) Enfim, talvez te convenças se te disser que, no meu último jantar, em que o sentei ao teu lado, êle saiu da sua habitual reserva, para declarar-me que te achou encantadora, com tôdas as letras. . . *ma chère!*

Sim, vais ter a bondade de tomar conta do Priminho, enquanto eu andar lá por fora, a fingir que me divirto, como é triste condão da gente da minha espécie. *Chatear-se* aqui, *chatear-se* ali, *chatear-se* acolá. . . e sempre no cúmulo do divertimento! Ah! tu que me conheces, sabes que eu não nasci para tamanha seca. Mas quem faz aquilo para que nasceu? Isto é: diz-me o coração que tu e o Nuno nasceram para entender-se.

Honi soit... Falo da boa camaradagem que, na tua opinião, pode existir entre um homem e uma mulher, valendo mil vezes mais de que o tal amor, que só tratos de polé nos dá... Devo acrescentar, para que tomes as devidas precauções, que o rapazinho me parece bastante apaixonadigo. E uma paixão por ti nestas alturas, não entra no programa, está longe de convir-me. Tenho os meus planos. Outra parenta da província... —Aí! minha filha, a estopada da parentela! — Bom casamento para ambos. O pai da pequena arranjou óptima maquia em África, nas minas não sei de quê... Eu para nomes... Enfim, o nome não importa, mas a *massa*, e essa... de respeito! O Nuno tem numerosas herdades, «montes»... ou lá como se chama, cortiça... ou lá o que é, no Alentejo. E... filho único. A irmã, bem linda, por sinal, morreu há dois anos. Não se trata pois do «teu amor e uma cabana».

Mais uma vez vais acusar-me de fazer concorrência a Santo António, mas coitadas das raparigas que, mortinhas por casar, ficam a ver navios se a gente não dá um impulsozinho aos pastéis dos homens. Entretanto isso não é para já. Hei-de primeiro educá-los. E quero a tua colaboração, Anita, *you will look after the boy*, não é verdade? Desde já te agradece a tua

CARMO

P. S.—Bem entendido, sôbre o meu plano, nem uma palavra ao Nuno. O segrêdo é a alma do negócio.

De Ana Guiomar a Maria do Carmo

Lisboa, 2 de Outubro.

Foi a sério? Pois nesse caso aceito a honrosa missão. *I shall look after the boy*, sem que naufraguem a sua virtude, a minha e os destinos de qualquer império. Fâ-lo-ei da melhor vontade, não só porque mo pedes e eu nada sei recusar-te—Carminho, tu és um dos meus fracos!—mas porque isso me dá prazer.

O Nuno saíu do que chamas a sua habitual reserva, para declarar-te que me achou simpática — escreves «encantadora», mas quem conta um conto. . .—É eu, com a minha habitual franqueza, digo-te: foi recíproco. Também gostei muito dêle. Nem um instante me aborreci, durante êsse jantar em que tiveste a óptima ideia de pô-lo ao meu lado. Devo acrescentar que não reparei no acanhamento, que faz to cuidado te dá, nem tão pouco na falta de habilidade para o nó da gravata ou em qualquer dos outros defeitos que o

assemelham a Anatole France, antes de domesticado por Madame de Caillavet. Achei-o apenas mais simples do que os outros, falando menos e—oh! fenómeno!—sabendo o que diz, numa voz grave, musical, um pouco velada, que deliciosamente me repousou do habitual berreiro mundano, tão parecido com o som do tambor... muito barulho, mas ôco por dentro...

Louvado Deus, todo o jantar decorreu sem que abordássemos as obrigatórias e quanto repiadas bisbilhotices! Não avaliámos o que a perdulária da Lucienne gasta com a *toilette*: «Seis vestidos da Maria Luíza, fora os de Paris. E ninguém sabe donde vem o dinheiro... se é que os paga... Não discutimos a nova aventura da maluca da Joana, que já estava em idade para ter juízo... E o palerma do marido para abrir os olhos... se é que não prefere feehá-los... E as salas da Idalina onde, começando pelos braços, tudo é *camelote*. E os *Mafi-jongs* dos ordinaríssimos T, que parece incrível esta sociedade freqüente!—E... por aí fora, tôdas as interessantes coisas que eu sei na ponta da língua, mas preferi guardar para ocasião em que fôsem mais apreciadas. Discreta ou indiscretamente, nenhum de nós boeejou.

Não deves pois enganar-te, julgando possível entre mim e o teu primo, uma dessas boas camaradagens que, aliás, não são do teu conhecimento.

Carminho, és brilhante demais para que um homem se permita aproximar-se de ti, sem fazer-te a côrte. Possível e até muito a propósito. Eu êste ano não posso sair de Lisboa e contigo, meu único recurso, longe... *chateando-te*—oh! feliz mortal! —no civilizado Paris, arriscava-me a morrer de tédio, entre os chás da Joana e os jantares da Idalina. Calcula pois quanto me sorrirá a perspectiva de um companheiro inteligente, que me entenda e que eu entenda, com quem possa conversar, passear, ir aos concertos, aos museus... Carmo, acertaste ainda uma vez.

Porém no que toca à sua educação mundana, receio que, na tua volta, poucos... ou nenhuns progressos encontres. Como queres tu que eu ensine o que nunca aprendi? Lembra-te que tens passado o melhor do teu tempo a dizer-me: — «Isso não se faz. Isso não é costume. Isso não é elegante. Isso é uma falta de uso do mundo. Isso é contra tôdas as regras da sociedade», etc., etc., sem que, até hoje, conseguisses que eu deixasse de fazer tudo o que me vem à cabeça.

Devo tomar as devidas precauções porque o rapazinho parece-te «apaixonadigo»... Ái de mim! Queres maior precaução de que os quási vinte anos, que separam do meu fim de outono, a sua radiosa primavera? Parte descansada. Não servirei de obstáculo ao... auspicioso enlace entre... as minas, não sabes de quê e a cortiça ou

lá o que é... Carminho, tu sabes muito bem de que são as minas, o que é a cortiça. Para que há-de armar em estouvada e frívola, a mais inteligente, prática das mulheres?

Tua
ANA GUIOMAR

ENTENDIMENTO

Amour ? Amitié ? Qu'importe le mot ? C'est un sentiment tendre et profond, un grand espoir, une immense douceur.

ANDRÉ MAUROIS

De Ana Guiomar a Nuno

20 de Novembro.

Querido

Si j'avais su d'abord combien je l'aimerais, je ne l'aurais jamais aimé.

Palavras de um lindo madrigal do Cavaleiro de Boufflers, dedicado certamente àquela sedutora Francisca de Sabran, que soube prender, nas suas cadeias do seu encanto, o mais inconstante dos homens.

Si j'avais su... Mas a gente nunca sabe. Embarca-se tão despreocupadamente! É tão bonita a galera, parecem tão mansas as águas em que se vai navegar! São águas quietas de lago... nada têm das ondas, as ondas revoltas do mar! E quanto doce a companhia! Há quem fale em prisões, quem nos diga:—«Cautela!» Mas, se algum laço nos enleia, é frágil como uma grinalda, é

como uma fita de sêda. Depois, um belo dia, quando menos se pensa, acorda-se amarrada...

Si favais su...

Ah! também eu, se soubesse... se soubesse quanto gostaria de ti, nunca teria gostado! Porém tu vieste tão mansa e subtilmente! És dos que não fazem barulho: os mais perigosos. Sorríste. Prometestes:—«Será apenas uma doce camaradagem, uma amizade... talvez *prima co-irmã* do amor, mas... só prima». É sem que eu tivesse tempo de defender-me, apoderaste-te de tôda a minha alma! Nuno, tu é que falas sempre em paixão, em não poder viver sem mim, em fugir comigo para uma ilha distante onde só tu me conheças e só eu te conheça. Tu chamas-me meu amor, minha adorada. Mostras-te sempre terno, sempre bom. Mas eu, eu é que gosto de ti, eu é que sofro, eu é que morro já da pena de perder-te, eu é que adormeço e acordo, a perguntar: quando será? Não compreendeste ainda, nem sei explicar-te, tudo o que representas para mim. Paraíso sonhado. Paraíso proibido. A vida, a ardente, intensa vida, quando eu já não devo viver. A felicidade—grande, a doída, a absurda, a inverosímil—quando eu já não posso ser feliz. Ilusão de um raio de sol na escura noite... Fugir... Ah! por que não vieste mais cedo? Por que não me levaste contigo? Agora não me fales nisso. É uma crueldade. Tem pena de mim. Faze como eu. Não queiras

ver o futuro. Pensa no que é, no que poderia ter sido. . .

De noite, quando estou só, no silêncio do meu quarto, a realidade, a triste realidade, desaparece com a luz e apenas os olhos da imaginação vêem, eu julgo que é verdade. . . Fugí contigo. Por encanto, como nas histórias de fadas, o tempo recuou. Voltei para trás, sou nova outra vez. Tenho a minha alma de paixão. Os meus braços ainda sabem prender, guardar. A minha boca ri, para ti e para a vida. Tenho sede da vida. Tenho sede de amor. A velhice, a morte, estão longe, tão longe que não acredito nelas! São fantasmas que inventaram para assustar-me. . . Porém, mal surge a manhã, fecham-se os olhos encantados e abrem-se os outros, os da realidade. . . Querido, o destino tem andado sempre a zombar de mim, mas nunca, como agora, eu senti a sua ironia cruel! Por isso. . . *Si j'avais su combien je t'aimerais, je ne t'aurais jamais aimé!*

De Ana Guíomar a Nuno

26 de Novembro.

Sim, lembro-me das palavras a que se refere a tua carta e até da hora em que as disse, uma das primeiras da nossa intimidade. Já mais de um

mês passou, tão breve, quási irreal, sôbre essa linda manhã de outono, que impregnava um fino aroma de primavera. Manhã de enganos suaves... Nas jarras, os crisântemos imitavam a graça frágil das rosas. Eu tinha um vestido claro e ao sol parecia loiro, o meu cabelo branco. Perguntaste-me, com um certo nervosismo:—«O que pensa do amor?»—Respondi, sorrindo:—«Já não sei... É um morto que enterrei há tanto tempo!»— Ainda te inquietam essas palavras?! A mim, evocariam apenas a grande ironia da vida... se eu estivesse certa de ter-te amor. Mas, meu querido amor, eu ignoro se te tenho amor... Não sei como chame o que sinto por tí, nem quero talvez encontrar-lhe um nome. Tudo a que corresponde um nome, tudo o que se define, já mais alguém experimentou. Eu queria inventar um sentimento que só tu inspirasses, só eu pudesse dar-te. Um sentimento perfeito e único, que não se regulasse pelas leis usuais da vida, não precisasse do que os outros precisam... Tudo mereces, querido, mas o que fiz eu para merecer-te? Vieste buscar-me ao fundo de uma grande escuridão. Ainda mal acredito. Deixa-me ir devagarinho, deixa-me habituar à luz. Pensa que, durante anos, vivi infeliz e só. Chegaste tarde: à hora em que as alegrias costumam despedir-se, é que tu chegaste, minha alegria maravilhosa! ;E não ví mais nada, não ví mais ninguém...

Falas-me da infidelidade das mulheres. Ignoro o que se passou com as outras que conheceste. Por mim, só por mim, respondo. Eu nasci fiel, fiel como os cães e, como êles, capaz de amar o dono que me maltrata. Vê, dou-te todos os direitos, até o de me fazeres mal.

Querido, o que terei eu de perdoar-te? Atrás de quantos caprichos correrás? Quantos enganos verei florir no maravilhoso jardim da tua ilusão? Como será o mal que me farás? Ah! seja qual fôr... Tudo aceito, a tudo me submeto. Estendo-te os pulsos para que nêles ponhas as adoradas algemas.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 20 de Dezembro.

Querido

Dizes que me invejas—e... censuras-me também, não é verdade?—porque sei estar só e posso sentir-me feliz na minha solidão.

Há crianças que cantam quando as deixam às escuras. Parecem alegres, felicíssimas também. E

fazem-no apenas para... enganar o mêdo. Quem sabe se eu sou como essas crianças? Em todo o caso, Nuno, a felicidade que não veio espontaneamente, que se aprendeu com esforço, que se teceu com sofrimento, com lágrimas, é sempre uma triste felicidade. Não ma invejes. E sobretudo não me julgues tão cega, que não veja onde está, onde poderia estar, a outra, a grande, a verdadeira, a que se sente e não se raciocina... A felicidade com alguém que nos quer e a quem, acima de tudo, nós queremos; contigo, se te tivesse encontrado mais cedo, na primavera, quando o coração está em flor. Ai de mim! encontrei-te já naquela triste quadra, de que disse o poeta: *Saison où tout tombe...*

Entretanto a minha ternura, a ternura que não te basta, que tu não podes — ou não queres? — entender, é mil vezes mais profunda, melhor do que o amor da mocidade, o vulgar amor que carícias e beijos contentam.

Vem cheia de queixas a tua última carta. Acusas-me de fria, contraditória, desigual. Tenho caprichos, bruscas mudanças de humor... Mas tu quiseste-me como eu sou. Pensas que te daria prazer ver-me mudada, transformada? Não daria, querido. De mim é que tu gostaste, de mim é que tu gostas. Um defeito que me tirassem, era um roubo que te faziam. Se deixasse de inquietar-te, sentirias a falta dessa inquietação... *Comment*

me passerai-je du bien et du mal que tu me faisais?—escrevia Georges Sand a Musset.

E jamais saíu de uma alma, grito tão sincero e humano. Mas a-pesar-de tudo, eu peço-te humildemente perdão.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisbóia, 13 de Janeiro.

Querido

Mal acordo, chamo por ti. Dizer o teu nome, o teu lindo nome, é a minha volúpia suprema. Estás longe, bem sei, mas eu creio na transmissão do pensamento, creio em tudo que é sobrenatural, maravilhoso. Julgo pois que me ouves, e emquanto tantos que vivem, sob o mesmo teto, no mesmo quarto talvez, estão apartados como se o mundo inteiro os separasse, eu, que nem sequer te vejo todos os dias, estou sempre contigo, como se fosses só meu e eu fôsse só tua...

A ausência, se é que a isto pode dar-se o nome de ausência, torna mais calmo o coração. O meu não sei o que tinha, o que adivinhava,

nunca me pareceu tão impulsivo e inquieto como ontem, na elegante sala que tu detestas ou... pretendes detestar. Talvez porque tanta gente nos rodeava, tantas curiosidades nos espreitavam — a de certa *palhinha branca*, nem um instante deixou de seguir-te... mas quem sabe se isso te lisongeou? — a vida fazia um tão importuno ruído em volta de nós e as tuas mãos não podiam procurar as minhas, nem sequer os teus olhos demorarem-se um pouco nos meus, eu sentia um desejo selvagem de atirar-te os braços ao pescoço e não os desprender nunca mais...

Depois, quando me deixaste, além da saúde agonía, com que sempre me separo de tí, ficou-me o pressentimento, o terror de perder-te. És o meu tesouro que já outras querem roubar-me... E sofri tanto, tanto, que pensei em fugir, por esse mundo fora, até encontrar o esquecimento, a paz, como se, para tôda a parte, oh! minha adorada tortura, eu não te levasse comigo!

Querido, só das alegrias e dos sofrimentos que me vêm de tí, eu sei falar-te. Só êles me interessam, só êles me importam. *Eu, tu, tu, eu*. Não há mais nada, mais ninguém, na terra. Mas é assim que o desejas... E se as minhas cartas não te levam esta monótona canção, tão velha como o mundo e como êle eternamente nova... aí temos o habitual *refrain*: — Já não gosto de tí.

Noutra, aquela que te destinam, encontrarás

decerto maior encanto. São mais alegres, mais suaves, os corações, na primavera. Mas como eu te quero... oh! meu amor, quem te quererá?

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 16 de Janeiro.

Querido

O céu, o meu grande amigo, o meu companheiro doutros tempos, encheu-se de nuvens. Cada manhã é agora a mesma desilusão. Levanto-me, corro à janela, na esperança de uma nesgazinha clara, e esbarro com uma densa, negra muralha. Decididamente está zangado comigo, o céu... Sente-me infiel. Já não passo o dia a seguir o lindo capricho dos seus vestidos: castos, puríssimos, azues como o manto de Nossa Senhora, tocados de côr de rosa, qual sêda Pompadour, verdes, roxos, doirados, inconstantes como as ópalas... De noite, já não interrogo as estrêlas, já nada digo ao luar. O céu tem ciúmes. E vingá-se nesta hora da manhã, única em que lhe pertença ainda. Peça-lhe um sorriso, responde-me com uma nuvem,

que é como quem diz... uma careta: Mas... *on revient toujours à ses premiers amours...*

Ai de mim! Decerto mais cedo do que julgo, eu voltarei ao meu primeiro amor. Interrogarei de novo as estrêlas. Contarei as minhas penas ao luar. E quantas terei para confiar-lhe no dia em que deixares de querer-me! Porque deixarás...

Querido, o que chamas injusta desconfiança é apenas a minha cruel lucidez, a minha amarga experiência. Conheço o coração dos novos. Já fui nova, meu amor. Quere-se hoje ao que se há-de aborrecer amanhã. Mas nem por isso gosto menos de ti. Gosto como só eu sei gostar. Se até imagino que se inventou para meu uso exclusivo essa faculdade terrível e doce! Suprema alegria e suprema tortura. Gôzo no martírio como era o das santas...

Gosto de ti. És o meu prazer maior de todos e és o meu mais querido sofrimento. És a minha ansiosa inquietação e o meu repouso bemdito.

Sim, passarás... Mas a tua voz respondeu emfim à minha voz, encontrei aquêle por quem há tanto chamava!

ANA GUIOMAR

Lisboa, 20 de Janeiro.

Querido

Chá de caridade, dança, *Mah-jong*, barulho infernal, o... costume.

Sei que estás convidado pelas tuas amigas S. Vai, diverte-te, aprende o jôgo à moda, pratica a deliciosa *tumba* — para que, diga-se de passagem, pareces ter fraco geito — e não esperes por mim. Enquanto não esgotar a dose de tédio que trouxe do último dêsses chás, julgo prudente não fazer nova provisão. Paguei o meu bilhete, com muitos agradecimentos e outros tantos votos do maior sucesso, às ilustres — oh! tudo quanto há de mais ilustre, desde as vetustas condessas do nosso *boulevard Saint Germain*, onde as audácias da moda não meiem o nariz, até Lucienne, moderníssima, delgadíssima, transparente, um figurino da *Vogue*, uma haste de lírio, uma pétala de rosa — senhoras da comissão. Acho-me pois no direito de passar o dia, a meu gôsto, continuando a leitura de um livro excessivamente interessante: *Les grandes amoureuses*. Já se vê que, entre elas e em lugar de honra, encontra-se Julie de Lespinasse, por quem te terias apaixonado e que talvez não se apaixonasse por ti.

És deliciosamente bom e... *J'ai besoin de souffrir, je me surprends sans cesse à désirer ce qui me fait mal*, dizia ela. Para contentar essa necessidade, lá estava Guibert, coração duro, alma medíocre... um grande maçador, ainda por cima: — *Je vaudrais désiré avec autant de passion que si vous étiez la creature la plus aimable et la plus raisonnable qui existât*... — A pobre Lespinasse conhecia-o, não tinha ilusões, mas como escreve o autor das *grandes amoureuses*: que uma Julie de Lespinasse se prendesse a um Guibert, sabendo o que êle valia, não será a própria condenação do amor, o inexorável, iníquo, demente amor?

Confesso que esta sublime apaixonada não tem tôda a minha simpatia. Grita demais para o meu gosto. A freira de Beja, a ardente Mariana, não gritou menos, bem sei, e eu gosto muito de Mariana, mas viveu noutro tempo. O cenário, as condições eram outras. Que uma freirinha do século XVII, portuguesa, alentejana, se permitisse atroar o mundo com os berros da sua paixão, conecebe-se, mas uma parisiense do século XVIII, amiga de *madame* du Deffand, de Alembert, da Marechala de Luxembourg, etc., devia ser mais discreta. Depois, Mariana grita porque o seu bem amado a abandonou, o que é uma razão, e a Mademoiselle de Lespinasse tudo serve de pretexto:— *Votre rhume fait mal à mon âme... Pensez que c'est me sauver la vie que de ménager votre*

poitrine. . . Francamente, tanto palavriado, a vida em perigo, porque Guibert se assoou duas vezes ou espirrou três, acho exorbitante. *Mademoiselle* de Lespinasse ataca-me os nervos.

Interessou-me muito mais, Louise Labé, ardente, ardentíssima também!—mas, em verso, e aos poetas admitem-se liberdades de expressão e exageros de sentimento que os fracos mortais da prosa não devem permitir-se. Como o nosso Camões, Louise viveu em plena Renascença. E embora decerto nunca se tivessem encontrado, há sonetos dêle que parecem feitos para responder aos sonetos delá. . .

*—Je vis, je meurs, je me brûle et me noxe.
J'ai chaud extrême en endurant froidure.
La vie m'est et trop molle et trop dure
J'ai grands ennuis entremesley de joie. . .*

E logo o nosso Luiz replica:

— Tanto do meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor, tremendo estou de frio;
Sem causa, justamente choro e rio,
O mundo todo abarco e nada aperto.

Que mais hei-de dizer-te, Nuno? Preferias talvez que eu nada dissesse.

Deves estar tão entretido, tão absorvido pela

brilhante assistência! São 5 ¹/₂ da tarde, a elegantíssima hora do chá. Já deliciosas meninas te servem, juntamente com os *choux à la crème*, aquêles significativos olhares, que contam como te acham a seu gôsto, que bom partido te consideram...

Eu fechei a história das grandes amorosas. Estou triste, adoentada.

Não te exijo os gritos de Lespinasse, quando espirrava Guibert. Basta-me que tenhas um bocadinho — só um bocadinho! — de pena de mim. E quero — é uma compensação que me deves — ver-te amanhã. Vem passar a tarde comigo. Prometo tocar a valsa lenta de Debussy, — a valsa que tu preferes. Terei a sala cheia de rosas, rosas de inverno, as tuas preferidas também.

Leremos os versos de Labé. E como em um dos seus mais lindos sonetos, *chacun en soi et son ami, vivra...*

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 23 de Janeiro.

Meu amigo

Pensou decerto que não lhe escrevi ontem por estar zangada consigo. E não foi exactamente assim. Foi porque estava triste... demais, para

poder fazê-lo numa disposição que lhe agradasse. Quando na terça-feira nos separámos, com aquela recíproca frieza, eu senti que alguma coisa do que tinha existido — um doce *flirt* apenas... Pois foi mais do que isso? — e feito a nossa... ou pelo menos a minha felicidade, morria.

Um *flirt*, um engano, tão pouco, afinal! Mas, dentro de nós, nada morre sem sofrimento. E o meu pobre, excessivo coração, põe num *flirt*, num engano, mais do que as outras põem no que chamam as suas... grandes paixões! — Meu Deus! Quanto se abusa das palavras! — Não lhe digo o que sofri durante a longa noite de insónia, que se seguiu à nossa separação. Tenho medo de abusar também das palavras. E depois... era inútil. Não me compreendia decerto. Talvez nem sequer me acreditasse! *Chacun est seul avec sa misère*. Há muito já, eu aprendi a isolar-me com as minhas dores. E enquanto algumas mulheres tão brilhantemente sabem dobrar os acontecimentos e... os homens, aos inúmeros caprichos da sua vontade, eu prefiro exercer sobre o meu próprio coração, todo o domínio de que me sinto capaz.

Sofri, lutei, chorei. De manhã estava exausta. Pensei que não podia levantar-me. Mas pode-se tudo quando se quer. E não só pude levantar-me, pude também sair, ocupar-me de mil frivolidades, falar, rir, ter espírito, talvez...

Seguiu-se outra noite de insónia. Tornei a pen-

sar, a lutar, a sofrer.—Veja que excesso de coisas para uma pessoa só.—Depois veio a razão, santa, abençoada razão! Falou muito alto e muito claro. Deixei-me convencer pela sua voz, que faz bem, mesmo... quando faz mal. E tudo serenou. Na manhã, tão transparente e linda, sinto-me a quieta, resignada alma, a vencida sem amargura, que era antes de ter empreendido esta última ascensão àquela montanha, de que disse Theuriet que: *on la monte toute en chantant et on pleure en descendant la côte...* Escrevo-lhe pois um bocadinho triste ainda, mas cheia de paz. E para mandar-lhe o *beijo da paz*. Também para dizer-lhe se, como era seu hábito, quiser vir aqui amanhã, dá-me um grande prazer.

Depois de ter passado por êste... pequeno (?) temporal, a minha amizade ficou intacta ou... maior, se é possível. Tenho saúdaes suas, de conversar consigo sôbre as coisas... em que nos entendemos. As outras ficam para sempre banidas. Deixamos cair sôbre elas o silêncio completo.

Desculpe-me—se é que reparou nisso... —eu ter suprimido o *tu*, mas agora dá-me mais jeito assim. Até amanhã, caso não tenha coisa que mais o divirta e interesse. Se tiver, ficará para sábado. Mas num ou noutro dia, venha, pede-lhe a sua amiga

ANA GUIOMAR

Lisboa, 26 de Janeiro.

Querido

Pois bem, estão feitas as pazes, restituído o *tu*... Perdôo-te—e vamos lá que não é pouco!—teres trocado a minha companhia, pela da *menina educada à antiga*, a menina que... não quebra um prato!

Aceito as tuas... altíssimas razões. Favores que deves à família, a tua mãe amiga da sua mãe e o que brincaram juntos em pequenos... O jôgo do lume ou a cabra-cega?

Acredito—lá isso acredito!—que não fôsse muito fácil arranjar assunto para o longo *tête-à-tête*... Mas que a tarde te parecesse interminável?! Pois não tiveste a compensação magnífica de olhar para ela? É tão bonita a Isabel, com a sua frescura de rosinha de toucar, os grandes olhos tranqüilos, quasi imóveis, como as águas paradas dum lago, que esperam—de ti, certamente—o seu primeiro temporal, o papinho de rola amorosa...

Emfim... eu perdoei. Devo também esquecer, banir desta carta, a ironia, o azedume, tudo o que evoca o rancor. E tu pedes-me... exiges, que não torne a falar-te dela. Obedecer-te-ei.

Sim, meu amigo, meu... amor, vem quando quiseres, hoje, amanhã, todos os dias, a tôdas as horas. Vem repetir-me aquela maravilhosa... história, que adormece os meus receios, as minhas tristezas, que enche de sol a minha vida, que me dá vinte anos outra vez. Tenho saüdades de ouvi-la, contada por ti.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 5 de Fevereiro.

Querido

Vês tudo através da tua linda alma de poeta. Eu vejo as coisas na sua realidade. Sei com absoluta certeza, que o amor não tem, jamais teve, a explicação que pretendes dar-lhe. Não se gosta por isto, nem... por aquilo. Gosta-se... *porque sim*. Gosta-se como se apanha uma doença. Nenhuma qualidade, nenhuma beleza física, intelectual ou moral, serve de motivo ao amor. Admira-se uma mulher bonita, como se admira nos museus, uma estátua; o espírito, a inteligência atraem, prendem, como pode atrair e prender um

livro interessante. Mas admirar não significa amar. Ai de nós! Quantas vezes também não podemos admirar o que amamos! Tenho visto homens da maior superioridade, apaixonados por mulheres estúpidas, ignorantes, quasi boçais, que nem sequer bonitas são! No meu sexo, tenho visto igualmente, as mais finas de espirito, de gosto e de coração, doidas por homens vulgarísimos. Pergunta a uns e outras porquê. Não saberão responder-te. O amor zomba dos nossos ideais, faz um *pied de nez* às nossas predilecções, vem quando menos o esperamos e quando mais livre dêle nos julgávamos!

— *Elle viendra, la passionnette et peut être étrangement banale, sans que vous sachiez pourquoi ni comment, vous vous éprendrez du premier venu qui, probablement, ne sera capable ni de vous comprendre, ni même de vous aimer. . .*

Esta definição de Gyp é a história de tantos amores, da maior parte, meu querido Nuno. Por isso o amor é triste, triste. Ah! Eu não conheço nada mais triste! E hei-de sempre preferir a sã, a inteligente amizade, que sabe escolher, que não anda às cegas.

O que conhecias tu de mim quando começaste a falar-me de amor? Um sorriso malicioso, uma pontinha de originalidade no espirito e nos... vestidos.

Achas bastante para inspirar tão grande sen-

timento? E mesmo agora, que vives na minha intimidade, quantas vezes deves sentir-me em completa opposição à tua maneira de ser! És um lírico, um romântico. Compreendes e aprovas os gritos veementes da paixão. Não te escandalizam as exaltações febris de Júlia de Lespínasse — quem te dera, que eu me parecesse com ela! — não achas demais Phèdre e tôdas as heroínas de Racine, emquanto eu sei quanto pouco valem todos êsses excessos. Fogo de artifício, que brilha e logo se desfaz, o fogo que julgas eterno! Pergunta-me por que me inspiraste esta imensa ternura. Isso saberei dizer. Porque és mais inteligente e melhor do que os outros. Porque sinto em tí uma bondade rara. Escolhia-te, entre mil, meu amigo, e sei por que te escolhia, mas não sei por que te tenho amor... Acho-te tão diferente dos homens a quem tive ou por quem julguei ter amor! Faltam-te... os defeitos que me atraíam; em mim devem faltar os encantos, as qualidades que pareciam feitos para seduzir-te, prender-te. E quer tu creias, quer não, gostamos como todos, grandes e pequenos, inteligentes e parvos, gostam: *porque sim*... Foi uma doença que apanhámos e de que havemos de curar-nos, sem que doença ou cura, alterem esta grande, imensa amizade, que tu me deste, que eu te dei...

ANA GUIOMAR

A HISTÓRIA DE ANA GUIOMAR

*Beaucoup de petites nous mêmes ont disparu déjà
pour toujours, emportées comme les pétales d'un bou-
quet qui s'effeuille par le souffle des années, ou dis-
persées comme des apparences inutiles par l'aile d'un
plus grand rêve. . .*

GÉRARD D'HOVILLE

De Ana Guíomar a Nuno

Lisboa, 30 de Março.

Nuno

Há quanto tempo já, andas a pedir-me que te conte a minha vida, tôda a vida, desde que me lembro de mim! E só hoje te faço a vontade, para que não tornes a dizer: — Falta-te a confiança, queres esconder-me alguma coisa. — Querido, eu tenho confiança, nada quero esconder-te, mas habituei-me a viver apenas na hora que passa, a doce hora em que estou contigo. Tôdas as outras parecem-me vãs, inúteis e tão fatigante voltar a percorrer o longo caminho!

Entretanto porque assim o desejas — e o que sei eu recusar-te? — aqui me tens, aplicada, grave, com aquela ruga na testa, que chamas a das grandes ocasiões. . . Dei ordem que não recebia, proibi que, sob pretexto algum, me interrompes:

sem.—Façam de conta que já morri...—É realmente para ludo de que vou falar-te, sinto-me uma morta, entre cinzas mortas.

Querido, eu estou longe de possuir uma daquelas prodigiosas memórias que atingem... o colo da ama. A minha primeira lembrança não vai mais longe de que os cinco anos. E é triste, tão triste! Um dobre de finados em plena alvorada...

Vejo o grande jardim abandonado, os ramos das árvores que invadem as alamedas, a erva crescendo entre as flores dos canteiros: *églantines* singelas que foram rosas escolhidas, nos exemplares mais raros, cravos já tão pequeninos, que só o perfume lhes trai a origem, jacintos da Holanda, transformados no jacinto azul do campo...

É um dia de primavera, quente, doirado. Contra todos os seus hábitos, Francisca, a velha criada, que eu poderia chamar, como certo Príncipezinho francês à sua governante, «minha mãe», deixou-me só. Acho-a inquieta, distraída, tem os olhos vermelhos, surpreendí-a limpando as lágrimas. Entretanto respondeu a todas as minhas perguntas: — Depois te direi, meu coração. Há tempo de sobra para saberes...

Mas já eu adoro a independência, a liberdade. Sinto-me orgulhosa, feliz, única dona daquele paraíso de verdura, julgo que os pássaros cantam para mim e, só para meu prazer, dansam, nos

seus brilhantes vestidos, as borboletas. Ainda ninguém me ensinou que, em cada paraíso da terra, se esconde uma serpente. . .

Riu, dou palmas, quando mais tarde Francisca se aproxima e, sem uma palavra, leva-me pela mão.

Agora, é um quarto forrado de negro, o quarto que eu achava tão bonito, com as paredes semeadas de rosinhas de tocar. Entre os lúgubres tocheiros, imóvel, coberta de lírios, a minha mãe parece dormir. Na sua boca sem côr, paira um estranho, enigmático sorriso. Pelas faces enrugadas de Francisca, lágrimas correm, grossas lágrimas que se esquece de enxugar. . .

—O que aconteceu, Francisca? — balbucio tremendo. — Meu coração, a tua mãe vai deixar-nos. Dá-lhe um beijo de despedida. — E levanta-me nos braços, à altura do rosto pálido, que repousa entre os lírios. Pela primeira vez sinto o frio da morte, tenho medo, horrivelmente medo! Mas ainda pergunto: — Para onde vai a minha mãe? — Ela responde, sem uma hesitação, com a doce confiança dos simples: — Para o céu.

— E o que é o céu? Onde está?

— Está perto de Deus. É o lugar onde se encontram os que foram bons.

Depois, na preocupação do arranjo, que nunca a abandona, afasta-me da testa as indomáveis, loucas madeixas. . . — Não quero ver-te despen-teada.

Mas já de todos os lados a chamam, a empurram. Na morte, como na vida, Francisca tudo faz, é a alma vigilante da triste casa sem dono. Em vão procuro agarrar o seu vestido, prendê-la ao pé de mim. Apenas tem tempo de recomendar-me: — Fica quietinha. Eu venho logo buscar-te.

Segundo os velhos hábitos provincianos, tiraram-se do quarto todos os móveis e *bibelots*; há apenas um sofá, em que as praxes não permitem que alguém se sente e, rodeando o caixão, uma longa fila de cadeiras, ocupadas pelas amigas e parentes da família, a quem a morta fornece largo campo de bisbilhotices e comentários. Nenhuma dá por mim. Ao canto onde me encolhi, de olhos fitos na porta, esperando ver aparecer a minha Francisca, chegam frases que retenho, sem compreender, aliás.

— Os pais deviam ter vindo. Já era tempo de perdoarem. Diante da morte tudo se esquece...

— São uns terríveis egoístas. Mas desta vez há uma desculpa. Estavam em Paris, não podiam chegar a tempo.

— Decerto tomam conta da pequena...

— Olhem que grande favor! Só faltava que o não fizessem...

Após um breve silêncio, cortado pelos suspiros, igualmente da praxe, uma senhora exclama: — Mal empregada! — Ao lado, alguém acrescenta: — Tanto sofreu, coitadinha! — Mãe

logo outra voz, carregada de censuras, declara: — Assim o quis, assim o teve. Por que havia de teimar num tão desgraçado casamento?! Deus não castiga com pau nem com pedra... — Finalmente que doença levou a Ana? — Qualquer coisa no coração. Por êle viveu, por êle morreu. — Mais baixo, como se receasse que a ouvissem — e oiço-a eu tão bem! — a mesma senhora pergunta: — Sabe-se alguma coisa do marido?

— Lá está para a África ou para a América... para onde o levou a sua má cabeça...

No quarto hermêticamente fechado, o calor torna-se sufocante. Um cheiro exquisito, nauseabundo — aquêle cheiro da morte que penetra até à alma e nunca mais esquece — mistura-se ao perfume dos lírios, quási o domina.

Cansadas, estonteadas, as senhoras caem em uma vaga sonolência. Irresistivelmente os olhos fecham-se-me também e mal Francisca vem buscar-me, adormeço encostada ao seu coração.

Quando acordo, na manhã seguinte, já a minha mãe descansa, sob a pedra dum cemitério.

Semanas depois cabe-me a vez de partir, de deixar para sempre a casa onde nasci. Tudo será vendido. Os credores assim o exigem, oiço dizer.

Mas estas palavras ainda não têm para mim a menor significação. E percorrendo com Francisca, os quartos em que vivemos, o jardim onde aprendi

a andar, parece-me impossível, inadmissível, que isso não vá para onde eu fôr...

—Francisca, logo que chegarmos, quero ver o castanheiro...

Ela responde tristemente:—Meu coração, o castanheiro fica, nós é que partimos.

Tenho um daqueles acessos de cólera, tão vulgares nas crianças e terríveis em mim; bato o pé, grito, procurando apertar entre os braços o largo tronco:—Não é verdade, não quero que seja.—Com a doce firmeza que triunfa de tôdas as minhas perrices, Francisca desprende-me da árvore e, como me recuso a andar, leva-me ao colo.—Ah! se pudesse, à custa de qualquer sacrificio, até o da vida, poupar-te êste desgosto! — exclama baixinho.

Ambas choramos, ela humildemente, resignadamente, como choram os pobres, eu, trémula de revolta, sufocada de soluços, ao transpormos o velho portão, última barreira que nos separa do desconhecido. No jardim, estão em flor as madre-silvas, dos ramos do castanheiro vem um gorgueio alegre de pássaro, sôbre os canteiros, as borboletas continuam o seu leve bailado. É o meu primeiro encontro com a fria impassibilidade das coisas.

Vestida de prêto, coberta de crepes como uma viúva, entro pela mão de Francisca, na grande sala, à beira do rio — aquêle rio, entre todos azul,

transparente, de que as águas possuem o maravilhoso filtro do esquecimento.

Tudo é bonito, claro. Tudo evoca a facilidade, o conforto, a alegria de viver. Decerto nunca ali passaram tristezas, preocupações...

Junto à mesa onde poisa um busto de mulher — mais tarde aprenderei que a linda, altiva cabeça, surgindo do pescoço fino, é a da Princesa Rakowitza, esculpida por Carpeaux — está sentada uma senhora já velha, mas ainda bonita — ah! tão bonita e tão elegante! Defronte, um homem igualmente velho e da mesma irrepreensível elegância, tem entre as mãos um livro, de que interrompe a cada instante a leitura, para exclamar: *Quel mufle!* Devem ser as memórias do Conde de Viel Castel. Tantas vezes relidas, provocam sempre a mesma indignação no meu avô, que há muito projecta dar-lhes um formal desmentido. Porém não antecipemos... Nessa longínqua manhã de Maio, eu ignoro que existiu a péssima língua de Viel Castel e quando, mal fico só com Francisca, pergunto: — O que é... *muflo?* — ela encolhe os ombros: — Sabe-se lá! Esta gente teve sempre a mania de falar de pessoas que ninguém conhece e dizer coisas que ninguém entende!

Sou apenas uma pobre criança... Torturada pela mais horrível timidez, parece-me imensa, quasi impossível de transpor, a distância para chegar àqueles desconhecidos, de quem Francisca

não cessa de repelir: — Os teus avós vão dar-te a sua bênção.— É já a elegante senhora exclama negligentemente:—Manuel, é a pequena...—Mas quando ousou beijar a mão que emerge, delicada, macia, das rendas côm de marfim, a minha avó tem um gesto de impaciência e voltando-se para Francisca, pergunta em tom repreensivo: — Que ideia foi esta de cobrir de trapos pretos a menina?

— Entendi que devia pôr luto pela mãe...

— Pois entendeu muito mal. As crianças não têm luto. Há lá direito de entristecê-las! Fará favor de meter no lume todos estes... adornos de gato-pingado. De amanhã em diante, quero vêr a minha neta vestida de branco...

— Bem, minha senhora.

Cada vez mais acanhada, sinto um único desejo: que o chão se abra e me leve consigo... Entretanto o meu avô aproxima-se, exclama: — Ainda não me disseste o teu nome.—Balbucio: — Ana Guiomar.—Êle levanta-me docemente o rosto que procuro esconder com o braço... — Tem os olhos da mãe, os olhos que lembravam os da Princesa Anna Murat... O mesmo queixinho voluntarioso...

Ela concorda: — Sim, é o seu retrato. Do outro, felizmente, nem um traço.

Na grande sala, uma sombra passa, a primeira, talvez... Mas deve parecer-se com o lençinho, atribuído por Maria Amália Vaz de Carvalho a

uma avó que não tomava a vida a sério, êsse, perfumado de violetas, que enxuga as lágrimas da minha avó. Efêmeras, fugidias lágrimas. . . Não foram feitos para chorar os seus olhos. Azues, transparentes, como o rio, também como êle possuem o maravilhoso filtro do esquecimento. Um minuto basta para que se desvaneça uma sombra e tem sempre pressa de sorrir a velha avó enfeitada. . .

Chegaram de Paris mais cedo que tencionavam. É já um antigo hábito instalarem-se, durante tôda a primavera, no hotel Continental — o mesmo que escolhe a Imperatriz — defronte daquelas Tuilherias, onde tão doce foi viver, dansar. . . Oh! Paris já não é Paris! Em que pode assemelhar-se uma república democrática, burguesa, à mais brilhante côrte da Europa? Mas Worth ainda existe. E a minha avó não admite a possibilidade de passar sem Worth. Certamente foi êle que criou a maravilha de setim cinzento pérola, guarnecida de rendas, leves como a espuma do mar: o seu alegre vestido de luto. Horas depois, ao deitar-me, Francisca dirá: — É indecente. — Mas já eu protesto. — É tão bonito!

Apenas desfeita a nuvem, sem vestígios de lágrimas, o lencinho da avó que não tomava a vida a sério, nenhum caso faz de mim a frívola mãe da minha mãe. Com o meu triste vestido preto, devo parecer-lhe uma nódoa escura na

linda claridade da sala e afasta os olhos para não me ver. Já sôbre mil futilidades o seu espírito paira. Plumas, flores, pequeninas bisbilhotices, murmuradas em surdina, no mistério dos *boudoirs* de *peluche*, as tardes do Polo, a elegância da Avenida das Acácias, e o vestido desta, o chapéu daquela. . . Pelo que muitas vezes ouvi depois, eis os assuntos que julgo terem preocupado, nessa manhã da minha infância, a feliz avó, borboleta infatigável. . . Ah! como eu queria ter herdado as suas leves, descuidadas asas! Mas não é borboleta quem quer.

No entanto, o avô, em quem sempre encontrarei mais sensibilidade, compadece-se do meu abandono. Sobretudo desde que Francisca deixou a sala, obedecendo a um sêco, imperioso:—Pode retirar-se. A menina agora nada precisa — da avó, eu sinto-me uma naufraga, um cão perdido. E como o cão, até das mãos que acariciam tenho medo. Ainda recuo, hesito, quando êle me chama, mas o avô insiste: — Não sejas arisca. Ninguém te quer mal, aqui. — Consegue sentar-me sôbre os joelhos, lembra-se de tudo que julga susceptível de distrair-me, desde a vela branca que passa no rio. — Vê como vai lindo o barquinho. . . se queres, dou-te um igual—até a cadelinha felpuda que dorme sôbre uma almofada. — Apresento-te a Sr.^a Jôia. Tem mau gênio, previno-te. É arisca como tu. Mas quando se conhecerem, hão-de en-

tender-se bem.—É mais do que as suas palavras, conquista-me a doçura do seu sorriso, o calor da sua voz, tudo o que faz o encanto, de que tantas vezes ouvirei dizer à avó: — Ninguém lhe resiste. — Ela costuma aceresentar: — Por meu mal...

A pouco e pouco invade-me uma deliciosa tranqüilidade. Sinto-me protegida, segura. O cão perdido encontrou um dono, a naufraga, um pôrto de abrigo. Já as minhas mãozinhas enardidas ousam brincar com a corrente do seu relógio e reparando no anel brazonado que tão bem se casa à palidez da mão, pergunto: — Isto para que serve? — Êle responde, rindo: — Para pouea coisa, parece-me. — Mas a avó exclama, impaciente: — É preciso corrigir esta eriança do péssimo hábito de fazer perguntas. Ah! palpita-me que não vai ser fácil edueá-la! — Doemente conciliador, o avô protesta: — Há-de obedecer-te, verás. — E porque me sente humilhada, confusa, chega-me, com maior carinho, para o seu coração. Os meus olhos percorrem a sala que, à primeira vista, me deslumbrou e de que só agora descubro os deliciosos detalhes. Ah! que encanto de *bergères*! Mas, a não ser a avó, vestida de setim, quem ousará sentar-se nelas? Sôbre as mesas, rodeados de rosas *Maréchal Niel* — lindas rosas doiradas! — sorriem os retratos da sua mocidade: em leves musselinas, sob a grande *capeline* florida; o pescoço alto, delgado, o seu pescoço de eisne, emer-

gindo de uma sumptuosa capa de arminho, decotada — e que maravilha deviam ser os seus ombros! — como valsava nas noites de Compiègne. . . Apenas um me parece feio, com o grotesco inseparável de certos figurinos antigos, o que reproduz a horrível moda da *tournure*. A êsse alcijão, nem a elegância da avó resiste! E só consigo reprimir o riso, sempre fácil, pronto, nas crianças, porque, já à minha custa, aprendi que não é para graças a dona da ridícula excrescência. . . em que insólito lugar! O avô, que me segue interessado, divertido, explica: — Tudo tem o seu tempo. Fêz furor essa extraordinária moda! As senhoras andavam ao desafio para ver qual usava uma *tournure* mais atrevida, maior! Houve-as que não cabiam nas portas. . . — Com um suspiro acrescenta: — Já o mau gosto imperava. Se não me engano, veio logo depois da Mac Mahon.

Porém, Mac Mahon e a *tournure* exagerada da avó parecem-me coisas de bem somenos importância. Os meus olhos acabam de encontrar o que, acima de tudo, há-de surpreendê-los, maravilhá-los. O grande quadro, representando um grupo de mulheres — ou de fadas? — com vestidos que abrem como enormes papoilas, sôbre a relva. . .

E embora me lembre — oh! lembro-me muito bem! — que devo corrigir-me do péssimo hábito

de fazer perguntas, não resisto à tentação de interrogar o avô:—Isto como se chama? — Longe de zangar-se, êle mostra-se encantado com a minha curiosidade:—É uma cópia do célebre «Décaméron», de Winterhalter.

A avó impacienta-se de novo:—Estás perdendo o teu tempo, Manuel. A pequena ainda não tem idade para perceber essas coisas. De resto, parece-me pouco esperta...

Êle insiste — é deliciosamente teimoso o meu avô! — Quero que a Ana Guiomar se interesse por tudo de que nós gostamos. Acho-lhe, o que considero mais indispensável, a compreensão da beleza, da elegância. Vê como logo reparou no nosso melhor quadro... — Depois, para mim, ternamente persuasivo: — Dize, «Décaméron»... — A avó encolhe os seus desdenhosos ombros, ouvindo-me repetir, como um papagaio: — Dé-ca-mé-ron... Mas não consegue afastar-me os olhos do grupo adorável e, quando o avô explica: — É a Imperatriz, com as suas damas, no parque de Saint Cloud. Usavam-se então as *crinolines*. Nunca houve mais graciosa moda; que o diga a tua avó... ficavam-lhe a matar! Como vês, tôdas são elegantes, bonitas, de ombros deliciosamente descaídos e colos tão brancos, entre as rendas dos *fichus*... Aquela, muito loira, ainda mais loira do que a Imperatriz, chama-se Marquesa de las Marismas; a que estende o lindo braço para

um ramo de flores é a Condessa de Latour Maubourg...—já eu lhe bebo as palavras.

Querido, por hoje têm de contentar-te estas recordações, que a memória colheu ao acaso, nos dias da minha infância. Estou cansada. A pena cai-me das mãos. Amanhã continuarei, com mais ordem e clareza, espero.

Tua
ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 2 de Abril.

Querido

Começarei hoje por falar-te mais detalhadamente dos meus avós, o que julgo indispensável para explicar a atmosfera em que me formei, alguns dos meus gostos, das minhas tendências e até aquela invasão de *crinolines*, na sala à beira do rio...

Os felizes mortais — como me habituei a chamá-los e decerto ninguém mais do que eles, mereceu esse nome — que acolheram a minha precoce orfandade — ela, com uma pontinha de mau humor; êle, com carinho, indulgência, durante

nove anos nem um momento desmentidos—casaram cedo, por amor, bem entendido... Assim competia ao maravilhoso conto de fadas que foi a sua vida. O avô, inteligente, elegantíssimo, fêz andar a cabeça à roda a tôdas as raparigas dêsse tão romântico tempo e quando, após alguns curtos idílios, o Príncipe Encantador fixou a sua escolha, não tiveram conta, pêso, nem medida, as anemias, tosses e cheliques, que ela desencadeou. Para avaliar a belza da eleita, mesmo que não existissem os retratos da mocidade, bastaria o que, como num *pastel*, apenas levemente desbotado, quási até morrer, a avó conservou.

Passada a lua de mel, êle foi ocupar um pôsto diplomático em Paris. Acabara de realizar-se a profecia da velha cigana, no jardim de Carabanchel:—Subirás muito alto...—Eugénia de Montijo era Imperatriz. Seguindo o exemplo do tio, Napoleão III, só ouvira o seu gôsto e o seu coração. Mas, como o avô nunca se esquecia de acrescentar:—Que diferença, que abismo, entre a nobreza... feita à pressa, de Josefina de Beauharnais, e a origem ilustre daquela tantas vezes grande de Espanha! Noutro ponto ainda, o sobrinho levava a palma ao genial Imperador. Josefina, viúva há muito consolada, era a *bonne amie* de Barras, etc., etc... vários etc., etc. E só à fôrça de artificios, de *coquetterie*, se defendiam os seus já avariados encantos. Eugénia, embora um

pouco emancipada — para a época... acualmente tôdas nós a acharíamos *bota de elástico*— tinha uma reputação intacta, estava em plena mocidade, em plena formosura, naquele dia de apoteose — a mais linda festa imperial a que assistiram os meus avós — quando, antes de entrar na igreja, fez ao povo de Paris, a primeira das suas famosas medidas. Ah! queria que ouvisses o avô descrever essa medida! E a elegância com que ela atravessou, vestida de veludo branco, sob o pesado, sumptuoso diadema de safiras e diamantes, a majestosa nave... Sim, fôra um dia único, quasi irreal, de que os avós tudo gozaram. Era já noite quando recolheram ao seu hotel da Praça Vendôme, depois de ainda terem visto a Imperatriz, envolta em magnificas zibelinas, partir para o idílico castelo de *Ville Neuve l'Étang*, quasi escondido entre as árvores de Saint Cloud, que devia abrigar essa curta lua de mel, a que, segundo pretendiam as más línguas, se tinha limitado a fidelidade de Napoleão... — O Imperador muito mau exemplo deu! — dizia a avó, e pelo suspiro que acompanhava o comentário, fácil era depreender-se que algumas vezes o delicioso avô os seguira, fizera também das suas. Mas a-pesar disso ou... por isso mesmo, talvez — há quem pretenda que, não abusando, bem entendido, pois nas melhores coisas o abuso é defeito, uma pequenina infidelidade torna os maridos mais amá-

veis — à deslumbrante festa do casamento, seguiu-se, para ambos, a outra, fabulosa, quasi inverosímil, que durou emquanto êles duraram, porque já há tanto apagados os lustres de Saint Cloud, caladas as valsas de Strauss, desfeito como castelo de cartas, todo o frágil Segundo Império, ainda pela lembrança a prolongavam. . .

Pouco tempo decorreu sem que, graças à situação do avô, à sua nobreza autêntica — coisa rara, numa côrte onde grande parte dos nomes, embora de tão retumbante sonoridade, encobria bem humildes origens — e ainda mais ao seu encanto pessoal, à beleza da avó, todos os salões se lhes abrissem, desde o das Tulherias, na deliciosa intimidade das segundas-feiras, quando Merimée, depois de tomar parte em jogos, realmente bastante pueris, exclamava: — *On n'a jamais été aussi bête!* — até aquêlc, um tanto *frondeur*, a que presidia a Princesa Matilde. . .

Com um admirável instinto da elegância, ajudado pelas facilidades que dá o dinheiro, — os avós eram ricos e gastavam como se fôsem riquíssimos! — a linda avó logo se tornou uma das clientes preferidas de *Palmyre* e *Madame Vignon*, as grandes costurciras da época, até que Worth, lançado por Pauline de Matternich, tôdas ultrapassou. Não houve *redoute*, caçada, almôço sobre a relva — o famoso almôço em que os homens apareciam de chapéu alto e as senhoras de

balão—a que a avó Guiomar—os franceses adoravam-lhe o nome romântico—faltasse.

No grande baile de máscaras, para inauguração do palácio Alba, o seu vestido teve um doido sucesso. Fugindo às extravagâncias que ridicularizaram tantas outras—a Princesa Matilde lembrou-se de aparecer semi-nua, com o corpo pintado de negro!—Guiomar foi uma pastorinha de Watteau, adorável nos seus *paniers*. Ainda ligeiramente despeitado, o avô declarava:—Adorável e... adorada, um pouco demais para meu gosto, não para o daquele formoso Edgard Ney, com quem dançou e *flirtou* tôda a noite!

Aos sessenta e muitos anos da avó voltava o delicioso rubor dos vinte; batendo furiosamente o pèzinho, retorquia:—Não é verdade. Se fôsse, tinhas apenas o que merecias. Nem um momento deixaste certa marquesa Luiz XV... Ah! sem dúvida, Mélanie de Pourtalès metia num chinelo a humilde pastorinha. Pequenos despiques sentimentais, que restituíam as rosas da mocidade, rosas fora do tempo, ao fanado rosto da avó, doces, pueris velharias, passadas há... mil anos, alongo-me talvez demais a evocá-las. Nenhum interêsse deves achar-lhes. Mas foram para a minha infância, aquêlê absurdo, adorável país, que um escritor inglês chama o de *beautiful nonsense*, o do lindo disparate... quer dizer o nosso país de predilecção. E eu prometi falar-te da minha infância.

Sentada num banquinho, junto da avó, que acabara por adoptar-me como à *Jóia*, e, contanto que uma não ladrasse e a outra não fizesse perguntas, gozávamos dos mesmos privilégios na sua sala, eu não perdia uma única palavra, dêsses longos quási intermináveis diálogos, em que os bailes, os vestidos, e... os escândalos do Segundo Império, revíviam. Tudo me encantava, até mesmo o que não percebia, nem devia perceber. Depois, para dar-me ares, muito importante, muito de alto, gostava de repetir a Francisca:—O Duque de Morny não tinha o direito de comprometer assim a Condessa Lé Hon... Parece incrível que o Imperador descesse até Marguerite Béllanger. Ela encolhia tristemente os ombros, exclamando:—Aí filha! já estás tão doída como êles!—E procurava interessar-me de novo na história da Princesa Magalona, delícia dos meus primeiros anos... Pobre Magalona! Outra surgira que todo o seu encanto ofuscava, primeira no espírito, rainha da moda, guiando através das salas, a alegre, doída farândola do prazer e do luxo: Pauline de Matternich. A avó achava-a feia. Mas o avô declarava gravemente:—Tinha a graça, que vale mil vezes mais do que a beleza.—E desde que lho ouví dizer, sempre que Francisca, vendo-me com a minha boneca mais querida—era de trapos, já suja, horrenda!—no colo, se permitia a habitual observação:—Os teus avós dão-te bonecas tão boni-

tas. Por que hás-de preferir essa mona?—eu res-
pingava, sentenciosa, espevitada:—É como Pau-
line; se não tem a beleza, tem a graça, que vale
mil vezes mais.

Assim fáceis, ociosos, decorriam horas, sema-
nas, anos; punham mais um fiozinho de prata
no cabelo do avô, mais uma pequenina ruga na
pele mimosa da avó, mas nem vestígios de preo-
cupação deixavam nas suas ligeiras, frívolas almas!
Eu crescia ignorante, descuidada, feliz...

Todos os dias os avós declaravam: É preciso
mandar vir uma mestra para a Anita! E sem che-
gar a uma conclusão, aliás, discutiam-lhe a nacio-
nalidade. Ao avô, parecia que as alemãs tinham
muito método; entretanto receava que fôsem de-
masiado severas com uma pequena tão sensível,
coitadinha!... A avó achava-as feias, desasadas,
um objecto de horror para a exigência dos seus
olhos. As inglêsas com a mania do *sport*, podiam
obrigá-la a exercícios violentos.—Devemos lem-
brar-nos que é filha de uma mãe tão fraca...
—Quanto às francesas, pouco tempo suportariam
o exílio e para estar vendo caras novas a cada
instante... Invariavelmente a avó acabava por
lamentar-se:—Ah! que sacrifícios esta criança
nos impõe! Decerto não somos egoístas, mas a
dedicação tem limites...

E os dias passavam, nenhuma mestra apa-
recia, ninguém se ocupava da minha instrução.

Isto é: quando fiz nove anos, a pobre Francisca, indignada contra o desleixo dos meus avós, procurou ensinar-me o pouco que sabia. Com ela aprendi a ler, numa cartilha de enormes letras, soletrando à antiga, *b, a, bá*. . . a escrever o meu nome, com finos e grossos, e a contar. . . matéria em que aliás fiquei pouco forte.

Até que, encontrando-me grave, concentrada, de língua de fora—a língua de fora inseparável de tôda a aplicação infantil—defronte de um caderno onde traçava, imensos, redondíssimos *ás*, o avô decidiu encarregar-se da minha educação. Assim eu conseguisse dar-te uma ideia do prazer que foram as suas lições!

Não fêz de mim—oh! graças a Deus não fêz!—um poço de ciência; melhor do que ninguém, o avô sabia que se passa admiravelmente sem a ciência, mas ensinou-me tudo o que pode encantar o espírito, desde a História, ou por outra, a que os franceses qualificam de «Pequena História», a mais interessante, até à Geografia, evocadora das longas viagens, das fabulosas aventuras. . . Inculcou-me o amor dos livros,—amigos fiéis, únicos que ficam quando os outros passam. Aos doze anos, já a todos os divertimentos e até mesmo ao famoso banquinho junto da avó, eu os preferia.

Não posso acrescentar que um grande discernimento presidisse à sua escolha. Metida na bi-

biblioteca, devorava o que me vinha às mãos; Francisca dizia tristemente:—Acabarão por dar-lhe volta ao miolo como aconteceu à mãe.—A avó surpreendendo-me mergulhada na leitura de *Monsieur de Camors*, indignou-se também.—Isto não se permite a uma criança!—O avô concordou:—Efectivamente parecia-lhe um pouco cedo para a Anita ficar sabendo como são os homens de que as mulheres gostam...—Tomou-se a grave resolução de fechar à chave Octave Feuillet.

E só com a ideia do míope, tímido, hóspede de Saint Cloud, condenado à prisão, a avó soltou uma daquelas frescas gargalhadas, que o avô comparava ao tilintar dos cristais. Porém não houve maneira de encontrar-se a chave... A biblioteca continuou aberta. De *Monsieur de Camors*, eu passei ao *Jeune homme pauvre*, com alternativas de Cadichon, o delicioso burro da condessa de Ségur, que, valha a verdade, longe esteve de parecer-me o menos interessante dos três. Querida, adorável Ségur! Quanto me dariam hoje, para aturar os falsos, pretensiosos heróis de Feuillet, mas como ainda me prende e encanta, todo o pequeno mundo que ela criou!

À Francisca devo ter feito, embora tarde, a minha primeira comunhão. Decerto os avós não se opunham, achavam mesmo de tóda a conveniência que eu recebesse uma educação religiosa, mas... dava tempo. A avó queria trazer o ves-

tido de Paris e não era coisa que se escolhesse de um dia para o outro. O catecismo começou por exasperar-me. Já terrivelmente orgulhosa, argumentadora, exigia a explicação de todos os mistérios.

Paçiente, com a serenidade que dá a verdadeira fé, Francisca limitava-se a responder:— São maneiras de falar de Deus. Há anos, séculos, que se ensinam às crianças. Faze como as outras: aprende, não discutas. A sua rude voz minhoto impregnava-se de grave, persuasiva doçura, acrescentando:— Sê humilde: só assim agradarás. Àquele que, entre todos grande, poderoso, tão pequenino se fêz, para mais perto ficar de ti.

Eu acreditava o que ela dizia. E já todos os feios instintos de orgulho e revolta se tinham calado no meu coração, quando, sob uma coroa de rosas, recebi o Senhor. Era em Abril. A capela cheirava a jasmíns...

Querido, não tardam os dias maus, as sombras negras. Por hoje, deixa-me descansar, nesta lembrança, a mais suave e pura da minha vida.

ANA GUIOMAR

Lisboa, 4 de Abril.

Querido

Com a primavera e as *Maréchal Niel*—as lindas rosas doiradas—começavam os preparativos da habitual viagem. A avó não dispensava dez malas—pelo menos! Pouco levavam, mas de Paris, tinham sempre tanto para trazer! Entre divertida e desconsolada, eu via dispor cuidadosamente, nos taboleiros, a fina roupa que exalava um doce perfume de violetas. À avó nada ousava dizer, porém mal ficava só com o avô, não cessavam as minhas súplicas:—Leve-me, leve-me, avôzinho! Desejo tanto ir a Paris!—Ele respondia tristemente:—Não pode ser. A avó não quiere.—E logo depois, incapaz de suportar a pena que lia nos meus olhos:—Para o ano, talvez, se tiveres muito juízo, se não fizeres zangar a avó.

Na hora da despedida, enquanto multiplicava as recomendações:—Cuidado com a *Jóia!* Não a deixem sair da quinta! A menina que não lhe toque com as mãos sujas—ela punha-me na testa, um breve, distraído beijo, mas era preciso ouvir a sua voz imperiosa:—Então, Manuel, ficamos aqui?—para que se desprendesse o abraço do avô.

Pareciam-me intermináveis, cheios de tédio, os meses que durava a sua ausência. Em vão, Francisca procurava entreter-me, contando-me histórias, vestindo as minhas bonecas. Eu já tinha aprendido a dizer como a avó: — Isso não se usa. Isso é do tempo dos Afonsinhos.— Sobre-tudo tratando-se de Pauline, nada me contentava: — Bem vês, Francisca, ela é que dá a moda; devem ser sem um único defeito as suas *toilettes*.

De tarde, nos passeios à beira do rio, seguia calada, pensativa, julgando mostrar assim a minha importância. A pobre, humilde mulher podia lá compreender os assuntos que me interessavam! Mas bastava uma dor ou um desgosto, um desses desgostos exagerados das crianças—imaginei morrer de pena quando a *Jóia*, que não partilhava a minha admiração pela rainha da moda, lhe cravou os dentinhos agudos na cabeça!—para que, de novo, eu me acolhesse à sua ternura: —Francisca. Francisca, só de ti gosto, só te quero a ti! — Com a mesma incansável solicitude, ela acudia ao meu sofrimento, conhecia todos os remédios que aliviam; por qualquer pequenina constipação, passava a noite inteira sem dormir, ao pé de mim; cheia de paciência, cosia os golpes na cabeça de Pauline e, apenas o mal remediado, exclamava, docemente irónica: — Estás servida. Já podes fazer de princesa, macaquear outra vez, as figuronas de balão...

São ingratas, cruéis, as almas das crianças. Também muito tinha de vaidosa e covarde, a minha alma. Mostrando a Francisca o carinho que nunca deixei de sentir, receava desmerecer no conceito da avó. Tantas vezes lhe ouvi:— Devemos tratar bem os criados, mas sempre a devida distância. Não são iguais a nós. — E na verdade, Francisca não era igual à avó: era-lhe imensamente, infinitamente superior. Havia, entre elas, o abismo que separa de uma boneca, uma alma.

Passados três meses, os avós voltavam. Eu esperava-os à porta da quinta, com o meu bibe muito engomado, um grande laço no cabelo, as mãos carregadas de flores e a grave resolução de ter propósito, não saltar ao pescoço do avô, não fazer, logo de entrada, coisas que desagradassem à avó. Porém, mal o avistava, corria para êle, de um só pulo, estava nos seus braços... E eram inúteis tôdas as exclamações, deplorando a minha selvageria. O avô apertava-me contra o coração, feliz, como se voltasse a encontrar um tesouro perdido! Entretanto a *Jóia*, com a caudazinha erguida em forma de pluma, ladrava alegremente. Das mãos pequeninas da avó, caíam, já amachucadas, as flores do ramo.

Que alvoroço, que excitação, quando se abriam as malas e, no perfume suave das violetas, eu via surgir os mil folhos, rendas, laços, escolhidos para

mim!—Depressa, Francisca, veste-me. A avó quere ver como me ficam as *toilettes* de Paris.

Com uma pontinha de ironia, Francisca aconselhava-me a moderar a minha impaciência:—Tens tempo. Os trapos não fogem. — E depois de enfiar-me as complicadas musselinas, atar-me à cintura os grandes laços de sêda, exclamava irresistivelmente:—Ai! filha, estás mesmo o que se chama um entremez!—Eu protestava furiosa:—A avó diz que os meus vestidos foram feitos na casa que trabalha para a neta da Generala Gallifet. Vê lá se queres saber mais do que a avó, mais do que a Generala...—E todos os espelhos pareciam-me poucos, para reflectirem a minha elegância, vinda de Paris. Mas o terror de rasgar tão frágeis maravilhas, paralisava-me os movimentos; a custo reprimia o meu alívio quando Francisca me punha de novo um daqueles vestidos simples, claros, que na sua preocupação do asseio, constantemente lavava, engomava. Ah! com êsses não havia mêdo de correr, saltar, fazer castelos de areia, *croquettes* de terra! E ser feliz, prodigiosamente feliz, como só podem sê-lo os que vivem ao abrigo da incómoda civilização!

Quanto aos presentes do avô, enchiam uma grande mala! Eram bonecas de todos os tamanhos, com enxovais luxuosos, certamente encomendados também nas mesmas casas que vestiam as bonecas da neta de uma Generala; camas sob docéis de

rendas, cadeiras estofadas de sêda, carruagens e cavalos, movidos por complicados maquinismos, mil brinquedos preciosos que eu acolhia, no auge do entusiasmo e, passados dois dias, trocava pela minha Pauline, feia, suja, de quem as equipagens consistiam em velhas caixas de charutos, puxadas a cordel!

Setembro findava... A avó fazia o que chamava as suas despedidas de verão: visitas aos solares da vizinhança, óptimo ensejo para mostrar os vestidos de leves, transparentes musselinas, em que abriam festões de rosas, e as largas *capelines*, floridas de cravos, papoilas, espigas — um jardim sôbre outro jardim—a que as graves morgadas relanceavam os mais severos, pasmados olhos. Muitas vezes, não sei se também com o propósito de expor ao deslumbramento dos velhos solares as minhas *fanfreluches*, a avó queria que eu partilhasse essas visitas, o que, diga-se de passagem, longe estava de encantar-me. Nas casas onde não havia crianças, após um breve, distraído: — Está muito alta. Está uma senhora... —ninguém me dirigia a palavra; sentada na ponta de uma cadeira, lutava contra um sono quási invencível, enquanto a florida avó pretendia, com fraco resultado aliás, interessar as gordas, indolentes senhoras, nas mil frivolidades da sua predilecção.

Muito piores ainda eram aquelas em que,

chamados à sala, para conhecerem a Primi-nha Anita e lhe mostrarem os seus bonitos, me-ninos entravam de cabeça inclinada, como se tencionassem marrar, dedo na bôca ou . . . no na-riz, respondiam a tudo:—Sim, mamã! — e mal se apanhavam sós comigo, em vez de mostrarem os bonitos, deitavam-me a língua de fora, puxa-vam-me pelas pontas do laço, arrastavam-me para os cantos mais selvagens da quinta, onde as silvas me rompiam o vestido, enchiam-se de lama os meus sapatinhos de verniz e algum sorrateiro empurrão atirava-me de encontro a uma pedra ou um tronco de árvore. Por vezes, raras em-bora—eu nasci paciente, sofredora—não me con-tinha, pregava, no primeiro que via ao meu al-cance, um bofetão mestre. O menino gritava como se o assassinassem e logo uma criada surgia fu-riosa que, increpando-me de bruta, fera, etc., etc., o levava pela mão. Os outros faziam côro de queixas e injúrias.

Depois, na volta, a avó, examinando os rasgões do vestido, a lama dos sapatos, repreendia-me severamente:— Parece incrível, não saber diver-tir-se, sem pôr-se neste estado de porcaria e des-leixo! — Eu calava-me, mordendo os beiços para não chorar. . . Assim aprendi a conhecer, junta-mente com a ferocidade humana, a injustiça, sua irmã.

Mas vinha o outono — o doce outono apazi-

guador. A avó declarava que, até para o ano, semelhantes «trouxas» não tornariam a pôr-lhe os olhos em cima. Ah! como era possível, neste século de civilização e boas costureiras, haver ainda quem, tão mal, tão vergonhosamente, se arranjasse?! O avô respondia com um madrigal: —Aqui, só o rio, nos seus vestidos *pailletés* de diamantes, ousa fazer concorrência à tua elegância. — Ela sorria, encantada, e iam juntos colher as primeiras violetas do jardim. Porém, friorenta como as andorinhas, a avó tinha sempre pressa de recolher. Eu ficava com o avô, só para mim, todo para mim! Podia finalmente dizer e, sobretudo, perguntar o que quisesse. A terrível avó estava longe, no fundo da sua *bergère* doírada...

— Avôzinho, por que é que o cuco já não canta?

— Pela mesma razão por que as andorinhas desapareceram. São pássaros que vêm com a primavera e com ela se vão.

— E para onde vai a primavera? O que está fazendo?

— Enche de flores e de ninhos outros países...

— E quando é que volta?

— Daquí a algum tempo...

— Amanhã?

— Tontinha! Não sabes que temos o inverno à porta?

— Quantos dias dura o inverno ?

— Dura meses.

— Meses ? ! Avôzinho, muito devagar anda a vida !

— Para as crianças. Mais tarde, terás pena que ela ande tão depressa.

— Eu queria ser grande... E parece-me que nunca lá chego !

— Chegárs, descansa.

Aos nossos pés caíam as fôlhas dos plátanos. Eu corria a apanhá-las e exclamava:—Avôzinho, as fôlhas voam como os pássaros.— Êle respondia tristemente:— As fôlhas voam para morrer.

—O que é morrer ?—O avô hesitava; depois, com uma grande ternura, a ternura de quem se despede:— Para elas é desprender-se da árvore. Para nós é separar-nos dos que nos são queridos e não os ver nunca mais. Entretanto a avó tem razão. Anita, tu abusas das perguntas...

— Avôzinho, eu gosto de saber. Mas agora acabou-se. Não fique zangado, não torno a perguntar.—Para fazer as pazes, trazia-lhe uma fôlha vermelha... — Repara como é linda, até parece uma rosa...

O avô murmurava, tão baixo que eu mal o ouvia:—Já ví cair tantas fôlhas!—E os seus olhos alheavam-se de tudo que o rodeava, iam longe, longe, não sei onde, ao outono de Saint Cloud talvez, quando sôbre as alamedas atapetadas de

oiro, pousavam os pés miúdinhos de Mélanie de Pourtalès...

Mas não era sem encanto êsse inverno de que fugiam o cuco e as andorinhas. No fogão da sala, ardia sempre um grande lume. Sobre tôdas as mesas, em volta de todos os retratos, havia uma profusão de violetas; apenas acabavam as do jardim, o avô que, nem de leve preocupava a despesa, mandava-as vir de Nice. Guiomar não podia passar sem violetas.

Instalada junto ao fogão, divertia-me atirando-lhe pinhas, de que via erguer-se uma pequenina chama, logo desfeita... Tinha no colo Pauline, coberta de casacos e chailes, para que não se constipasse. A avó aconselhava-me a queimar aquêlê horrível estafermo; eu apertava com mais sôfregos braços a minha querida boneca, pousava-lhe, na sujíssima testa, um beijo apaixonado e, inconsciente da verdade que encerravam as minhas palavras, dizia:—Ela não sabe o que é o amor de mãe!

Muitas vezes passava horas com o rosto colado aos vidros da janela, vendo a chuva cair sôbre o rio. O que me atraía, em que pensava? Nem eu própria poderia explicar. A avó achava-me de uma inércia assustadora e completamente destituída de inteligência. Mas o avô protestava:—Enganas-te: a Anita, como tem vivido sempre longe doutras crianças, aprendeu a tirar da sua imagina-

ção tudo que a diverte. Em tudo encontra interesse, encanto. Tudo lhe desperta a curiosidade, qualquer pequeno pormenor a faz reflectir.—A avó sorria, incrédula ... E era ela certamente que tinha razão. Entretanto, nas *bergères* tão próximas, que, a cada instante, as mãos se encontravam e, à imagem dos corações, ficavam ternamente unidas, prosseguia a habitual tagarelice, doce, frívola, maliciosa, um pouco mais triste à medida que os anos passavam e as brilhantes amigas da avó iam desfazer-se em cinza, no fundo escuro de uma cova. Ah! já quantos lugares vazios! Outras envelheciam, justificando a opinião de Julieta Récamier. *Il y a peu de temps à être belle et beaucoup à ne pas l'être...* Pobre Marquesa de las Marismas, onde estavam as suas *anglaises* loiras? E a elegância tão leve de Contades, a intrépida amazona que subia a cavallo as escadas do seu castelo? O avô exclamava:—É pior do que morrer!—A avó dizia:—Sou muito mais nova; contudo, se chegar à idade delas, espero defender-me melhor.

Lembro-me que, um dia, ousei perguntar ao avô:—Quantos anos tem a avøzinha?—Ele olhou em volta de si, aterrado, soltou um suspiro de alívio, verificando que estávamos sós, respondeu:—A avøzinha é muito nova. Mas não te lembres de fazer tão inconveniente pergunta outra vez. Se ela ouvisse, castigava-te como nunca te castigou.

Mais cedo do que esperava—ainda não tinha

oito anos!—realizou-se o que se tornara o meu maior desejo: conhecer aquêlê Paris de que tanto ouvia falar. Era em Maio e que Maio incomparável! Parecia-me nunca ter visto tamanho esplendor de rosas no jardim. Os avós festejavam as suas bodas de ouro. Um magnífico colar de pérolas, há muito cobiçado —a avó já não gostava das suas, achava-as insignificantes e de uma côr *fade*, sem brilho, como se estivessem mortas—cingiu-lhe o pescoço. Para satisfazer tão dispendioso apetite, o avô tivera de vender uma propriedade, mas, como a Margarida do Fausto, Guiomar riu de ver-se tão bonita no seu espelho. Em vão a pele começava a engelhar-se, o colo perdia a graça esbelta dos cisnes; muito míope e muito adulada, ela conservava intacto todo o tesouro das suas ilusões. E bastou ouvi-la dizer: —És melhor do que um marido, és o meu eterno noivo!—para que o doce, fraco avô, se considerasse largamente compensado.—Entretanto quis também um presente. Sem hesitação—oh! imprudência!—a avó declarou:—Concedido.

—Nêsse caso, levamos a pequena...

Um terramoto não produziria maior pânico, maior consternação do que estas palavras. Podia lá admitir-se tão insensato projecto! Com certeza o avô não estava em seu juízo. E a avó invocava os mil inconvenientes, dificuldades... até catástrofes, que daí surgiriam. Como haviam de

aceitar um convite, fazer uma visita de cerimónia? A pequena podia adoecer, ser atropelada, cair de uma janela! Quem havia de lavá-la, vesti-la?

— Arranja-se uma criada ou mesmo uma mestra, o que terá, além de outras vantagens, a de ensinar-lhe francês. A Anita, em coisa alguma há-de incomodar-te, verás...

Ela ainda alegou a despesa, o ano mau... Não era ocasião para fazer loucuras. Mas o avô insistiu, a todos os argumentos opôs um teimoso: — Guiomar, tu concedeste.— Furiosa, aliás, Guiomar acabou por ceder. Lavava de semelhante disparate as suas mãos.

O meu entusiasmo foi indíscritível. Durante os dias que precederam a partida, não me calei um instante.— Isto promete...— dizia a avó, enquanto a minha velha criada, inconsolável com a perspectiva da nossa separação, exclamava bruscamente:— Credo, filha! Já não posso ouvir-te! Tanto escarcéu por tão pouca coisa! O que pensas tu que vais encontrar em Paris? Gente e bichos como em tôda a parte.

Pobre Francisca! Com que enternecedora solícitude, se ocupou da minha pequena mala! Chamava-me, desejava que eu visse onde acharia tudo de que precisasse.— Levas seis camisas. E ainda são demais para ficarem por lá. Vão também seis vestidos, lavados e engomados. Estamos quási no verão, mas, à cautela, sempre meto o teu çasaquí-

nho de lã. Se tiveres tosse, lembra-te que pus no taboleiro um pacote de rebuçados, e, caso sintas fraqueza, lá encontrarás também as bolachinhas de que gostas.—Mais tarde, na amarga vida, quando fazia as malas, para mudar de solidão, os olhos enchiam-se-me de lágrimas, lembrando-me do carinho que protegera a minha primeira viagem. Mas, nesses remotos dias, só aos olhos de Francisca o pranto assomou. Os meus brilhavam de entusiasmo, de prazer! E tão grande foi a pressa de subir para o combóio, que me esqueceu dar-lhe um beijo de despedida! Ia a Paris, numa carruagem de que os estofos me pareciam a última palavra do luxo, do confôrto, levava a minha mala, a minha almofada, um *plaid* sobre os joelhos, era uma senhora como a avó. O que ficava para trás, pouco, nada importava.

— Agora — disse-me baixo o avô, espero que, segundo prometeste, estarás quieta, calada, para mostrar que sabes ser uma menina de juízo. — Eu respondi, sem hesitar:— Fique descansado, avôzinho. — Mas — aí de mim! — uma coisa é prometer, com as melhores das intenções, aliás, outra é cumprir. Na primeira estação precipitei-me para a janela, quis ver o que se passava. Tudo me pareceu sensacional, extraordinário! Gritei:— Avôzinho, olhe que chegámos a Paris. Vai ali um homem com uma lanterna na mão, decerto para mostrar-nos o caminho. — À avó, tomando aquêle

ar de supremo desdém, que tanto me intimidava, exclamou:—Já é preciso ser tola!

—Pobre pequena! Lembra-te da sua idade!—
acudiu logo o avô. E acrescentou para mim:—
Ainda temos muito que andar; sossega que não te deixarei no combóio.

—Eu gostava de saber a que horas chegamos...

—Só amanhã à noite estaremos em Paris.

Àmanhã à noite... Pareceu-me o prazo demasiado longo para condenar-me à imobilidade e sobretudo ao silêncio. Inaugurei uma longa série de perguntas:—Avôzinho, passa-se pelo Brasil? Atravessa-se o mar? Há leões no bosque de Bolonha?—A tudo êle respondia com a sua rissonha paciência, recomendando-me apenas que, se não podia estar calada, pelo menos falasse baixo. Já duas vezes a avó se servira do seu frasquinho de sais: doia-lhe certamente a cabeça. Porém, meu Deus, era tão difícil falar baixo, estando assim no auge da excitação! Mais difícil ainda, ficar sentada, quando o combóio parava e os pregões de água fresca, tremoços, cestinhos de fruta, mil coisas deliciosas, me chamavam à janela, se não para comprar, o que seria o ideal, pelo menos para sentir-lhes o bom cheiro, adivinhar-lhes o bom gosto. E não me continha: apenas um longo apito anunciava a proximidade da nova estação, desatava a correr de um lado

para outro, até descobrir de qual ela surgiria. Quiseram os maus fados, que, uma vez, o combóio, recomeçando a andar, me fizesse perder o equilíbrio e estatelar-me desastradamente sôbre o colo da avó... Até ali ela refugiara-se num mutismo de vítima resignada. Mas... era demais, a tal desafôro nem paciência de santa resistiria! Com um olhar que fêz gelar-me o sangue nas veias, disse: — Ou a menina sossega imediatamente ou eu a deixo no próximo apeadeiro. — Ainda balbuciei:—Avôzinha, foi sem querer...—o que longe estive de comovê-la. — Por querer ou sem querer, meta-se noutra e verá o que lhe acontece.

Não pronunciei mais uma palavra, nem a um único movimento me atrevi. Daí a pouco, chegávamos ao Pôrto, onde tomámos o *Sud*. E foi pior, mil vezes pior! Enjoei. O avô pôs-me água de Colónia na testa, a avó, de muito mau humor e repetindo constantemente «Eu bem dizia», palavras mais odiosas de todo o vocabulário humano, deu-me a cheirar o seu frasquinho de saís. Nada conseguia aliviar-me. A avó impacientava-se, já declarava ao avô:—Esta pequena podia coibir-se, lembrando-se de quanto nos incomoda, mas parece fazer de propósito...—Êle, com as lágrimas nos olhos, respondia:—Coitadinha!—E entre arrancos terríveis, eu gritava:—Chamem a Francisca, quero a Francisca!—até que,

perto da fronteira, extenuada de gritar e... do resto, adormeci profundamente.

Quando acordei, era dia. Um fino aroma de campo entrava pela janela. A avó, já elegante, pintada, perfumada e de melhor humor, acabara de almoçar. O avô trouxe-me uma xícara de café com leite e afagando-me ternamente a cabeça, disse:—Não parece a mesma que tanto nos deu que fazer ontem.—Ao que a avó logo acrescentou:—Nem é bom falar nisso!—Contudo o desastre, de que eu corava como se de vergonha ou crime se tratasse, dir-se-ia não ter sido o primeiro a que assistiam e em que mesmo tomavam parte.

Emquanto a avó me vestia apressadamente—devíamos estar perto de Hendaye—o avô lembrava certo passeio no mar, organizado pela Imperatriz e onde, exceptuando ela, tôdas as senhoras enjoaram. A avó protestou:—Falas só nas senhoras, como se aos homens não tivesse acontecido exactamente a mesma coisa...—O avô riu, confessou que êle próprio se tinha portado o pior possível: só lhe faltara gritar pela Francisca, como a Anita fizera ontem. E sem a Imperatriz, que mais de uma vez lhe acudira, Deus sabe em que estado ficaria a sua elegante sobrecasaca côr de avelã!

Interrompida pelas desagradáveis formalidades da alfândega, recomeçou, mal nos reinstalámos no combóio, uma dessas deliciosas palestras, es-

pécie de lanterna mágica, em que passavam tantas figuras, a que eu já conhecia todos os defeitos, todos os encantos e de que nunca me cansava de ouvir falar.

Não podia ser mais evocador o cenário! Saint Jean de Luz, Biarritz... Ah! sobretudo Biarritz! O avô mostrou-me a antiga *Villa Eugénie*, actualmente o *Hotel du Palais*. Disse apenas:—Foi ali.— E fiquei a olhar, curiosa, embevecida, como se, através das janelas, esperasse ver surgir, vestida de crinolines, a côrte da Imperatriz. A manhã estava formosíssima. No céu muito azul corriam nuvens côr de rosa. Eu ia de surpresa em surpresa. E, bem entendido, de pergunta em pergunta, de frente de Bayonne, quando atravessámos o Adour, quis saber como se chamava aquêlê mar.

—Não é mar, é um rio. Ao fundo aparecem as tôrres da Catedral.

—O que é a Catedral?—O avô continuava a responder com a sua inesgotável condescendência, enquanto a avó, de sobrôlho franzido, batia nervosamente o pé, sinal de desagrado, bem meu conhecido, que, durante alguns momentos, conseguia remeter-me ao silêncio... Mas daí a pouco recomeçava:—Avôzinho, o que é maior, a França ou Viana?

—Patetinha! Viana é uma pequena cidade. A França uma grande nação.

—O que é nação?

Só ao anoitecer, sucumbi a um sono irresistível, no colo do avô, onde, a-pesar-de todos os protestos, exclamações — Que vergonha! Uma menina da sua idade! — acabara por instalar-me. E ao chegarmos, julguei-me ainda num sonho, um maravilhoso sonho em que, sôbre a cidade, tinham caído tôdas as estrêlas do céu...

Paris estava em plena estação elegante. A moda passara por graves modificações. Reinavam as cinturinhas de vespa, o espartilho *Mystère* e os grandes chapéus empoleirados sôbre uma profusão de caracóis. Logo no dia seguinte à nossa chegada, a avó achou de primeira necessidade ir consultar o seu árbitro, Worth, bem entendido. Que se usasse isto, que se usasse aquilo, só êle sabia vesti-la. Como não quis prescindir da companhia do avô e ainda não tinham quem se encarregasse de mim, fiz parte de uma sessão, nada divertida, aliás. Três horas, três longas horas, defronte de figurinos, livros de amostras e grandes peças de sêda, que uma *vendeuse*, resignada, paciente, desenrolava aos pés da avó. Após muitas hesitações, comentários e ansiosas perguntas, Renée, outra *vendeuse*, certamente de categoria superior, tranqüilizou a sua cliente, com palavras que eu então não entendi, mas hoje creio terem sido aquelas que, desde tempos imemoriais, se inventaram para iludir a pobre credulidade das mulheres. — *Madame peut tout se permettre.* — *Madame*

permitiu-se pois encomendar quatro vestidos, em tons pálidos de azul e de rosa...

Lembro-me sem saúdades também, da tarde do *Grand Prix*, em que a avó, cruelmente apertada no cilício *Mystère*, estreou o mais juvenil dêsses vestidos e, para completar o conjunto, pôs sobre o já formidável edifício dos caracóis, um chapéu da Virot, tão carregado de plumas, laços, flores, não sei se também de frutos, que, ao seu pêso, vergava a linda, frágil cabeça! Ainda pelas mesmas razões que me fizeram conhecer a casa Worth, eu devia acompanhar, nessa fatídica tarde, os avós, mas apenas ví a avó, com a sua *toilette* última moda, apoderou-se de mim um irresistível acesso de riso e apontando o dedinho—gesto proibido—disse:—Ah! Que engraçado! A avøzinha vai mascarada!—O castigo não se fêz esperar: em vez de me levarem a Longchamp, deixaram-me fechada no quarto do *Continental*.

A essas horas, únicas desagradáveis, seguiram-se três meses de perfeito encantamento. Quando não saía com o avó, que, embora sentisse tanto prazer em mostrar-me o seu querido Paris, contar-me a história de cada parque, de cada palácio, nem sempre podia fazê-lo—as recepções sucediam-se, tôdas mais *v'lan* umas do que as outras e a avó declarava que não deviam faltar... Quem não aparece, esquece—vínha buscar-me uma rapariga francesa, recomendada pela

célebre *Madame Aubernon*, como *nec plus ultra* da seriedade e compreensão do dever... Ah! com essa nunca me aborreci, embora fôsem pouco variados os nossos passeios.

Em geral não passávamos do jardim das Tulherias. Apenas uma ou duas vezes me levou ao Luxembourg. *Mademoiselle de F.*—sim, tinha partícula, o que, para os avós, representava a melhor garantia—era pálida, melancólica, de uma doçura a tôda a prova e, contanto que eu não a interrompesse na sua leitura dos romances de Ohnet, deixava-me fazer tudo o que eu quisesse. Ah! quanto deliciosamente usei e abusei dessa liberdade! Muitas vezes, depois de ter esgotado os prazeres das Tulherias, procurava os da Praça da Concórdia, sem que *Mademoiselle* desse pela minha falta. Creio que, só por milagre, não fiquei esmagada sob as patas dos cavalos; porém, uma tarde em que pretendia pôr a navegar um barquinho de papel, cai no lago. *Mademoiselle* atingira decerto o capítulo mais sensacional da *Condessa Sarah*, quando teve a desagradável surpresa de ver-me reaparecer, acompanhada por um polícia e em estado de... *sopa*. Ignoro se mergulho tão pouco a propósito, me diminuiu no seu conceito. Ela continuou a inspirar-me uma louca admiração. Sonhava já com o tempo em que, sentada sôbre um banco de jardim e alheia a tudo que se passasse em minha volta, eu leria um daqueles ro-

mances de capa amarela, que tantas lágrimas traziam, aos seus doces, melancólicos olhos...

Só muito mais tarde, quando fiz quinze anos, voltei a Paris. E foi então a avó que desejou levar-me. Desde o principio do inverno, a sua admirável saúde começara a alterar-se. Queixava-se de falta de ar, tudo a cansava, e sobretudo envelhecia, envelhecia terrivelmente! O avô, muito enfraquecido também, de pouco podia servir-lhe. Eu cedo me fizera mulher, *tomara propósito*, como dizia a Francisca, e nas últimas visitas aos solares da vizinhança, já em vez de me deitarem a língua de fora, os meninos lançavam-me longos olhares significativos que, aliás, nem de leve me perturbavam. Achava-os feios, acanhados, tinha horror às suas unhas sujas. A avó partilhava as minhas impressões e, embora alguns daqueles Adónis provincianos devessem herdar grandes fortunas, nem admitia a ideia de ver-me casada com qualquer dêles. Isso, em parte, serviu de pretexto para explicar o desejo de que eu os acompanhasse. Parecia-lhe de tóda a conveniência fazer-me conhecer gente civilizada, elegante, entre a qual, com o meu nome e o magnífico dote que me dariam—conservou até morrer a ilusão de ser riquíssima!—fácilmente encontraria um bom partido. Depois, como tencionavam ir a Londres, apresentar-me-iam à Imperatriz.—Tudo vantagens para a pequena. E não deviam ser egoístas, desinteres-

sar-se do seu futuro. . . —Pobre avó que, no fundo, só pensava em encontrar, perto de si, quem a ajudasse e lhe valesse!

Foi triste, desoladora, esta segunda viagem, a-pesar-do esforço de ambos para mutuamente se enganarem. No combóio, não era eu que fazia perguntas, mas o avô que, a cada instante, me chamava à janela, para informar-se de como se sentia a avó. . . E ela, se durante alguns momentos o via desaparecer, queixava-se, com a sua doce voz já um pouco quebrada, de velhinha criança, de velhinha mimalha:—Estou tão abatida! Tenho tonturas. Dói-me a cabeça.—Mal êle voltava, sorria, declarava-se óptima, encantada! Porém defronte de Biarritz, não pôde conter as lágrimas. O avô precipitou-se numa aflição:—O que é? O que tens?—A avó balbuciou apenas:—Saúdaes. . .

Em Paris fêz as suas habituais visilas. A primeira, bem entendido, a Worth, pois, mais do que nunca, precisava de *toilettes*. . . Tôdas as que tinha estavam *batidas*, já tão *batidas*! As mãos tremiam-lhe; sob a espessa camada de pó de arroz, transparecia a sua horrível palidez; duas vezes teve de sentar-se enquanto acertava um modelo e, vendo-a hesitar, entre os tons claros da sua predilecção, a *vendeuse*, aterrada, ousou propor:—*Un peut de noir peut-être. . . Le noir se porte beaucoup cette saison*. Mas a avó respondeu se-

camente:—Não estou de luto, graças a Deus...—
E escolheu setim côm de cravo para o vestido de que tinha maior pressa: queria levá-lo à exposição de rosas em Bagatelle. Depois, quando chegou essa tarde, sentiu-se tão cansada, tão nervosa, que não conseguiu vestir-se. Tudo a incomodava. Achava as mangas torcidas. A saia caía mal. Decididamente Worth já não era Worth. Encomendaria as suas outras *toilettes* a Doucet. E acabou por estender-se sobre a cama, onde ficou todo o dia, virada para a parede, como se não quisesse ver-nos.

Às vezes parecia reanimar-se, corria as lojas, os chás, com a sua graça leve de outros tempos... Mas depressa vinha o abatimento, a tristeza, uma espécie de amúo, desapêgo de tudo, de todos.

Voltámos em Julho. O verão passou fácil, sereno. De uma para a outra *bergère*, outra vez se procuraram as tristes, envelhecidas mãos, enquanto mais baixo, já quasi em surdina, as pobres vòzinhos fanadas evocaram o passado, o amor, a doce frivolidade... Canção do bom tempo de outrora, há tanto ouvída, repetída, como poderia eu admitir a idéia de que ela se calasse um dia? Mas tôdas as canções se calam. E implacáveis os dias chegam.

Mais um outono veio, de tão inverosímil, enganadora suavidade, que madre-silvas e espinhei-

ros, tomando-o pela primavera, deram flor outra vez. E à beira do rio cantaram os rouxinóis...

A avó nunca saía, passava do quarto para a sala, onde ficava até à noite. Se o avô, reccando que a imobilidade lhe fizesse mal, propunha um passeio na quinta, desculpava-se com a sua invencível preguiça, queria que a deixassem quieta. Achava-se bem ali!

Porém, nessa tarde em que o aroma das violetas subia do jardim, tão forte que todos os outros dominava, a avó sentiu, como dantes, o desejo de ir colhê-las. Nem esperou que lhe trouxessem uma capa. Para quê? Era muito quentinho o seu vestido! E encostando-se ao braço do avô, desceu rapidamente a escada. Ambos sorriam enlevados. Eu seguia-os numa vaga inquietação.

Depois, depois, como foi, por que foi? Não sei. Não posso realizar. Tudo se passou tão rapidamente! Assim fulmina o relâmpago... Vi-a cair sobre a relva. Corri para ela, levantei-lhe docemente a cabeça. Um fiozinho de sangue escoava-se-lhe da boca. Tinha os olhos fechados. Julguei-a morta. Mas o coração ainda batia... O avô gritou, perdido de terror. Logo Francisca apareceu. Nunca tardava, quando precisávamos dela. Tão facilmente como se pegasse numa boneca, tomou nos braços o pobre corpinho inerte... Daí a pouco, a avó voltou a si. Entre as mãos do avô, a sua mãozinha estremeceu de leve. Mas já os

olhos embaciados não viam. Com a maior angústia que até hoje tenho sentido em uma voz humana, disse:—Tudo acaba.—Um longo suspiro fugiu-lhe do peito. E o que era foi como se nunca tivesse sido.

O avô quis que lhe pusessem o seu mais bonito vestido, em setim bordado a prata. Tinha um largo decote, mangas curtas. Para esconder a impressionante magreza, cobrimos-lhe o colo e os braços de rosas. Passámos a noite junto dela. Sobre as mãos exangues, corriam sem cessar, as lágrimas do avô. E por vezes não queria, não podia admitir que fôsse verdade. Procurava aquecê-las ao calor das suas, gritava que trouxessem cobertores, botijas... Ah! deixavam-na morrer de frio, nada faziam! Até que, vencido pelo cansaço, adormeceu. Era já madrugada. Uma voz dolente cantava no rio. Os primeiros gorgeios acordavam nas árvores. Sobre a colcha de damasco, vestida de prata, a avó parecia um raio de luar... Porém surgiu a manhã, com a sua luz inimiga do misericordioso irreal. Logo se me depa-rou a face côr de cera, sentí a rigidez das lívidas mãos... Sem perceber que falava alto, exclamei—e a minha voz repercutiu a angústia das suas últimas palavras.—De que serve a vida, se tudo acaba, todos temos de morrer?—Francisca, que rezava, ajoelhada aos pés da cama, ouviu-me; voltando para mim, os seus claros, serenos olhos,

respondeu:—Filha, tu não sabes, falas como os que vivem sem esperanças. Só... acaba o que é mentira, vaidade, poeira do mundo. A tua alma há-de eternamente durar.

Querido, na minha última carta, dizia-te que se aproximavam as sombras negras, as horas tristes. Aquí tens a primeira, sombra mais do que nenhuma escura, hora da morte, hora irremediável...

Tua
ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 10 de Abril.

Querido

Como a primeira vez que entrei na sala à beira do rio, estou de luto, luto duplo, porque o avô pouco sobreviveu à querida metade da sua fácil, frívola alma. Mais feliz do que ela, não viu chegar o fim, não sentiu a angústia terrível da última hora. Acabou sem sofrimento, num tranqüilo serão, quando, seguindo a sua doce mania, me contava a febre, a loucura, que houve, durante o Segundo Império, pelas flores artificiais. A Impe-

ratriz semeava de rosinhas minúsculas o *faillé* azul do vestido. *Madame* Aguado preferia os cravos vermelhos sôbre a sêda côr de ouro, ou presos no cabelo, à linda moda andaluza. Outras coroavam-se de violetas, de lilazes, cingiam a cintura fina em grinaldas de miosotis, punham junto à pele, camélias, peonias... Molhos de margaridas, levemente rosadas, como as que se colhem no campo, davam às nuvens de tule que cobriam ou... descobriam o corpo delgado de Pauline, a Princesa *Chiffon*, uma graça juvenil, quási virginal. Ah! Era ela sempre que escolhia melhor!

No meu desejo de ser-lhe agradável, disse:— Contudo, em nada devia ceder-lhe, o gôsto da avó Guiomar.—O avô não respondeu. Reparei que tinha a cabeça inclinada sôbre o peito. Julguei-o adormecido, como nos últimos meses, em plena conversa, freqüentemente acontecia. E porque o vi sorrir, pensei que sonhava... Já me divertiam as suas habituais desculpas, na confusa atrapalhão do acordar: — Passei pelo sono... É a primeira vez que isto me acontece...—Mas pouco durou a minha ilusão. Forçoso foi render-me à horrível evidência. Não se tratava de uma dessas curtas sonolências que os médicos atribuíam ao cansaço da idade. O avô adormecera para sempre. Era a morte, a morte outra vez. Dentro da vida só ela reinava então?

Com os avós, todo um mundo, um delicioso mundo de lindas, frágeis elegâncias, desaparecia. Calava-se o meu último conto de fadas. Já a sala tomara aquela tristeza desoladora das casas sem dono. Nas jarras esfolhavam-se as rosas que ninguém se lembrara de renovar. Os retratos eram formas vagas, coisas inertes, velharias, de que se afastavam, indiferentes, os olhos. E inútilmente as *bergères* estendiam os seus braços doirados. Nenhum dos senhores, vestidos de rigoroso luto, em obediência a aliás distantes parentescos que, nessa chuvosa manhã, me rodearam, ousou ocupá-las.

Ao vê-los entrar, eu interroguei Francisca:— O que vêm êlcs aqui fazer?

— São do conselho de família. O teu destino está nas suas mãos. Deus os inspire para o que melhor fôr.—E embora procurasse aparentar serenidade, os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas, a voz tremia. Ainda respondi, com o ar decidido, imperioso, que tantas vezes levara o pobre avô a acusar-me de muito *senhora do meu nariz*:—Não preciso de conselhos. Já tenho idade para saber o que me convém. Ficarei aquí contigo: seremos felizes, verás...—Mas já uma grande inquietação apoderava-se também da minha alma. Inspiravam-me repulsa e terror aqueles vultos negros, os pássaros de mau agoiro que, pela primeira vez, tinha visto no entêrro do avô. Dêles só mal podia vir-me... E o pressentimento realizou-se.

Querido, é-se feliz uma vez só, mas a vida repete-se no que tem de mais amargo, de pior.

Como no triste dia da infância em que fiquei sem mãe, voltei a ouvir falar de credores, dívidas, hipotecas, da necessidade urgente, inadiável, de vender, de pagar... Seguiram-se também, acima de tudo cruéis, as sentenças, os comentários. Um dos meus pseudos parentes exclamou:—Nunca a morte veio tão a propósito; mais uma viagem a Paris, com três meses no *Continental*—não faziam a coisa por menos—e a pequena ficava a pedir esmola!

—São maneiras de ver, respondeu outro.—Querendo certamente deslumbrar a assistência com os seus conhecimentos históricos, acrescentou:—O exemplo vem de alto! Já Luiz XV disse:—Depois de mim, o dilúvio...

Ah! como eu sofria, que desejo de morrer, que desejo de matar!

—Há aqui muitas coisas de valor. Aparecendo compradores ainda podem render uma boa continha...—Do que assim se permitia avaliar a minha querida, encantadora sala, percorrendo-a, pesquisando-a, como se estivesse num leilão, eu conheci a horrível pronúncia minhota, por muitas vezes ter ouvido, com grande divertimento do avô, a avó imitá-la.

Mas dir-se-ia que nenhum dava pela minha presença. Discutiam, dispunham do que era meu,

inconscientes, indiferentes ao mal que causavam as suas palavras. O Primo B—êsse viera algumas vezes à nossa casa, o avô apreciava-lhe o gosto civilizado, a inegável cultura—propunha-se comprar o quadro de Winterhalter, não porque achasse o autor um grande artista; longe disso, porém à imagem da sua época, sobrava-lhe em elegância e encanto, o que lhe faltava em talento. Depois, era cheio de côr, de vivacidade, o Decaméron: alegrava uma sala...

Não pude conter-me mais. Exclamei — e num grande esforço de vontade, conseguí tornar firme a minha voz:—Aqui não está nada para vender. Se há dívidas, paguem-nas com as propriedades...

Seguiu-se um silêncio embaraçado, daí a pouco interrompido por um homem alto, de cabelo grisalho, que até ali se contentara em ouvir o que decidiam os outros. E logo reparei na expressão doce dos seus olhos...

—Minha filha, nenhum de nós deseja fazer-lhe mal, mas consideramos da nossa obrigação—uma triste obrigação!—dizer-lhe a verdade. Tem ilusões que devemos tirar-lhe. As propriedades em que fala, já há muito não pertenciam aos seus avós. Resta-lhe apenas esta quinta, hipotecada aliás. Forçoso será vendê-la para, depois de pagos os credores, tentarmos realizar alguma coisa que lhe permita viver, com muita economia, embora...

Todo o conselho de família aprovou gravemente, e, apertando o peito, no terror de que dêle me saltasse o coração, perguntei:—Que querem então que eu faça ?!

—Primeiro do que tudo, sair daqui, quanto mais depressa melhor. Nunca há vantagem em prolongar uma agonia...

E êsse parente, único de que os olhos me inspiravam um bocadinho de confiança, acrescentou, com um sorriso bom:—Descanse, não lhe reservamos um destino muito sombrio. Pelo contrário: julgo que terá uma vida mais em harmonia com a sua idade, no colégio onde a faremos completar a educação, o mesmo que eu escolhi para a minha filha e uma sobrinha, de que me encarreguei, como vou encarregar-me de si, se estes senhores quizerem confiar-ma...

Ainda soltei um grito de revolta:—Estes senhores nenhum direito têm sobre mim.—Porém foi o último sobressalto da minha vontade. Já as lágrimas, as perigosas lágrimas, em que tôdas as resistências se fundem, me tornavam uma pobre, indefesa coisa.

O conselho de família não gostava de ver chorar; declarou que nada mais tinha de fazer ali, e depois de um ou outro:—É muito penoso. Sentimos bastante...—saiu, com o mesmo ar de circunstância e aparato, que adoptara para entrar. Antes de seguir os companheiros, o meu pro-

tector disse-me:—Tenho tanta pena do sofrimento que, embora sem querer, lhe infligimos! Aos homens falta por completo o dom de persuadir, de consolar. Receberá amanhã uma visita menos desagradável, espero: a da minha mulher. Foi a melhor amiga da sua mãe. Não-de entender-se, tenho a certeza...

Mas eu nem o ouvia, dominada, absorvida por um único desejo: que partissem, que me deixassem, que ninguém mais viesse! E apenas o ruído dos passos se calou na escada, precipitei-me como louca ao encontro de Francisca.

Ela perguntou, aflita:—O que tens? O que te fizeram, meu coração? Já nos seus braços, exclamei, sufocada pelos soluços:—Oh, Francisca, Francisca, expulsam-nos daqui. Vamos embora.—Pobre de mim, mal pensava que a doçura contida nessas palavras me seria roubada também... *Vamos* é uma promessa, uma esperança de companhia; eu estava condenada a partir sem aquela que, desde sempre, considerara o meu apoio, a minha protecção na terra.

Eram apenas três horas da tarde, mas já sombras tristes como as da noite, invadiam a sala; a chuva açoitava violentamente os vidros das janelas e nunca eu tinha achado tão lúgubres os gemidos do vento, entre as árvores do jardim, quando, no dia seguinte, chegou a visita anunciada.

Sim, muito melhor do que os homens, as mulheres sabem consolar, persuadir. Essa de quem me acerquei desconfiada, quasi aggressiva, a amiga que vira talvez correr as lágrimas amargas da minha mãe, outro dom entre todos raro, maravilhoso, possuía ainda: o de agradar. Como no século XVII, *Madame* de Lafayette escreveu de Henriqueta de França, em cada uma das suas mais simples palavras, ela parecia oferecer o coração... Elegante, fina, de uma deliciosa naturalidade, falava-me como se há muito nos conhecêssemos.

—Que saúdaes tudo isto me faz! Passei aqui tão boas horas da minha infância. A todas as outras companheiras, preferia a tua mãe. Com nenhuma me entendia melhor. O que nós inventávamos! Um dia mascarámo-nos com os vestidos de balão da avó. A Francisca resmungou, porque os armários, célebres pelo arranjo, ficaram na maior desordem. A Senhora D. Guiomar também não considerou a brincadeira muito do seu gosto. Mas o teu avô—Ah! que encantador êle era!—achou imensa graça e ensinou-nos a mesura da côrte... Depois embirraram comigo, persuadidos, injustamente aliás, de que eu concorrera para o casamento, aquela tolice, da tua pobre mãe. Nunca mais aqui voltei. E nem sonhas quanto desejava conhecer-te! Tinha tanta curiosidade de saber como eras, com quem te parecias! Avistei-te apenas uma vez, da janela de uma casa amiga onde acompanharias a

avó... O teu rosto miúdo sumia-se nas abas de um imenso chapéu e as mil trapalhadas elegantes, pretensiosas, em que te tinham embrulhado, reduziam-te ao aspecto banal de uma boneca de Paris. Divertiu-me a precoce gravidade com que caminhas, pequenina silhueta última moda, ao lado da avó, garrida, enfeitada, figurino em ponto maior. Mas não era assim que eu queria ver-te. Hoje tenho-te finalmente ao meu alcance. Como me lembras a tua mãe! Há em tí o mesmo contraste entre os mansos, tímidos olhos, e a bôca voluntariosa, um pouco amarga.

Todo um passado ressurgia nas suas palavras, um delicioso passado de alegres mascaradas e ensaios de medidas... Voltavam a bailar as borboletas do velho jardim... Entre os lírios, fechados os mansos, tímidos olhos, já sem amargura, a mãe sorria... Depois era a casa à beira do rio, o palácio encantado. Das malas de Paris, surgiam, exalando um suave perfume de violetas, os vestidos *rocócos*... E o presente desaparecia, com as suas importunas sombras, sombras da tarde, sombras da vida. Porém a voz criadora das lindas miragens, impregnou-se de tristeza, para declarar:—Só lamento o motivo que me trouxe aqui. Não preciso repetir o que já sabes. Tocar numa ferida é fazê-la doer mais. Quero apenas dizer-te que partiremos no fim da semana. Terás muita coragem, espero.

Partir... Outra vez a realidade, a negra realidade! Ergui para ela os meus suplicantes olhos... —Ai de mim! nada posso—exclamou tristemente, e, porque me viu tremer como o ramo frágil que o temporal arranca da árvore, tomou-me as mãos entre as suas, acrescentou:—Prometo-te a minha amizade.

No caminho do desconhecido, o árido caminho, uma flor brotava... Quis ser forte. Tentei sorrir-lhe:—Pois bem, vou dizer à Francisca que arranje tudo. Iremos consigo para onde quiser levar-nos.—A sua voz procurou em vão tornar-se firme, despreocupada; traía um doloroso embaraço.—A Francisca não pode acompanhar-te. Precisam dela para tomar conta da casa. Além disso, não a admitiriam no convento onde os senhores que te governam pretendem que fiques até à maioridade... Entretanto, descansa, eu saberei arranjar as coisas. No fim de um ou dois anos, irei buscar-te, encontrarás a Francisca, serás feliz como aqui. Minha querida filha, dize que me acreditas, que confias em mim...—Eu queria responder, mas só podia chorar...

Aqui tens, querido, mais umas horas negras, de que a doce mãe da nossa Carmo foi o único fiozinho de luz. Elas te explicarão também, melhor que todos os argumentos, o motivo da minha preferência pelo verso de Sainte Beuve:—*Naitre, vivre et mourir dans la même maison.* Sin-

to-lhe a profunda, imensa nostalgia, que tu—oh! meu amigo feliz!—desconheces, não podes sentir...

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 11 de Abril.



Querido

Um mês passou, mais um, outro ainda, todo o rigoroso inverno em que, habituada... mal habituada, ao excessivo conforto da casa dos avós, aos mil cuidados, mimos, de que me rodeava Francisca, eu sofri constantemente. E parecia-me que não era verdade, não podia sê-lo! Pelas seis horas da manhã quando, ainda com luz acesa, nos acordavam, raras vezes respondia ao *Deus seja bendito* da Mestra Maria Joana; deliciosamente impregnada do sonho que, em cada noite, me restituía o doce paraíso perdido, esperava que Francisca viesse calçar-me as meias... Já de pé, Vina atirava-me o travesseiro à cabeça. Só então eu decidia levantar-me. Porém nunca estava pronta à hora em que devíamos sair do dormitório, o que me valia uma má nota na pontualidade, ve-

xame inúmeras vezes repetido, graças à constante abstracção e ainda à incapacidade de pôr um vestido, enrolar o cabelo, sem que me ajudassem, ou beber um copo de água, sem que mo trouxessem . . .

Tôdas as manhãs, resmungando aliás, contra os hábitos da . . . Princesa, Vina fazia a minha cama, escovava o meu fato . . . Embora brusca, sacudida, capaz de terríveis *boutades*: — Os teus avós eram de ópera cómica, deviam ter sido postos em cena com música de Offenbach. A velha gaiteira da tua avó, nos laços e pomadas, gastou a fortuna do marido . . . — em tudo me valia. As suas mãos longas, delgadas, possuíam a subtil habilidade dos prestidigitadores. Na sala das classes, sob os severos olhos da Mestra Benedita, conseguia dar-me, para que eu copiasse, como ela já fizera, o caderno de Carmo onde não tinham um êrro os verbos irregulares. E à hora das refeições, cruel entre tôdas, quando em vez do fino *menu* dos avós, servido por um criado impecável, a regra mandava-me comer o que, do panelão do convento, punha diante de mim a velha Irmã Maria Angélica, era ainda Vina que me acudia, passando do meu prato para o da gorda Adelina, cujo apetite de Gargantua nada recusava, os grossos nacos de carneiro guisado, as postas de peixe, ensopadas em azeite.

Mas não só a privação do que Madame de

Graffigny espirituosamente chamou «o supérfluo, essa coisa indispensável», causava o meu tormento. Sofria também, e muito mais ainda, de uma horrível nostalgia. Tudo era para mim um motivo de pena, em tudo me torturavam as reminiscências do bem perdido. Vinham as noites de Janeiro, as lindas noites de Lisboa. Entre cada cortinado branco, uma rapariga sonhava... Oh! dias que estão para vir! Oh! dias da ventura! Só eu cobria a cabeça com a roupa, não queria ver, tinha medo do que o luar me lembrava. Noites suaves, à beira do rio... No piano, sob os dedos miúditinhos da avó, as velhas *romances* cantavam... Mais tarde, Francisca zangava-se. — A janela do teu quarto aberta, em Janeiro! Já é fôrça de loucura! — Eu respondia, sorrindo: — *Chut!* Não faças barulho. O Príncipe Encantador vai entrar, sobe por uma escada de sêda, tôda banhada de prata...

No relógio do convento soavam graves, pesadas, as tristes horas sem fim. Logo os meus olhos se enchiam de lágrimas, evocando o lindo minuete em que, na sala à beira do rio, ligeiras, frívolas, as horas dansavam... E através das mais pequenas coisas: rumor do vento entre as árvores, *ruge-ruge* de velhas sêdas, *refrain* de canção antiga, insinuava-se a saudade, uma ferida abria, sangrava. Mal da memória, mal que doi tanto e de que, semelhante ao mal de amor, não sabe fugir a alma! Há quanto tempo durava o meu martírio? Há

quanto agonizava de solidão, entre desconhecida, estranha gente? Ah! como poderia dizê-lo?! Os dias pareciam-me séculos. Eram as penas eternas, talvez... Nem reparava que as tardes se alongavam e, ao deixarmos o dormitório, já o sol nascia...

Numa dessas manhãs de quinta-feira, tão desejadas porque nos permitiam dormir até um pouco mais tarde, Vina acordou-me, chamando: — Depressa, Anita, levanta-te. Vem ver a primavera. — Saltei da cama e, em camisa, corri à janela. Vina debruçava-se sobre o jardim, onde uma grande olaia abria os braços carregados de pétalas vermelhas. Eu disse, tristemente: — O ano passado, na quinta, já estavam em flor também... — Como se falasse só para si, tão baixo que mal pude ouvi-la, ela murmurou: — As nossas, por causa do frio, vinham mais tarde... — E ficámos a olhar, para lá, muito para lá da floração vermelha da olaia, no pequeno jardim do convento... Quando levantámos a cabeça, ambas chorávamos. Foi-me revelado então o que nunca me passara pelo pensamento: aquela Vina, tão orgulhosa, tão insolente, que parecia zombar de tudo, sofria também, sem palavras aliás, sentindo a inutilidade de tôda a queixa, como sofrem os fortes... Nada mais dissemos... nem tempo houve para dizer. Já a Mestra Maria Joana entrava no dormitório e o grave — gravíssimo! — delíto de ser-

mos surpreendidas em camisa, à janela, era punido com o supremo castigo : mau ponto no comportamento. Porém dessa rápida comunhão das nossas almas, defronte de uma olaia em flor, nasceu a amizade que há trinta anos dura. Quanto a Carmo, a confortável estabilidade da sua vida defendia-a contra tôdas as nostalgias e saúdades. Achava o convento uma *seca*. . . Mas estava ali por algum tempo apenas e, contando os dias, aguardava pacientemente aquêle em que o deixaria, para entrar na sociedade, de que tão alegres, divertidas coisas esperava. Com razão, porque nenhuma ela lhe recusou. Entretanto, suspirando aliás pela hora em que fecharia, para nunca mais abrir, todo e qualquer livro, estudava, applicava-se, queria aprender bem as línguas, conhecer a história, a geografia, ter sôbre tudo a noção suficiente para, em assunto algum, dizer tolices. Disso faria mais uma arma, nas suas mãos, que embora pequeninas, tencionavam conquistar o mundo. Depois, já no pequeno mundo do convento, agradava-lhe ser em tudo a primeira, citada como exemplo e, quando chegava a festa da distribuição dos prémios, ouvir, diante do que havia de mais illustre em Lisboa:—Maria do Carmo de Almeida, prémio de português, de línguas, de história, de comportamento e o de excelência, que todos suplantava. Assim fôra nas duas primeiras em que tomara parte, assim seria decerto

nessa para que nos encaminhava, suave e breve, a primavera...

Maio revestiu a sua habitual doçura. Entre o verde tenro das fôlhas, surgiram brancas e rosadas, as flores das acácias. Como sempre desobediente à regra que, mesmo em pleno verão, impunha as janelas fechadas, Vina abria-as mal acordava, para que respirássemos o delicioso aroma. Mas todo o convento rescendia... Os jasmims trepavam pelos muros altos, enroscavam-se nas grades, as glicínias invadiam os claustros e, na cêrca, ao cair da noite, o cheiro das laranjeiras embriagava...

Sôbre a minha saúde, que julgara eterna, sem remédio, já subtilmente pousavam as asas maravilhosas do sonho. E quem sonha, espera... Ai de mim! O que podia eu esperar? A Superiora que, devido talvez às tristes condições da minha vida, não perdia uma ocasião de mostrar-me o seu carinho, dizia-me:—Todos os dias peço a Deus que te dê a vocação religiosa. Serias feliz aqui, minha pobre Anita, e às almas como a tua, o mundo nada de bom reserva.

—O que tem ela comigo? O que conhece da minha alma?—preguntava eu, esquecida de certo caderno a que diàriamente confiava o meu tormento, e que já sob os seus inteligentes olhos, passara... Mas, a-pesar-de tanto que sofrera nesses meses do convento, surpreendia-me muitas

vezes, desejando o que, para mim, a sua prece implorava. A Superiora tinha razão. Eram felizes aquelas freiras de olhos tão serenos. Uma alegria infantil soava no seu riso. Quando atravessavam o claustro, dir-se-ia que os pés não tocavam a terra, pareciam levadas por asas invisíveis. . . E cada manhã, ao aproximarem-se do Tabernáculo, julgava ouvi-las exclamar, como Teresa de Ávila: — Que amor, oh! minhas irmãs, pode ultrapassar êste amor? — Sim, queria seguir-lhes o doce exemplo. . . Já me via no hábito negro em que destacava a alvura imaculada da *guimpe*, e as mãos, as minhas mãozinhas pálidas que o avô comparava à flor da magnólia, emergiam das largas mangas. . .

Ah! por que somos nós tão dolorosamente complexos, sempre disputados por desejos e aspirações que se afrontam e combatem? Entre mim e as puras alegrias do convento, insinuava-se traiçoeiramente a visão do mundo, o delicioso, frívolo mundo, que os avós tinham atravessado ao som de uma valsa de Strauss, e êsse, cruel, sedutor, o das loucas paixões, o das grandes tragédias, onde *Monsieur* de Camors fazia chorar os olhos formosos de Margarida de Tècle e, por um desgosto de amor, Cecília Stèle ia morrer sôbre a neve. . .

— Sofrerás—anunciava a voz grave da Superiora. Nos espinhos do caminho ficarão pedaços

vivos do teu coração... — Mas oh! minha mãe distante, intangível, tu ignoravas quantos espinhos vale uma rosa!

A hora do silêncio, aquela em que mais apetecia falar—já as luzes se tinham apagado e apenas uma lamparina de azeite alumiaava frouxamente o dormitório—reünia-nos junto à cama de Carmo. Vina tinha sempre uma história divertida para contar, trocavam-se impressões alegres, tristes, e, sobretudo, através de palavras quasi sempre banais, procurávamos o que há de mais difícil, de mais raro na terra: tornar acessível, compreensível a outra alma, a nossa alma...

— Não sabes o que queres—disse Vina, quando uma noite eu lhe confiei as minhas contraditórias aspirações...

— E tu sabes?

— Mas com toda a certeza, sei...

— Qual é a tua vocação? O que tencionas então fazer?

— Serei dançarina...

Goçando do pasmo que causava tão extraordinária declaração, ergueu-se bruscamente, num salto pôs-se a meio do dormitório, os seus pezinhos leves traçaram mil voltas, rápidas como vôos; sem que o corpo perdesse o equilíbrio, levantou-os à altura da cabeça; depois, agitando invisíveis castanholas, foi uma andaluza ardente, langorosa... Nós assistíamos encantadas e...

assustadas. Deus do céu! O que aconteceria, se surpreendessem Vina naquele bailado escandaloso, a que os seus cabelos revoltos, caíndo sôbre os ombros, e os olhos negros, profundos como os das çiganas, davam um aspecto estranho, fantástico... infernal, diria a santa Irmã Maria Joana, atribuindo-lhe certamente, como par de dança, o próprio diabo?!

Carmo, sempre prudente, ciosa dos seus créditos de comportamento exemplar — extraordinária habilidade a dela, fazendo tudo o que nós fazíamos, nem uma só vez era apanhada em qualquer falta contra a regra! — aconselhou que, por essa noite, terminasse o espectáculo. Mas antes de recolher à cama, Vina perguntou-lhe quais eram os seus planos, a sua vocação; se de nós, tudo sabia, achava justo que alguma coisa dela soubéssemos também e, como se anunciasse a coisa mais fácil, mais natural, a nossa amiga respondeu: — Serei feliz...

Dois meses decorreram ainda, menos monótonos, com os temíveis exames, presídidos pela Superiora, e depois os ensaios, para a habitual festa de que, como tudo fizera prever, Carmo saía coberta de fitas, de medalhas. Vina, que tinha recebido apenas um prémio de música, *Marguerite à vingt ans*, insozzo romance de *Mademoiselle Moniot*, declarou, com aquela filosofia que pela vida fora, freqüentemente lhe tem servido de remédio e am-

paro:—É sinal de que não me cansei. . . —Quanto a mim, também não abusei dos prémios. Como a Vina, as mestras pretendiam que não me faltavam inteligência, compreensão, mas inutilizava-as uma invencível preguiça. Assim devia ser. Entretanto por nenhuma das medalhas de ouro e largas fitas, com menções honrosas, em letras doiradas também, eu trocaria o volumezinho modestamente encadernado que recebi da Superiora:—*Le journal de Eugénie de Guérin, un livre pour vous. . .* —Mais de trinta anos passaram sôbre essa recompensa de tão fracos méritos e à cabeceira da cama, tenho ainda o livro melancólico, apaziguador, como um dia de outono, fonte de suaves consolações, onde tantas vezes se desalterou a sêde ardente da minha alma, o livro. . . para mim.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 12 de Abril.

Querido

Chegaram finalmente as tão desejadas férias. Maria Luíza, a mãe de Carmo, tia direita de Vina, e que, a-pesar-do vago, o que havia de mais vago,

parentesco, eu também chamava tia, veio buscar-nos. A sua amizade, prometida na tarde de inverno em que fizéramos conhecimento, nem um momento se desmentiu. Nenhum mimo havia para a filha que nós não partilhássemos. Contudo, durante a longa viagem, só Carmo se mostrava alegre. Esperava-a, na casa onde nascera, tudo o que desde a mais remota infância a tinha rodeado, enquanto Vina e eu iam para o estranho, para o desconhecido, onde coisa alguma nos acordaria a memória, nada nos daria:—Foi aqui. . .—Instintivamente aproximávamo-nos, como se das nossas duas solidões, pudéssemos fazer uma companhia, e da comunhão das nossas lembranças, uma realidade. Eu contei:—No meu quarto, desde o tapete à colcha de sêda, tudo era branco. Sôbre a cómoda havia sempre uma grande jarra de cristal que Francisca enchia de lírios. Embora muito pequena ainda, lembro-me de, um dia, tê-la ouvido dizer:—Não dão trabalho a ninguém. Vêm do campo, veste-os o Senhor. . .—Ah! como desejei trocar por essa *toilette*, certamente fácil e breve—Nosso Senhor tudo arranjava tão depressa!—as longas, terríveis ensaboadelas, a que, cada manhã, a-pesar-da mais desesperada resistência, me submetiam as mãos enérgicas da minha criada! Vina murmurou:—A nossa casa era velha e pobre, mas as andorinhas faziam ninho na beira do telhado e, em Maio, defronte do meu quarto, um casta-

nheiro da Índia enchia-se de flores... Suave, mais suave à medida que a feriam as negras desventuras, a mãe ensinava-me:—São círios côr de rosa que os castanheiros acendem para festejar o mês da doce Virgem Maria... —Quási sem darmos por isso, tão absortas vínhamos na melancólica evocação das pessoas mortas, das coisas perdidas, atravessámos Viana. Já a noite descia sobre o idílico campo do Minho, quando, defronte de um grande jardim, Maria Luíza anunciou alegremente:—Estamos em casa.—Logo ao abrir-se o portão, eu vi, estendendo-me os braços, a minha velha Francisca. Precipitei-me neles, que sôfregamente me apertaram e, para que do longo abraço nos desprendêssemos, foi preciso que Viana, com doce ironia, aconselhasse:—Deixem um bocadinho para amanhã.

Francisca contemplava-me em êxtase:—Louvado seja Deus que ainda me permitiu ver-te! —E limpava os olhos ao avental. Como tôdas as grandes alegrias, a sua chorava e ria ao mesmo tempo...

Daí a pouco, todos nos reúniamos para uma óptima ceia, na sala de jantar que, se nada tinha do luxo um tanto *rocóco* das salas dos avós, era deliciosamente espaçosa, clara, com largas janelas sobre o jardim, donde subia um são perfume de ervas frescas, de terra molhada. Chovera na véspera...—Para livrar-nos do pó—anunciou, com o

seu bom sorriso, o pai de Carmo. Esta não se calava um momento! Tinha tanto que contar sobre os seus prémios, os seus triunfos:—Primeira em tudo. . . —E os olhos brilhavam-lhe de prazer. —A sábia da família!—exclamou um rapaz que se sentara ao meu lado. —O gracioso da casa! —respingou desabridamente Carmo.

Embora adorasse o irmão, não suportava dêle, como de ninguém aliás, a mais pequena *taquinerie*. Mas o seu mau humor logo passou; voltando-se para a mãe, acusou-a vivamente de uma grave falta aos deveres mais elementares da polidez: esquecera que nenhuma das primas conhecia o Pedro. Tinha ela pois de fazer as apresentações: — O meu irmão, recém-chegado de mares nunca dantes navegados. As minhas amigas, que se notabilizaram. . . notabilizaram. . . —Depois de muito hesitar— *Et pour cause*, disse baixo Vina—concluiu resolutamente:— Nas ciências abstractas.— Começando por nós, todos riram. E enquanto Pedro declarava o seu grande gosto de conhecer tão encantadoras primas, Carmo acrescentou a meia voz:— Tomem cuidado. Apresentei-lhes um homem fatal.—Eu sorri levemente embaraçada. Vina respondeu, com o seu arzinho mais petulante:— Não temos medo. Nós também somos mulheres fatais.—E já se vê, ambas nos apaixonámos pelo irmão da nossa amiga. Era da praxe. Tínhamos dezassete anos. Entretanto Pedro, muito

mais velho, embora amável, condescendente, sempre pronto para todos os jogos e passeios, não nos tomava a sério; se pretendíamos falar-lhe de qualquer coisa que se relacionasse com o amor, respondia:— Isso ainda está muito longe de vocês.

Tão bem applicadas *douches* logo calmaram a minha chama. Quanto a Vina. Mas eu não vou falar-te de Vina. Basta o que me tenho alongado, falando de mim. Querido, julgo às vezes que me meti num labirinto de que nunca poderei sair! E tu deves estar cansado de seguir-me. . .

Depressa, sem as suaves demoras que descansam do áspero caminho, passemos sobre o serão, primeiro da deliciosa série que Pedró chamava «os serões de Júlio Diniz». No meu quarto, outra vez a sós com Francisca, pude enfim fazer-lhe a pergunta que há tanto me queimava a bôca:— Já se vendeu a casa? Não precisei dizer qual; melhor do que ninguém, ela sabia que, para mim, a casa era uma, única. Depois de curta hesitação, respondeu:— Infelizmente.— Hesitei também, como se procurasse tomar fôlego a meio de uma íngreme montanha. E voltei a perguntar:— Guardaram-me as coisas que pedi, com tanto empenho? O quadro grande da sala, lembras-te?— Ela murmurou tristemente:— O das *tafulas* de balão? Em pequenina, levavas horas a olhar para elas...— Sim, êsse mesmo. E as chúcaras de que se serviam os avós, outras bagatelas ainda, que só aos meus olhos tinham

valor. . .—Mas sôbre êsse ponto, Francisca nada sabia.—Os tios te dirão. Êles é que trataram de tudo.—Teve ainda uma frase enigmática, de que só mais tarde eu conheceria a significação:—Foi realmente pena, ter aparecido logo comprador, aquêle brasileiro riquíssimo que, segundo me consta, deu pela quinta, muito maior preço do que se esperava e ela valia. Não penses mais nisso, meu coração. . .

Na manhã seguinte, ao abrir os olhos, sentí a almofada húmida das minhas lágrimas. Chorara até adormecer e parecia-me que, mesmo dormindo, chorara ainda. . .

Devia ser muito cedo quando ví entrar Maria Luíza.—Calculei encontrar-te acordada, segundo os bons hábitos do convento que, no campo, são também os meus. E escolhi esta hora, a melhor para conversarmos. Tenho tanto que dizer-te! Como já deves saber pela Francisca, a quinta vendeu-se em óptimas condições. Um brasileiro, fabulosamente rico, perdeu a cabeça quando a viu e deu tudo o que lhe pediram! Com grande pesar nosso, não pudemos guardar-te as coisas que desejavas. Quis tirá-las antes de mostrar a casa, mas o teu conselho de família achou que não era lícito. Tudo que ali estava pertencia aos credores. Depois, por mais que insistíssemos e mesmo oferecêssemos substituí-las por outras de maior valor, o brasileiro teimou:—Ou *recreio* completo ou

não concluía *nigócio*.—Forçoso foi ceder. Minha querida filha, é muito triste, eu sei, mas neste mundo a razão deve sempre passar antes do sentimento. E porque decerto os olhos reflectiram a grande mágoa que me causavam as suas palavras, chegou-me docemente para si. A minha cabeça descansava sôbre o seu peito quando lhe ouvi repetir a mesma frase misteriosa que, na noite anterior, Francisca dissera:—Foi pena, foi realmente pena.—Desta vez, logo se lhe seguiu a explicação. Muito comovida, Maria Luíza continuou:—A vida tem estranhas ironias. Deve haver três meses que a quinta se vendeu e, duas semanas depois, o meu marido recebia uma carta do nosso cônsul em S. Francisco da Califórnia, participando-lhe a morte do teu pai. Julguei preferível que só aqui te déssemos essa notícia: as freiras diziam-me que nunca te achavam alegre, despreocupada. Para que havíamos de entristecer-te mais? —Balbuciei apenas:—Eu não o conheci...—Porém já uma grande nuvem escurecia o meu coração. Ela respondeu vivamente:—Bem sei. Nem sequer talvez lhe tivesses ouvido o nome. Para os teus avós era o... *outro*, o indesejável, o valdevinos, que lhes roubara a filha... Mas êle nunca te esqueceu. Na hora cruel da partida, em que todos o amaldiçoavam, só os teus bracinhos se lhe estenderam. E por amor dêles, para reparar o mal que fizera, trabalhou, como trabalham os pobres.

A princípio escreveu-nos, sempre lacónico, misterioso; dizia apenas:—Tenho sido tudo, desde cocheiro a carregador. A pouco e pouco, as cartas espaçaram-se, até que o silêncio veio tão grande, tão profundo, que julgámos ser o da morte. Depois soubemos que tinha partido para uma perigosa região, onde trabalhava nas minas. Ali fez decerto—sabe Deus com que esforço, com que privações!—a fortuna, anunciada também, na carta do cônsul. Tivesse ela chegado uns dias mais cedo, e poderias guardar a tua querida casa, as chicharzinhas minúsculas em que, na maior indiferença das misérias da terra, a linda boneca que foi a tua avó, bebia o seu chá, o quadro da imperatriz, todos os teus tesouros, emfim!—E as lágrimas tremiam-lhe na voz, quando acrescentou:—Pobre Miguel! Valia mais do que pensávamos!—Eu sufocava sob uma onda de piedade e revolta. Que me importava a casa, as suas pueris bugigangas, o seu luxo inútil? Nesse momento, via apenas aquêlde de que nem um retrato me tinham mostrado, de que era proibido falar e a quem só Francisca ousava referir-se, indirectamente aliás, ao ensinar-me:—Reza, meu coração, para que não se perca uma alma que anda na terra às escuras. . . —Sim, às escuras, penando no fundo horrível, irrespirável das minas, sem que uma palavra de carinho atingisse o seu abandono, a sua solidão!—Ah! tia Maria Luiza, que egoísmo, que

monstruoso egoísmo! Durante dezasseis anos, nem uma vez ter indagado se o meu pai vivia, se o meu pai sofria! Agora de que serve esta dor, êste remorso, que êle não pode ver?

Maria Luíza respondeu com a sua doce serenidade:—Se o teu pai visse—e quem te diz que os mortos não vêem?—seria o primeiro a afastar do teu pensamento êsse remorso injusto. Graças à Francisca, rezaste sempre por êle. Que melhor companhia podia fazer-lhe o teu coração?...

Voltei a vestir-me de luto. Era a terceira vez, nesse ano. É porque as minhas amigas, não continham a aliás tão natural alegria, o desejo de divertimento—a cada instante combinavam passeios, *pic-nics*—eu evitava a sua companhia, refugiava-me na biblioteca ou, como num passado ainda próximo, e que tão distante me parecia, com a minha mão na mão de Francisca, empreendia longos passeios. Não eram as estradas já conhecidas, os lindos caminhos entre sebes de madre-silvas, onde, ao entardecer, cantavam os rouxinóis e só raras vezes, de uma altura, avistávamos, qual estreita fita azul, o rio... Eu interrogava-a sôbre o casamento da minha mãe, mas ela esquivava-se, pretendia ter esquecido:—Tudo isso já lá vai há muito tempo; os mortos levam consigo os seus segredos. São coisas em que não se deve tocar.

—Tia Maria Luíza, diga-me como foi que os

meus pais se conheceram. . . — Estávamos na biblioteca; a minha grande amiga acabara de aconselhar-me um dos seus livros preferidos: as *Memórias de Madame de la Rochéfaquelein*. Causou-lhe estranheza a pergunta. Desde a manhã em que me vira chorar, encostada ao seu coração, nenhuma palavra tínhamos trocado sobre o doloroso assunto, julgava-me decerto esquecida, indiferente; no entanto, longe de mostrar-se contrariada, respondeu imediatamente:—O teu pai era o homem mais bonito, mais elegante, que até hoje tenho visto e, a-pesar-da sua origem humilde. . . Mas talvez tu não gostes de saber. . .

—Gosto, gosto. Oh! minha tia, eu quero saber tudo!

—Nesse caso, continuo. Filho de simples lavradores, tinha a distinção de um príncipe. Como dizia a minha santa mãe:—Se não houve ali escorregadela dalguma avó, chega a gente a duvidar da virtude do sangue. . . —Os pais, coitados, cheios de ambição, considerando já o filho único de uma essência muito superior à sua, mandaram-no para Coimbra, onde não creio que se tornasse notável pelo amor ao estudo. Preferia outros amores, o das meninas bonitas, que se debruçavam ansiosamente à janela para vê-lo passar, ou o das tricanas, por quem se batia, em desordens terríveis, acordando, altas horas, o silêncio das velhas ruas. Amava acima de tudo o perigo, a aven-

tura... Pouco cuidado lhe davam as faltas na Universidade. Mas nenhuma toirada havia, em terras vizinhas, de que não fôsse o soberbo cavaleiro, admiravelmente vestido, iníspido diante do toiro, que jamais conseguira tocar o seu cavallo. Contudo, a-pesar-de alguns anos perdidos, saíu de Coimbra formado em direito.—Bacharel e inútil, como tôda a gente, explicava sorrindo. Antes de instalar o escritório de advogado em Viana, conseguiu que os pais lhe pagassem uma viagem de... instrução, a Paris e Londres. Ah! ninguém compreendia donde lhe vinham gostos tão elegantes, tão perdulários!

Entre os seus companheiros de estudo ou de... estúrdia, contavam-se os irmãos de um morgado, nosso parente. Êsses *cadets* da Gasconha portuguesa, grandes amigos e entusiastas de teu pai, tomaram sobre si o aliás difficilimo encargo de apresentá-lo numa sociedade até ali hermèticamente fechada a todos que, fôsse qual fôsse o seu merecimento, não dispusessem de um avô coevo dos reis godos. Como era de calcular, encontraram a maior resistênciã: Que se deixassem de semelhante disparate. Nada de misturadas. Cada um no lugar a que lhe dá direito e impõe rígorosos deveres o seu nascimento. Se os meninos se sentiam mal, podiam mudar-se: a velha nobreza do Minho não abdicava. Sob tamanha avalanche de protestos e imprecações, os revolucionários—já

assim os chamavam—resignaram-se, isto é, fingiram resignar-se. Daí a alguns meses, convenceram o pobre morgado que, analfabeto, quási obeso e de uma timidez infantil, tremia diante dos irmãos a dar um grande baile, para o qual, bem entendido—o mano devia acompanhar o seu tempo—convidariam, juntamente com todo o *gratin*, o amigo encantador. E declaravam, cheios de convicção:—Quando as primas o conhecerem, nunca mais passam sem êle.—Ousavam mesmo acrescentar — êsses nossos parentes têm a graça pesada—: Mulheres e toiros não lhe resistem!

Após o longo inverno de chuva, que fizera de cada solar, uma quási inexpugnável fortaleza, onde entre o *crochet* e as rezas, gemiam, cheias de reumatismo, as velhas *tias*, e aborreciam-se de morte—eu que o diga!—as lindas, rosadas *primas*, os convites para êsse baile, longe de acordarem a mais leve suspeita, representaram uma alegre diversão. Finalmente as raparigas iam desenferujar os pés, fartos de tão secante imobilidade! Mas, minha pobre Anita, tu preferias decerto que eu fôsse mais sóbria de minúcias e comentários. Deves achar-me muito maçadora. . . oh! não protestes! Já tantas vezes, Carmo, a minha filha *matter of fact*, me tem feito notar:—A mãe, quando se embarca numa das suas histórias do passado, lembra-me as pessoas que não sabem viajar sem

se atravancarem de mil embrulhos desnecessários, incômodos.

Eu protestei, e não foi pela forma:—Tia Maria Luíza, para a Carmo, o passado não tem segredos. Como o presente, é a janela sempre aberta sobre o mesmo horizonte: o da ventura. A mim rodeia-me, sufoca-me, o mistério. Depois de tantos anos, sem curiosidade, sem interesse, alheia, indiferente ao destino dos meus, parece-me que agora só vivo ou... morro da ânsia de saber! Diga-me, pois, diga-me mais, diga-me tudo...

Ela descreveu então êsse baile, maravilhoso como de nenhum outro havia memória, em que Ana, vendo pela primeira vez Miguel, não viu mais ninguém. Inútilmente a avó, na sua voz cortante, imperiosa, lhe proibiu dansar com aquêlê insolente *parvenu*. A uma valsa sucedia outra valsa... O grande leque de plumas estalou entre as furiosas mãos da Senhora D. Guiomar, mas já os olhos mansos, os submissos olhos de escrava, para sempre tinham eleito o seu dono, o seu senhor...

Durou meses a luta terrível, em que os teus avós empregaram todos os meios, desde os mais doces aos mais violentos, para dissuadirem a filha do que chamavam a sua louca aberração. Fizeram em volta da pobre Ana uma opressiva atmosfera de isolamento e desconfiança. Como os outros, tornei-me suspeita, fui afastada da casa que até ali quasi diariamente freqüentara. De longe em

longe, iludindo a estreita vigilância dos pais, Ana enviava-me umas palavras escritas a lápis, para que eu soubesse que ainda vivia e... *não mudava*. Durante todo esse tempo, lembro-me de tê-la visto apenas uma vez, quando fomos participar-lhes o meu ajuste de casamento. Mas onde estava a alegre companheira de passeios e sonhos? Ana não era mais do que uma sombra. As longas pestanas quási lhe velavam a doçura tímida dos olhos e tôda a vida se lhe concentrava na voluntariosa, amarga boca...

A visita decorreu embaraçada e fria. Antes de sairmos, enquanto a tua mãe me abraçava silenciosamente, a Senhora D. Guiomar anunciou a sua breve partida. Iam passar a primavera na Itália: aproximava-se o dia dos anos da filha, destinavam-lhe, como presente, essa viagem. Mas Ana fazia vinte e um anos, isto é, atingia a maioridade, preferindo a tôdas as viagens, a todos os prazeres, o direito de unir-se, enfim, àquele que para o melhor ou para o pior, escolhera. Em vão a tua avó multiplicou ataques de nervos, ameaças, maldições e, de joelhos, o doce, fraco avô suplicou. Numa triste, ennevoadá manhã—de tão mau agouro, dizia Francisca, que até a primavera lhes negava a bênção azul do céu!—pálida como a morte, o coração sangrando-lhe ainda do horrível sofrimento da despedida, em que a mãe recusara beijá-la e, tortura mil vezes maior, vira o

paí chorar, Ana casou. Para o melhor, para o pior... Começou pelo melhor. Decorreram serenos, felizes, os primeiros meses. Miguel instalou-a no velho solar, comprado por preço irrisório, a um amigo que alegremente se arruinava em Lisboa. O sogro morrera pouco antes e a sogra— não podes imaginar velhinha mais amorável— acolheu desvanecida aquela linda menina que certamente levaria o filho para o bom caminho... Já nesse tempo a pequena fortuna de que dispunham, a pouco devia limitar-se; porém Miguel prometia trabalhar, resolução que, aliás, ia adiando sempre. Ana também não sentia desejo algum de interromper a sua doce intimidade. Achava tão bom ter o marido sempre consigo, só para si! Passavam a manhã no jardim, êsse delicioso jardim que tu já conheceste abandonado. Ambos adoravam as flores. Raro era o dia em que não chegavam grandes remessas de plantas, roseiras de França, tulipas, jacintos da Holanda. Sob o seu largo chapéu de palha, radiante, corada— a felicidade restituíra-lhe a frescura, a saúde— ela dirigia os jardineiros, desenhava macissos, combinava a harmonia das côres. De tarde, passeavam a cavalo ou no pequeno *tilbury* que, com o marido, aprendia a guiar. Se havia dificuldades de dinheiro, êle resolvia-as, vendendo, hipotecando... Ana de nada sabia nem queria saber. A sogra, aflita, cheia de apreensões, observando que,

junto do filho, nenhuma influência tinham os seus conselhos, tentava abrir-lhe os olhos, mas tudo era inútil: habituada a ver os pais gastarem sem contar, parecia-lhe naturalíssimo que Miguel o mesmo fizesse. E foi ela que nesse outono lembrou a oportunidade de passarem algumas semanas em Paris. Não deviam perder tempo. No próximo ano, já ao marido seria difícil, senão impossível, ausentar-se. Miguel aplaudiu logo a ideia. Partiram radiantes. Andaram por lá meses. Quando soubemos da sua volta, fomos vê-los. Ana estava menos bonita: o penteado última moda banalizava-a e, o que era muito pior ainda, senti-a cansada, inquieta, já uma nuvem toldava a claridade pura dos seus olhos. No entanto, obrigou-se a sorrir, quasi me tranqüilizou, contando mil coisas alegres, divertidas, da estada em Paris, com um outono lindo, e, depois, as elegâncias do inverno, as deliciosas sessões de patinagem. . . Mas quando lhe perguntei:—Continuas feliz?—a resposta:—Felicissima!—arreprou-me como o som de uma nota falsa.

Logo que ficámos sós, o meu marido disse:—Palpita-me que o Miguel já fêz tolices. . .—Infelizmente não se enganava. Fôra uma triste ideia a que tivera Ana, de levá-lo à cidade das mil tentações. . . Coitada! Tudo sacrificara por êle, julgava que a sua grande ternura para sempre, exclusivamente o prenderia.—Ninguém lhe dará o que eu lhe dou.—Realmente ninguém. Mas Miguel não

era, não seria jamais, o homem de um único amor. Precisava variar. As breves aventuras revestiam, aos seus olhos, encantos de que não podia nem... queria fugir.

Começou numa tarde de Auteuil, uma tarde brilhante de corridas. Quem diz que há pressentimentos? Nunca ela se tinha sentido tão segura do seu contentamento: Miguel acabara de jurar-lhe eterna fidelidade... E bastou que passasse, num lindo vestido, uma linda mulher...

Depois, depois, até o dia em que a misericórdiosa morte lhe fechou os olhos, tôda a vida da tua mãe foi sofrimento, miséria, desilusão.

Querido, agora que sabes em que amargura eu nasci, dize, como não havia de ser triste a pobre

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 13 de Abril.

Querido

Tínhamos quasi dezóito anos quando saímos definitivamente do convento, e fui eu, a que maior dificuldade sentira em adaptar-me à sua regra, que também com maior pena o deixei. Habi-

tuara-me àquela doce, fácil atmosfera, descansava na monotonia das horas sempre iguais. Ao abrigo de tôdas as complicações, a paz exalava-se de cada reza, de cada recreio... Mas os novos, mesmo quando amam ou julgam amar tão inestimável bem, não podem esquivar-se à irresistível curiosidade do mundo. Na minha última carta, já te contei quanto profundamente conheci essa curiosidade.—O mundo onde a gente se perde —anunciava sempre a Superiora. É o terror inspirado pelas suas palavras, longe de diminuir o meu desejo de saber, de experimentar, antes o aumentava. As crianças preferem as histórias que lhes fazem medo. Eu saía apenas da infância. Entretanto desde a primeira vez em que nelle entrei, o mundo onde a gente se perde, foi sobretudo para mim, o mundo onde a gente se aborrece.

—Não sei que mais queres, exclamou Carmo indignada, quando ao voltarmos do nosso primeiro baile—primeiro triunfo da sua olímpica beleza—lhe confessei que suspirara constantemente pela hora de deixar a grande sala, estonteante de luzes, de música, de perfumes excessivos.—Nunca hás-de ser como os outros!—Ah! quantas vezes lhe tenho ouvido tal censura que, aliás, muito melhor do que a mim, poderia aplicar-se-lhe. Nas minhas alegrias como nas minhas dores, eu sinto-me humana, perto dos outros, igual aos outros, emquanto ela, quer atravesse uma sala ou atra-

vesse a vida, é sempre... *a mais*, a mais bonita, a mais elegante, a mais inteligente, a mais feliz. —Carmo, nem todos nasceram sob a tua brilhante estrêla!—Vina adorou êsse baile e os que se lhe seguiram. Durante as horas que tão longas achei, os seus pèzinhos leves, felíceiros, não pararam de dansar e, quando dansava, o mundo inteiro era seu, como é dos pássaros o largo espaço, quando voam.

O inverno de uma desusada animação, serviu admiravelmente o gôsto das minhas amigas. Succederam-se bailes, *soirées*, récitas de caridade. Bastava o anúncio de cada festa, para que um sorriso de triunfo acudisse à linda bôca de Carmo e Vina percorresse os corredores numa vertigem de valsa. Maria Luíza deplorava a minha falta de geíto para divertir-me como as primas, mas também ela parecia cansada, triste, e às vezes, naquelas boas horas de intimidade que nos aproximavam, confessava a sua pena de ter desperdiçado uma grande parte da vida, a melhor talvez, em pseudos divertimentos para que, como eu, tão pouca disposição sentia. No entanto, se lhe perguntava por que não se desembaraçara dêles, respondia amargamente:—Quando conheceres melhor esta engrenagem em que por nosso mal, nascemos, perceberás que é menos fácil do que imaginas, escapar às suas estreitas malhas. E nem eu sei como te explique tão complexo sentimento.

A sociedade aborrece-nos, desgosta-nos, queremos abandoná-la, mas receamos que ela nos abandone. Achamos um convite importuno e sentimo-nos humilhados se o não recebemos. O mais independente curva-se perante ideias e preconceitos que nunca partilhou. Minha querida filha, tudo isto deve parecer-te muito covarde, muito mesquinho, mas já o Cavaleiro de Oliveira, tão forte na ciência do coração humano, dizia:—Ao mesmo tempo que tenho conhecido tôda a vaidade dos pontos do universo, os sigo com o maior ardor. Desprezo as injustas censuras do público e deixo-me conduzir pela sua opinião...—No receio de magoar essa grande amiga, eu não ousava responder-lhe que as palavras do Cavaleiro de Oliveira só um efeito produziam em mim: pena, espanto de que, sentindo a vaidade das opiniões, a injustiça das censuras, alguém pudesse deixar-se conduzir por elas... Estava certa de que motivo algum me obrigaria a tão vergonhosa dependência. E realmente nunca a aceitei, o que, diga-se de passagem, bem caro me tem custado. O mundo não perdôa aos que repelem a sua escravidão. Porém o assunto para nenhum de nós é de excessivo interesse. Basta pois de comentários ou... diatribes e voltemos à história de Ana Guiomar, nesse tempo, o tempo inverosímil da mocidade, tão ligada à das outras duas raparigas que, só falando em tôdas, dela posso tratar. Embora física

e moralmente o que há de mais diferentes, éramos inseparáveis, não consigo ver-me sem vê-las. Juntas partimos ao encontro do destino que, para Carmo, tanta doçura revestiu, e inexorável se mostrou para mim:—Não soubeste pedir-lhe bastante—costuma declarar do alto do seu «tudo lhe sai bem» a nossa triunfal prima. Eu penso que lhe pedi demais, talvez...

Ignoro o que dêle esperou Vina, a quem as grandes felicidades, como as grandes penas, foram recusadas. Em um fundo invariavelmente cinzento, só algumas pálidas flores colheu:—É de uma deliciosa alegria!—pretendem os que julgam conhecê-la, mas a *verve* estonteadora que consegue iludi-los, nunca me enganou. Através de graça tão brilhante, eu sinto a profunda melancolia da sua vida falhada.

É mais uma vez antecipo-me, como se impaciente estivesse de attingir o período negro da desventura. Ah! não estou! Mesmo pelo pensamento, pela memória—êsse divino milagre!—é tão bom ter dezóito anos!—A idade em que a gente se apaixona a torto e a direito...—Mas ainda me parece ouvir o desdenhoso, incrédulo riso, com que Carmo acolheu estas palavras da que irreverentemente chamava «a minha ingénua, romântica mãe». Apaixonar-se, quer a torto, quer a direito, eis uma coisa que jamais entrou nos seus confortáveis hábitos. Muitos enlouqueceram por

ela. Ela não enlouqueceu por ninguém. Aos admiradores de que lhe aprazia ver-se rodeada—raí-nha, queria conservar a sua côrte—atirava de vez em quando um farrapo de esperança, semelhante ao pedaço de pão com que se ilude a fome dos pobres... Tinha decerto razão. Carmo é, foi sempre, a razão em pessoa. Contudo Anatole France desejou a todos que amava um grãozinho de loucura...—E, *n'en déplaie* a essa prudente, sensata amiga, há quem pense como Anatole France. Vina flirtava constantemente, incansavelmente! Esse jôgo ligeiro do espírito dava-lhe uma espécie de vertigem, que só podia comparar-se à de dan-sar...—Brincas demais com o fogo, acabarás por queimar-te! dizia-lhe eu. Ela respondia friamente:—Não te preocupes comigo. Atordô-me. É o meu quinhão...—E embora lhe faltasse a beleza perfeita de Carmo, tinha muito maior sucesso. Os homens adoravam-lhe a vivacidade garota do es-pírito. Sabia diverti-los—primeira qualidade que exigem de uma mulher... Quanto a mim, forçoso é confessar, pouco conheci os triunfos que cutras tão fãcilmente conquistam. Dansava mal. Flirtava pior. Se um galanteio, uma amabilidade, me im-portunavam, não podia esconder o que sentia ou, êrro mil vezes mais perigoso, vindos de alguém susceptível de agradar-me, tomava-os a sério, terrivelmente a sério!

—Lembras-me as pessoas a quem basta mo-

lhar os beijos num copo de *Champagne*, para que êle lhes suba à cabeça—pretendia Carmo.

—Coitada! Quere enganar o seu aborrecimento...—explicava Vina. Porém não era só o aborrecimento que eu queria enganar, era também o coração, o meu pobre coração sequioso, ávido de ternura, que — oh! cúmulo da ignorância — julgava encontrar no amor.

Quantas vezes justificando o... *a torto e a direito* de Maria Luíza, eu me apaixonei, e, com a deliciosa inexperiência dos dezóito anos, julguei eterna, inextinguível chama, a trémula, fraca luzinha, que qualquer palavra mais doce, qualquer olhar mais demorado, me acendiam na imaginação! Tão facilmente como vinha, a paixoneta passava, não resistia à crítica acerba de Carmo, à endiabrada troça de Vina. Nunca houve como elas para descobrirem ridículos, destruir em ilusões! Triste, desencantada, eu renunciava à minha pseudo ternura, dizia:—Ainda não foi desta vez...—No dia seguinte recomeçava... Manda a verdade acrescentar que só êsses hipotéticos idílios me tornavam suportável a nossa estafa mundana, com as longas *soirées* de que saía quasi sempre torturada por terríveis enxaquecas, e intermináveis sessões nas costurciras, em que constantes bocejos davam a Madame Martin, cuja celebridade começava, uma deplorável ideia da minha disposição para a elegância...—*Et c'est bien*

dommage. Elle pourrait plaire...—Como tanta gente aliás, essa admirável cultora da complicada arte dos trapos, atribuía-lhes uma influência decisiva no encanto—quem sabe se também no destino?—de cada uma de nós. E Maria Luiza, embora tão simples, tão discreta, quasi apagada, achava admissível a sua opinião. Decerto para a vida íntima, a vida de família, a *toilette* pouco contava, mas infelizmente na sociedade, tinha uma importância capital.—Antes de te verem, vêem o teu vestido. Por êle avaliam donde vens, o que sentes, o que podes.—Eu protestava, indignada:—A mulher é que faz valer o vestido, não é o vestido que faz valer a mulher.—No entanto... Chamava-se *clair de lune* e tinha realmente a claridade fluída do luar, o tecido em que, apesar da turbulência, constante como o bocejo—inclinava-me para a direita, para a esquerda, punha-me sobre um pé, sobre o outro pé, arranjava mesmo a maneira de ficar com um ombro mais alto e um braço mais comprido... oh! era desesperador!—*Madame* Martin criou a maravilha que dava ao meu corpo delgado uma quasi irreal fragilidade. Pela primeira vez, desde o tempo da infância, quando corria ao espelho, para ver se me acertavam bem os mil folhos e laços de Paris, demorei-me na contemplação da longa, esguia silhueta que êle reflectia... E senti-me feliz porque—impressão até ali desconhecida!—me senti ele-

gante, bonita! Vestiamo-nos para uma festa... sensacional, primeira a que íamos sem *chaperon*, e os hábitos de então, muito longe estavam ainda de parecer-se com os da nossa emancipada época. Depois de muitas hesitações, os meus parentes tinham consentido que aceitássemos o convite para um dêsses divertidos jantares, de que o ministro da América, *enfant gâté* da fortuna, ousava excluir as senhoras de categoria e... de idade, para rodear-se apenas do que mais bonito, alegre, havia entre a juventude de Lisboa. Ah! quanto surpreendidas ficariam as meninas actuais se assistissem ao nosso alvorôço!

O jantar foi deslumbrante de luxo e de uma louca animação. Bebeu-se só *Champagne*. Orquídeas magníficas enfeitavam a mesa. Mas por que estava eu tão triste, por que desaparecera tão depressa o meu prazer? O *Champagne*, que punha um brilho de febre nos olhos das raparigas, provocava-me a habitual enxaqueca. Todos riam. Eu queria fugir, esconder-me num canto escuro, solitário, onde contentasse o meu desejo de chorar... Se me perguntassem porquê, não saberia responder. Há lágrimas que não dizem as suas razões. E são as mais cruéis, as mais imperiosas, lágrimas que adivinham, talvez...

Quási em surdina, os violinos preludiavam uma lenta, voluptuosa valsa. Já decerto estremeciam os pezinhos nervosos de Vina. Carmo tinha

prendido junto ao decote, uma orquídea enorme, esverdeada... Quando eu era pequena, chamava aranhas às orquídeas do campo, e que entusiasmo se alguma descobria! Contudo não ousava tocá-lhes, receando que me mordessem! Assemelhava-se também a uma imensa aranha repugnante, venenosa, aquela que pousava sobre o colo imaculado da minha prima.

E, presa de um irreprimível terror, eu desviava os olhos para não a ver... Nenhum aroma exalavam as flores exóticas, mas de todos os lenços vinham perfumes fortes, sufocantes, de Coty e Houbigant... Chocavam-se os copos; à música dos violinos, misturava-se a outra, mais vibrante e pura, dos cristais, quando o amável anfitrião, a quem repetidas doses de *Champagne* já toldavam ligeiramente—*Juste ce qu'il faut*, disse-me baixo, Paulo—a gravidade diplomática, inaugurou uma série dos *jokes*, tão apreciados pela sua raça, ao mesmo tempo forte e pueril, que a nossa, sempre facilmente adaptável, seguiu com prazer. Homens e mulheres puseram na cabeça toucas, penachos, capacetes de papel, tocaram incríveis gaitinhas... Houve mesmo quem soltasse um sonoro *có-có-ró-có*... Dir-se-ia que todos, ao desafio, pretendiam exceder o ridículo dos outros. Imperturbáveis, já decerto habituados ao eterno carnaval dos senhores, os criados passavam, enchendo os copos... O meu tédio crescia... Ah! como Maria

Luíza tinha razão! Que falta de geito para divertir-me! Mas defronte, uma voz doce, musical, perguntou:—Quem é aquela rapariga tão deliciosamente vestida?—Outra voz disse o meu nome e, erguendo a cabeça, até ali teimosamente curvada para o prato, eu encontrei, fitando-me com insistência, uns estranhos olhos doirados...—Paulo, como se chama aquêlê homem que—oh! fenómeno!—reparou na tua insossa prima?—Paulo respondeu:—Podes crer que não foi pequena a honra. Trata-se duma verdadeira autoridade em elegância feminina. E além disso, encantador, irresistível, diz-se... No entanto, se tencionas perder a cabeça, aconselho-te que escolhas ocasião mais propícia... Carlos de Lemos *n'est pas pour les petites filles*.—Com uma pontinha de impaciência, declarei-me longe de tão alto cometimento!

Daí a pouco, na sala, começava o baile. Já numerosos rapazes rodeavam Vina, com quem todos queriam dansar. Vermelha de prazer, ela dizia que bastavam os primeiros compassos de uma valsa para que os pés lhe batessem como se tivessem coração... A Carmo também nunca faltavam pares. De mim poucos se lembravam, ou, algumas vezes, eu recusava-os. Só há gosto em fazer-se o que se faz bem e, como te disse, nunca soube dansar. Encetava a habitual série de bocejos, quando Maria da Luz—casada há pouco tempo, já inquietadora de *coquetterie* e sedução

—veio apresentar-me o seu amigo Carlos de Lemos, que desejava muito conhecer-me. Oh! era uma grande responsabilidade em que incorria! Deixava-me a braços com um irrisistível conquistador... Êle exclamou:—Não há como as mulheres bonitas para zombarem da velhice!—Mas o sorriso que mostrava uns dentes perfeitos, desmentia a palavra, os olhos conservavam um extraordinário brilho e, embora já muitas rugas lhe sulcassem a face morena, o cabelo começasse a embranquecer-lhe nas fontes, era um homem novo que eu tinha diante de mim. E parecia-me inexplicável que êle desejasse conhecer-me, mais inexplicável ainda, que tão insípida companhia pudesse prendê-lo...

Querido, os meus encantos nunca me inspiraram uma confiança por ai além... Contudo, até o fim do baile, Carlos de Lemos nem um instante me deixou, teve sempre que dizer-me e que ouvir de mim! Procurando talvez pôr-se ao nível da rapariga, que devia julgar ignorante, sem experiência, sem cultura, falava com uma grande simplicidade que, de vez em quando, não excluía uma pontinha do azedume. Quis que eu lhe contasse como passava o tempo... Confessei-lhe que geralmente me aborrecia. Achou natural. Era sempre a mesma pasmaceira, entre gente recheada de preconceitos, pretensões, ideias falsas... Ah! quanto êle abominava tudo isto! Sim, tudo, desde

o célebre pau de bater bifes, último argumento adoptado nas Côrtes, até o bisbilhoteiro *face à main*, com que a miopia... física e moral das senhoras da alta, espreitava a vida de cada um, desde as navalhadas de Alfama aos abraços do Chiado. E o que convencionalmente se acha tão bonito: o majestoso Tejo, com o mau cheiro capaz de envenenar uma cidade inteira, os harmoniosos pregões, berros terríveis que nos entram, como punhaladas, pelos ouvidos dentro, emquanto as... nobres varinas—de origem céltica, não é verdade?—nos atiram uma pescada à cabeça... Felizmente só por necessidade aqui vinha e sempre com pouca demora. As suas palavras traíam mais do que antipatia, rancor...

Como logo lhe confessei, eram outros os motivos do meu desagrado. Achava tão lindo o Tejo, que vira pela primeira vez das janelas do convento! Quanto aos pregões, nada mais delicioso, mais sugestivo, do que o *cabazinho de morangos*, anunciando a primavera! E que fresco sabor de fruta, no *quem quere figos, quem quere merendar!* —O Sr. Carlos de Lemos devia ler Cesário Verde...

—Faz parte da biblioteca côr de rosa?

—Não. É um grande poeta, o que melhor comprehende o pitoresco de Lisboa.

—Se lhe celebra assim os louvores, por que diz que se aborrece?

Aborrece-me... oh! de morte!—a vida mundana, as visitas, os divertimentos obrigatórios... Mas êsses devem ser iguais em tôda a parte...

—Que ideia! Pode lá comparar-se esta paródia de sociedade, com o que se passa nas grandes cidades!

—Parece-me ouvir os avós...

—Não admira... Depois de viverem com gente civilizada...—Mas ia justamente falar-me dêles. Encontrara-os há anos em Paris. A avó era ainda uma formosíssima mulher e tão deliciosamente Segundo Império! Tinha os ombros da Imperatriz, dizia-se...

—Assim se conservou até o fim. Passei onze anos com êles, numa encantadora quinta do Minho. Quando voltaram de França, preferiram o campo a Lisboa...

—De duas secas, escolheram talvez a menor...

—Levaram-me mais de uma vez a Paris, mas aqui só vim depois da sua morte. E à minha tia Maria Luíza devo conhecer um pouco a cidade, que ela adora. O que pensará de nós o Sr. Carlos de Lemos, quando eu lhe confessar os constantes passeios ao Terreiro do Paço só para ver o pôr do sol, no rio?

—Isso é mesmo da Maria Luíza...

—Conhece-a?

—Perfeitamente. E há muitos anos. Somos ami-

gos de infância, creio mesmo que vagamente parentes...

—Por que não freqüenta então a sua casa? Depois de uma curta hesitação, êle respondeu:— A vida dispersa, separa, sem motivo algum plausível, cada um vai para o seu lado, cria novos hábitos, novas intimidades...

Eu protestei vivamente:—A minha tia é fiel a tôdas as suas afeições.

Uma sombra escureceu os olhos doirados e, com amarga ironia, Carlos de Lemos acrescentou:—Lisboa não gosta de mim. Tenho hábitos de independência e coragem que o seu snobismo desconhece, reprova. Acha-me perigoso, comprometedor. Maria Luiza e, talvez mais do que ela, o marido, deve acatar tôdas as opiniões de Lisboa...

Ainda tentei defender os meus tios:—É injusto, creia.—Mas sem me permitir acabar a frase, êle perguntou bruscamente:—O que lhe disse de mim êsse pateta do Paulo?

—Fêz o seu elogio e de que entusiástica maneira! Considera o Sr. Carlos de Lemos a maior autoridade em matéria feminina, o árbitro da elegância, da civilização... encantador, irresistível...

—E mais quê?

—Poís ainda lhe parece pouco?!

—Responda sinceramente.

A voz tornara-se tão imperiosa que não pude resistir-lhe. Com uma pontinha de embaraço, continuei:—Disse também que não era para as *petites filles*...—Ele sorriu, já sereno, desanuviado. Outra vez brilharam, cheios de palhetas de oiro, os seus estranhos olhos...—Em princípio, Paulo tinha razão. E, contudo, para prendê-lo, tornar-lhe breves as longas horas de um baile, só uma *petite fille* côr do luar...

Com mais um bocadinho de *coquetterie*, termine-a feito desentendida, mas já então a *coquette* e eu... Respondi imediatamente:—Refere-se decerto ao meu vestido...

—É à sua palidez. Esqueceu-se de pôr *rouge*...

—Esqueço-me sempre.

—Faz bem. Com êle parecer-se-ia com tôda a gente. Assim só se parece consigo, o que acho mil vezes melhor.

Entrávamos na fase banal dos galanteios, porém, mais do que as palavras, eu ouvia a voz, e enfeitava-me essa voz, quando Luz, a quem Maria Luíza incumbira de levar-nos, já acompanhada pelas primas, veio dizer-me que eram horas dos *bébés* fazerem *dódó*... Apesar-de termos a mesma idade, gostava então de dar-se ares importantes, autoritários, de mais velha. Ai de nós! Os tempos mudam, os gostos também... Agora é exactamente o contrário. Luz pretende que podia ser minha filha.

Daí a pouco, no automóvel, falou, com o maior entusiasmo, de Carlos de Lemos. Sentia por êle um verdadeiro *béguin*, e quanto desejaria cultivar tão espirituosa, agradável intimidade! Infelizmente o marido teimava em não querer recebê-lo, devido à sua má reputação... Como se tivéssemos alguma coisa com isso! Ah! quando será que os senhores lisboetas aprendem a seguir o sábio conselho:—Viver e deixar viver!

Estas palavras e depois a expressão contrariada, inquieta, de Maria Luíza ao ouvir Carmo dizer:—Mãi, dê parabens à Anita pela sua conquista de truz. O Carlos de Lemos, um homem mirabolante!—deviam servir-me de aviso. Mas eu ainda não tinha vinte anos. Os avisos nada podiam contra as minhas ilusões. Antes de deitar-me, estendi cuidadosamente numa cadeira o *clair de lune* que já chamava o vestido *porte-bonheur*. Enlevada, demorei-me a contemplá-lo. Era lindo, tinha a transparência suave, misteriosa, de certas noites primaveris... Mas, de repente, sem poder explicar porquê, lembrou-me a mortalha da avó, aquela túnica prateada que, sôbre a colcha de damasco, a vestira de luar, também... Julguei ouvir as suas últimas palavras:—Tudo acaba.—E tive medo, um medo irresistível, do presente, do futuro, da morte, talvez que ainda maior da vida. Para Carlos de Lemos foi o que há de mais fácil, mais simples—uma brincadeira apenas!—fazer de

mim a prêsa do seu capricho, por muito que me dôa, devo acrescentar, da sua ambição... Nem sequer me defendi ou deixei que os outros me defendessem. Era o meu destino, havia de cumprir-se. Tudo me disseram... E a Maria Luíza, que nunca me mentira, ousei responder:—Não é verdade—quando, no seu desejo de salvar-me, ela contou o que, aliás, em Lisboa, só eu ignorava. Herdeiro de uma grande fortuna, inteiramente perdida ao jôgo, Carlos, que nunca quisera renunciar aos seus hábitos de luxo e preguiça, vivia dos mais vergonhosos expedientes. Entre êles, era há muito conhecida, a sua ligação com uma russa arquimilionária. Porém não havia como aquelas mãos de jogador incorrigível para derreterem arquimilhões... Começavam pois a esgotar-se os da que chamava enfaticamente a Princesa. Eu fôra escolhida para reforçá-los, com maior aprazimento decerto: tinha pelo menos o encanto da novidade e êle sempre gostara de variar...

Quando, num irresistível desabafo, me referi a tão graves acusações, Carlos affectou a mais desdenhosa indiferença...—Mentiras, calúnias, estavam há muito nos hábitos desta gente.—Coitada, não tem mais que fazer!—Só o surpreendia que não houvesse escrúpulo em macular a imaginação de uma rapariga, com tão sujas e ainda por cima absurdas, histórias. O que sabia Lisboa da sua fortuna? Porque jogava uma vez por ou-

tra? O jôgo é um constante vai-vem, traz hoje o que ontem levou. Tinha, na verdade, entre os seus amigos, uma encantadora russa... Quando eu a conhecesse, ficaria a morrer por ela! Rica? Talvez... Entretanto não lhe parecia de primeira necessidade exigir das suas afeições um certificado de pobreza. Mas o que importava o que os outros diziam, o que os outros pensavam?—Minha querida Anita, como aconselha Banville: *Aimons-nous et dormons, sans songer au reste du monde*. . . —E num sonho de que tão cruel seria o acordar, eu continuei a querer-lhe. De resto, sentindo a inutilidade da sua intervenção, Maria Luiza nada mais tentou para abrir-me os olhos, voluntariamente fechados: contava talvez com o tempo que tantos laços desata. . . O nosso casamento, só dois anos depois, quando por lei eu fôsse emancipada, poderia realizar-se. E até lá. . .

Carlos de Lemos não me julgava tão nova, a demora contrariava-lhe os planos; contudo, declarou-se pronto a esperar por mim—tôda a vida, se necessário fôssel. . . —Durante êsses dois anos, fêz as habituais ausências, que terníssimas cartas me ajudaram a suportar. Depois voltámos a encontrar-nos nas Legações. Êle aproximava-se logo, dizia como lhe fôra doloroso viver sem a sua *petite fille* côr de luar, mas quando eu começava a contar-lhe o tormento da minha saúde, chamava-o, do outro lado da sala, um sorriso, a que

jamais alguém resistiu, e com o pretexto de que era preferível não irritar a minha família, levantava-se, ia reunir-se a Maria da Luz, nunca mais a largava. Essa sabia divertí-lo!—Só de ti falamos—afirmavam ambos, se em mim notavam qualquer sombra de contrariedade. Eu começava a minha rude aprendizagem de suportar o que não podia impedir.

Querido, na minha carta anterior contei-te a amargura em que nasci; nas próximas dir-te-ei em que amargura vivi...

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 15 de Abril.

Nuno

Veio enfim o dia tão desejado. Perante Deus, um ao outro jurámos eterno, fiel amor.—Como a mãe, como a mãe!—exclamava, chorando, Francisca, única que me acompanhou à igreja. Isto é: Luz quis dar-me uma prova—mais uma!—da sua dedicada amizade: assistiu também ao nosso casamento e, sob os meus olhos, a que attribuía de certo uma completa cegueira, continuou o divertido *flirt*.

Mas Francisca enganava-se. Não foi como a mãe: foi pior, mil vezes pior! Essa outra Ana, de que em tudo me achavam o retrato, conheceu dias felizes, um perfeito entendimento... E eu... Carlos considerou-me sempre a criança a que podia dar-se mimo e, já se vê, de vez em quando, um pequena correção—quem bem ama, bem castiga...—mas nunca lhe mereci a mínima importância. Para coisa alguma era consultada, tudo se decidia sem mim.—Vamos para aqui, para acolá... Fazemos isto, fazemos aquilo...—E pouco importava saber qual era a minha opinião, a minha vontade. Instalámo-nos numa pequena casa do bairro da Lapa, o seu *pied à terre*, de que logo me disse:—Estás como queres, tens sempre diante dos olhos a porcaria do Tejo...—No entanto, quando se tratou de renovar o mobiliário, meia dúzia de cadeiras e mesas velhas, foi Maria da Luz que se incumbiu de ajudar a escolhê-lo, excelente pretexto para passarem horas juntos, correndo os *bric-à-brac*. E porque me atrevi a achar demasiado viva a côr dos estofos, apanhei imediatamente um desabrido:—Não te metas a falar sobre coisas de que nada entendes.—Sempre conciliadora, Luz explicou:—As côres arte nova nunca agradam à primeira vista; depois, a gente habitua-se, acha detestáveis as outras.

Uma única função me era exclusivamente reservada: a de assinar. Ah! para essa, ninguém me

fêz concorrência! Julgo que nenhum dia passou sem que Carlos me apresentasse um cheque ou uma fôlha de papel selado, indicando negligentemente onde devia pôr o meu nome. E eu não pedia explicações. De-certo tratava-se de negócios, assunto que nunca me interessou. Prevendo o que ia acontecer, Francisca dizia:—Vê lá, filha, toma cuidado... Olha que assim se caminha para a ruína.—Mas já tantas vezes, desde a mais remota infância, ouvira tal ameaça, sem que lhe sentisse as conseqüências! Tudo se arranjava sempre. O mesmo aconteceria agora. De resto só uma ruína importava: a das minhas ilusões. E essas desfaziam-se, como os castelos de cartas...

Contra todos os seus hábitos, Carlos decidira que passaríamos o verão em Portugal. Oh! não era por gosto! Tinha muito que fazer aqui. O marido de Maria Luíza administrara o pior possível a minha fortuna, agora caía sobre êle a estopada... sem contar a responsabilidade, de pôr tudo a direito. Francisca, que ouvira estas palavras, de que logo adivinhou a desastrosa significação, mal ficámos sós, disse tristemente:—Minha pobre Anita, Deus se amercie de ti!—E, já se vê, a-pesar das suas prevenções e súplicas, as assinaturas multiplicaram-se. Contudo para os... melhoramentos que o meu marido empreendera, surgiam muitas dificuldades. Freqüentemente o ouvi resmungar:—O grande velhaco comeu-me!—

A frase não era das mais elegantes, mas que bem definia o seu pensamento, o seu despeito!

E devia prolongar-se pela noite adiante a árdua tarefa, porque Carlos recolhia quasi de manhã. Ao mínimo reparo que eu ousasse fazer, exclamava, impaciente:—Não andei a brincar.—Às vezes, era tão grande a sua preocupação, que nem a própria Luz conseguia arrancar-lhe uma palavra:—Nova tarefa?—preguntava ela. Sem esperar a resposta, acrescentava, rindo:—Meu caro, não se pode ter sorte em tudo. Lá reza o ditado:—Feliz ao amor...—Algumas vezes também voltava radiante, expansivo; entre outras amabilidades, prometia-me um colar de pérolas que, aliás, nunca vi.

Estávamos no fim de Julho. Um calor horrível caía sobre Lisboa. Carlos não cessava de queixar-se. Aquela temperatura de sertão africano exacerbava-lhe os nervos. Perdera o apetite e o sono. No pequeno terraço onde almoçávamos, eu seguia as velas brancas que, ligeiras como asas, atravessavam o rio. Da rua vinha a toada melancólica dos pregões.—E é a isto que tu e o tal senhor Cesário... Azul acham tanto pitoresco! Têm o gosto civilizado, não há dúvida...—exclamou com a sua amarga ironia, o meu marido. Logo depois, como movido por um impulso irresistível, anunciou a nossa próxima partida. Decididamente a paciência tinha limites e a sua esgota-

ra-se. Entregaria a questão a outro advogado, se é que, nesta infame cidade, algum existisse que não estivesse vendido aos meus parentes.—Bonita justiça! Bonita família!—Já Francisca me contara os motivos dessa famosa questão em que, a todos os instantes, ouvia falar: no seu grande interêsse por mim, o meu tio conseguira colocar parte da minha fortuna, de maneira a que não pudesse ser atingido o capital, acertadíssima precaução, que longe estava de convir ao programa de Carlos. Barafustando, praguejando—ah! quem tal diria de um tão perfeito *gentleman*?— contra o que chamava revoltante abuso de confiança, intentara-lhe imediatamente um processo. Mas a morosidade da justiça desesperava-o. Como acabara de declarar, não podia mais, a vida tornara-se-lhe insuportável, sem o mínimo interêsse. Luz esquivava-se, depois de uma noite no Casino do Estoril, em que Carlos, perdendo tudo o que trazia consigo, pedira dinheiro emprestado ao marido e furiosa, ela tivera uma das suas frases terríveis, de que já então se dizia:—Assassinam um homem.—Mesmo a tantos anos de distância, prefiro não a repetir. E as roletas, desde a elegante onde jogava de *smoking*, junto a senhoras decotadas, até à da mais reles baiúca, onde acotovelava fadistas, recusavam-lhe também um arzinho da sua graça... Nunca mais o vira entrar satisfeito, com aquêlê sorriso triunfante do guerreiro

que venceu uma batalha. Por outro lado, chegavam tôdas as manhãs volumosas cartas com o carimbo de Deauville. Deviam ser da Princesa. Oh! certamente a Princesa chamava-o... Nem a mais leve objecção fiz ao anúncio da partida. Carlos já me ensinara que as suas ordens não se discutiam, cumpriam-se. De resto, que importava? Cá ou lá, seria a mesma solidão, a mesma desilusão, com um único regaço para encostar a minha pobre cabeça, chorar as minhas amargas lágrimas: o de Francisca. Mas outra vez a negra fatalidade da vida ia separar-me dessa amiga fiel. Depois dalgumas recomendações sôbre os preparativos da viagem e novas assinaturas, a que indiferentemente me submeti, ousei dizer — oh! quanto longe ainda da resposta que ouviria! — Levo a minha criada... — Ele começou por perguntar, com o seu sorriso mais sarcástico: — Para um museu de antiguidades? — Expliquei friamente: — Para o meu serviço. Não posso dispensá-la. — Veio logo a censura, já tantas vezes renovada: a minha família habituara-me mal, o pior possível. Mas, se nadavam em dinheiro para satisfazer-me os absurdos caprichos, o mesmo não lhe acontecia. E custasse o que custasse, havia de ensinar-me a ser razoável, económica... Realmente a lição, que começara com o nosso casamento, prolongava-se todos os dias. Tinham sido levantadas as quantias em depósito nos Bancos,

vendidos os papéis de crédito e grande parte das propriedades, sem que me fôsse permitido dispor de uma moeda de cobre. Para dar uma esmola, recorria a Francisca. Na opinião de Carlos, as mulheres não precisavam de dinheiro. E se bem o dizia...

As lágrimas que me assomaram aos olhos, longe de comovê-lo, impacientaram-no; acrescentou:—Deixa-te de tolices. Terás quem te sirva melhor do que essa velha. Não vamos para um país de selvagens.—E a sua voz tornava-se tão imperiosa, tão cortante, que eu logo me convenci da inutilidade de qualquer insistência; limitei-me a perguntar:—Que destino tencionas então dar-lhe? — Poderá ficar aqui, comendo à sua custa, já se vê, ou, se preferir, irá para o Minho. Bem entendido, nós não pagaremos a viagem.—Assim completei o meu conhecimento do que, aliás, já em numerosas ocasiões suspeitara: a avareza, uma avareza mesquinha, sórdida, daquele a que tão largas, perdulárias mãos todos atribuíam! E tinha-as, mas só no que lhe dizia respeito; para os outros, sobretudo para os humildes, tudo achava bastante, demais... Que se governassem... Era o seu argumento favorito. Ai de mim! As descobertas sucediam-se. Mais tarde, durante a representação de uma comédia de Flers e Caillavet, a que assisti em Paris, ouvi as palavras que melhor podiam definir o meu sentimento, o meu desapon-

tamento : *Comme il me déplairait, si je ne l'aimais pas!* Sim, como Carlos me desagradaria, se eu não gostasse d'êle! Mas gostava. Eis o grande, terrível mal.

E agora, querido, vamos para Deauville. Quando, às suas perguntas:—Estás satisfeita? Achas-te bem?—que, sem dúvida, constituíam uma rara, raríssima honra, pois, como já te disse, não entrava nos hábitos de meu marido, informar-se do que eu pensava e sentia, respondi, irresistivelmente:—Detesto isto.—Carlos mostrou uma escandalizadíssima surprêsa.—Era lá possível! A praia mais linda de França! A vilegiatura preferida do elegante Morny, amigo dos teus avós! Se tivesses vindo ao mundo e... a Deauville, um pouco mais cedo, poderia mesmo apresentar-te a Duquesa, aquela célebre Sofia Troubeskoi, que cortou o soberbo cabelo para que êle o levasse consigo, viúva... inconsolável e logo consolada pelo segundo casamento com o Duque de Sesto, Alcânizes, ex-apaixonado da Imperatriz...

Contudo, se não vim a êste mundo e... a Deauville em ocasião que me permitisse conhecer a Duquesa de Morny, cheguei a tempo, terrivelmente a tempo, de ser apresentada a outra russa ilustre... Oh! ilustríssima! Sónia de... Valha-me Deus! Esqueceu-me o nome, qualquer coisa acabando em *ona* ou em *off*, que, aliás, raras vezes ouvi, porque dela o meu marido dizia

apenas:—a Princesa—como se única fôsse na terra! Uma das mulheres mais bonitas da sua época, pretendiam os íntimos. E com a melhor vontade, eu procurei, mas não consegui encontrar, qualquer vestígio dessa extraordinária beleza. Aos meus olhos, defeito da minha miopia talvez, a Princesa era apenas uma senhora velha, com o cabelo pintado de côr de cenoura e a cara de tôdas as côres, que queria à fôrça fingir de nova, uma senhora gorda, que devia sofrer tratos de polé dentro de um espartilho couraça, para que a julgassem magra. Entre nós foi o *coup de foudre*, quere dizer: à primeira vista, detestámo-nos. Porém, incomparável nessa hipocrisia que se chama o uso do mundo, Sónia acolheu-me com a mais encantadora amabilidade. Sem que nisso eu mostrasse o mínimo empenho, quis levar-me ao Casino, de que há tantos anos o meu marido era assíduo freqüentador. Entre os *habitués*, havia grande curiosidade de conhecer a sua escolha. Quando entrámos, caiu sôbre mim o fogo cerrado de inúmeros olhares. Trocaram-se comentários. Uma ruiva insolente, provocante, exclamou, sem dar-se ao trabalho de baixar a voz:—*Il est trop chic pour elle!*—Entretanto, a Princesa apresentava-me vários rapazes:—*Des petits flirts pour vous...*—Declarei secamente que, no meio onde estava habituada a viver, as mulheres casadas não tinham *flirts*. Muito de alto, Sónia replicou:

quisera apenas, *en tout bien toute honneur*, proporcionar-me um inofensivo divertimento, mas, se aos virtuosos olhos do meio onde eu estava habituada a viver, êle era considerado tão pecaminoso, razão tinha de abster-me. E com o seu ar mais imperatriz de tôdas as Rússias, voltou-me as costas, saíu da sala, acompanhada por Carlos, que se limitara a encolher desdenhosamente os ombros. O incidente não passou despercebido. Houve risos. Alguém disse:—Romperam-se as hostilidades.—Ah! o que fazia eu entre essa agressiva gente? *Agressiva* era talvez exagerado. Devia tratar-se apenas de inofensiva bisbilhotice. Mas há momentos, os mais cruéis da vida, em que julgamos que todos nos querem mal. Resolvi não esperar por Carlos. Entregue às estonteadoras sensações do jôgo, êle esqueceria de-certo a minha presença, a minha existência... Voltei ao Hotel. A noite estava linda. O céu cheio de estrêlas. Lembrei-me que no tempo feliz da infância, ouvia dizer: Alcança-se tudo o que se pede, quando corre uma estrêla. Eu queria tanto que a estrêla sumia-se e antes que lhe confiasse a minha ambição... Nessa noite solitária—a primeira do exílio—uma única coisa desejei: morrer.

Porém a mocidade espera ainda, espera sempre, mesmo convencida que de tudo já desesperou... Carlos podia ser encantador... quando ganhava ao jôgo, bem entendido. Vivíamos à

mercê das alternativas da roleta. E deviam ter sido de sorte, de extraordinária sorte, as primeiras semanas passadas no seu querido Deauville! O dinheiro que tão escasso se tornara em Lisboa, abundava, permitindo-lhe retomar os hábitos de milionário. Tôdas as noites ceava com *Champagne*, em alegre companhia, de que, aliás, eu nunca fiz parte. Desculpava-me com o horror às noitadas, mas a verdade é que não podia suportar a gente de que o meu marido se rodeava. Apesar de tantas jóias, títulos — todos príncipes, *bey*s, *rajah*s, arqui e gran-duquesas — parecia-me o que havia de mais suspeito. . . Tinha repugnância de estender-lhes a mão. À essas festas para seu divertimento, juntavam-se algumas. . . generosidades, para gôzo dos outros. Tôdas as manhãs eu recebia um pequenino ramo de ciclames do campo que, por um ou dois *sous*, êle comprava no mercado. — São singelos, mas tão frescos e bonitos! Dizem contigo. — Não sei se em obediência ao mesmo desejo de harmonia, eram sempre escolhidos entre as *occasions uniques* — flores que já tinham passado dois e três dias nas *vitrines* das floristas caras — os cravos destinados à Princesa. *Madame Rose* assegurava *qu'ils tiendraient encore*. . . E Carlos achava que, por metade do preço, faziam a mesma vista. Não havia direito de atirar dinheiro à rua com semelhantes frioleiras. Depois, no bilhete que acompanhava o presente, dava largas às mais loucas

prodigalidades de adjectivos; êsses não acarretavam despesas: *À la très charmante. À la toute belle!*... Animada pelo seu bom humor, ousei uma vez perguntar-lhe:—Carlos, sê franco, dize se realmente pensas o que acabas de escrever.—Êle soltou uma daquelas alegres e já raras gargalhadas, que tão deliciosamente lhe iluminavam a fisionomia, respondeu:—Quando eu tia... por muito extraordinário que isso te pareça, já li, encontrei numas «Memórias» do século XVIII, uma curiosa história... Poderás talvez applicá-la ao meu caso. Perguntando alguém a Voltaire por que teimava em chamar linda à horrenda Marquesa de Chatelet, êle explicou: —Se o não fizesse, a bela... *Émilie* era capacíssima de esganar-me.

Mas não tive tempo de dizer-lhe quanto, além de divertida, a história me parecia a-propósito. Carlos logo se penitenciou, declarando que uma mulher superior como Sónia, podia permitir-se algumas ilusões. De resto, estava admiravelmente conservada! E na elegância ainda levava a palma a tôdas! Senti que não devia insistir. Durante a permanência em Deauville, foi essa a sua primeira falta de respeito à russa tôda poderosa. No entanto, se muitas coisas me desagradavam, eram largamente compensadas pela alegria dos nossos passeios matinaes. Desde que a roleta lhe não dava desgostos, Carlos pusera de parte as tremendas doses de veronal, com que procurava o

sono, o esquecimento, e de que saía estonteado, embrutecido, para ir jogar outra vez. Recolhia mais cedo, dormia admiravelmente, era sempre o primeiro a acordar. Queria que chegássemos à praia na festiva hora do banho. Ainda estávamos longe dos actuais hábitos de nudez. A maioria das mulheres mostrava apenas os braços e, num pequeno decote, o colo fino. Se, para nadar, algumas precisavam de fato mais curto, que melhor lhes desembaraçasse os movimentos, punham sobre os ombros uma capa que só tiravam ao entrar na água. Larga, flutuante, ela dava às silhuetas uma graça ligeira de andorinhas. Carlos conhecia tôda a gente, mas logo reparei que, se algumas pessoas correspondiam amavelmente ao seu cumprimento; muitas o acolhiam com frieza e outras ainda fingiam não o ver. Êle, forçando-se a rir, explicava:—São género lisboeta. Têm medo de comprometer-se... Como se eu não lhes conhecesse todos os podres!

Quanto a mim, uns e outros eram perfeitamente indiferentes, empenho algum sentia de relacionar-me; da praia interessavam-me apenas os aspectos de elegância. Preferia mil vezes os passeios no lindo campo, de um verde tão húmido, tão brilhante, sob a luz eôr de pérola. Passávamos por sumptuosas *villas*, rodeadas de imensos parques, e por pequenos *cottages* dentro de jardins onde começavam a dar flor as dalias. *Ma*

joie, Mon rêve, Mon bonheur, chamavam-se as primeiras e — oh! ironia! — quasi de cada uma, Carlos contava-me uma sinistra história.—Pertence a um americano riquíssimo que enlouqueceu, não se sabe o motivo. De saciedade talvez... Há quem pretenda que a indigestão é pior do que a fome. Suicidou-se ali uma lindíssima austriaca, porque o marido fugiu com uma bailarina. Daquela, a dona tem uma doença terrível, incurável, vive no quarto, às escuras. — E eram os *cottages* sem nome e sem história, que eu desejaria habitar. Tudo neles me evocava uma vida serena, fácil, ao abrigo do descontentamento, êsse mal dos ricos...

— Carlos, como seríamos felizes ali!

— *Petite fille*—assim dizia sempre nos momentos de ternura e bom humor — se a gente escolhesse o seu destino, eu estaria há muito cultivando as dalias de um dêstes pequenos jardins. Mas não se escolhe. Para lutar nasci...

Luta inglória do jôgo... No fim da tarde, àquela hora que os franceses chamam *entre chien et loup* e de que nós, mais expressivamente, dizemos «quando todos os gatos são pardos», única em que mostrava os avariados encantos, a Princesa vinha buscá-lo, iam juntos ao Casino. Com ligeiras alternativas, em que parecia esquivar-se para voltar mais pródiga dos seus favores, a sorte continuava, esplêndida, inverosímil! O meu

marido rodeava-me de um affecto que nem durante a lua de mel, eu tinha conhecido. Já a minha primeira impressão, tão desfavorável ao elegante Deauville, se transformava em agrado e simpatia, quando percebi que tudo corria mal outra vez. Recomeçavam os narcóticos e o terrível humor. Carlos impacientava-se por tudo. Se eu ousava lembrar-lhe os nossos habituais passeios, respondia furioso:—Não estou para maçadas; vái só, que não te perdes. — Apenas se levantava, instalava-se defronte de uma fôlha de papel, onde escrevia os números da roleta e, em volta dêles, fazia cálculos, inventava processos de jogar, que depois expunha à Princesa . . . Três cavalos no cinco, apanhando quási tôda a primeira dúzia, cêrco mais limitado à segunda, e com os plenos e cruzetas na terceira . . . Sónia ouvia gravemente, aprovava um cavalo, aconselhava a supressão de uma cruzeta, parecia-lhe que o seu querido amigo devia concentrar maior esforço num número; com o novo método equilibrar-se-ia talvez, mas tratava-se de ganhar. Não era por divertimento que jogava. E sem me dirigirem uma palavra, um simples gesto, partiam, repisando cavalos, plenos, cruzetas . . .

Contudo, o sistema tão estudado e discutido, em que êle punha a maior confiança, nenhum resultado deu. A sorte ia de mal para pior. Carlos voltava do Casino num tal nervosismo, que eu

nem um momento ousava deixá-lo e, a-pesar das suas ameaças, escondia-lhe o veronal, de que passara a tomar doses que, durante vinte e quatro horas, o punham como morto... Num desses dias, lívido, trémulo, ainda sob o efeito da droga, pediu-me que telefonasse a Sónia. Preci-sava falar-lhe com a maior urgência. E a-pesar da sua repugnância em mostrar-se à crua luz do sol, a Princesa chegou imediatamente. Fui logo intimada a... ir ver a paisagem. Não era para crianças o que tinham de dizer. No meu quarto, contíguo à sala onde Carlos recebera a russa — embora duas semanas houvessem passado sem que pagássemos a conta do hotel, conservávamos a luxuosa *suite* que êle chamava das vacas gordas—começou por sentir-se um leve sussurro de vozes, mas ainda a de Carlos se mantinha baixa, mansa, parecia-me mesmo que suplicante, já a Princesa levantava a sua, em um crescendo, crescendo de irritação.—*J'en ai assez. Pas un sou de plus*—dizia essa voz, a mais rouca, desagradável, que até hoje tenho ouvido. E porque êle insistisse de-certo, acrescentava :—*Vous n'avez qu'à plumer la petite. C'est son tour.* — Conhecendo o génio de meu marido, que à mínima contrariedade, explodia com violência terrível, causava-me o maior espanto a sua submissão. Porém as últimas palavras foram a gota de água que fêz transbordar o copo. A uma vigorosa praga, se-

guiu-se um ainda mais vigoroso murro sôbre a mesa. Todo o quarto tremeu. Houve um ruído de loiça partida. Era certamente o meu delicioso prato de Delft que voava em estilhaços. E entre aquêlê fidalgo da mais pura linhagem e a princesa que se attribúa próximo parentesco com a côrte dos Romanoffs, travou-se um duelo de insultos, como eu só julgaria possível na bôca dos carroceiros, até que ela partiu, alirando a porta...

Daí a pouco, Carlos chamou-me. Vermelho, congestionado, os olhos injectados de sangue, fazia horror. Entre dentes, murmurava ainda:— Velha serpente. . . Velha serpente:—Procurei tranquilizá-lo. Êle nem me ouviu. Ordenou-me que reunísse tudo o que tínhamos, roupas, fato, para levar ao *prego*. Precisava de dinheiro. De qual-quer maneira havia de arranjá-lo.

Mas como os dias, as horas seguem-se e não se parecem. Eu desempenhava-me da triste incumbência e Carlos preparava-se para tomar o caminho tão seu conhecido, quando chegou uma carta e, junto com ela, um cofre, logo nervosamente aberto, donde, com grande espanto, vi surgir o precioso colar de pérolas da Princesa. Radiante, embora um pouco atrapalhado, Carlos explicou:—A minha excelente amiga, devido a maus negócios, tem tido certas dificuldades; para remediá-las, incumbe-me de empenhar as suas pérolas. Há pouco, quando nos ouviste discutir,

procurava dissuadi-la dessa resolução. Mas pela carta que acabo de receber — esquecia-se que ainda não a tinha lido! — vejo que é realmente necessária. — E eu quis acreditar... Meia hora depois, voltava, com a carteira abarrotada de notas e um grande ramo de crisântemos rosados, os primeiros da estação que, por uma vez, não tinham sido escolhidos entre as *occasions uniques de Madame Rose*... Eram para a Princesa. A Princesa merecia tudo. E — oh! ironia! — àquela que há pouco ainda chamava velha serpente, eu vi-o escrever, no bilhete que devia acompanhar a maravilhosa *gerbe*: — *À la reine des fleurs*... Já sem a mínima ideia da história inventada sobre os maus negócios de Sônia — o pobre Carlos mentia muito e mal, o pior possível, como mentem as crianças e... os homens: a ciência da mentira é do domínio exclusivo das mulheres — declarou que, nessa noite, graças ao empréstimo da Princesa, tencionava trazer do Casino, uma fortuna. Sentia-a vir, porque tais coisas sentem-se... O palpite é necessário, infalível. Sem êle, uma perfeita loucura experimentar a sorte. — Verás... E desde já te prometo, não torno a jogar. Vamos para Portugal. Instalamo-nos na minha casa do Douro... — Escusado será dizer que a casa do Douro há muito fôra vendida, mas Carlos, esquecido de que as pérolas anunciavam lágrimas, considerava o colar um precioso

talisman, que tudo lhe restituiria, desde as loucas somas perdidas, até os velhos solares, pendurados na serra!—Toca a sorrir, *petite fille*. . . Hoje é festa. Não quero ver-te com essa cara de palmo e meio.—Pôs um crisântemo na lapela, beijou-me os olhos e saiu, trauteando alegremente a Marsehesa:—*Jour de gloire est arrivé*. . .

Porém o dia de glória não chegou. Faliu o palpíte. . . infalível. Em duas noites, a roleta devorou a jóia famosa e. . . mais jóias que fôsem! O seu apetite não conhecia limites. A tão grande desilusão seguiu-se. . . o costume. Desânimo, veronal e. . . como extra, a ordem terminante do proprietário do «Splendide» para pagarmos ou deixarmos imediatamente o hotel. Depois de muito parlamentar, Sónia conseguiu que nos dessem, por mais uns dias, um quarto nas trapeiras. E lá acomodámos tristemente a nossa miséria. . . Em alguns momentos que cada vez se tornavam mais raros, Carlos saía do horrível letargo do veronal, para recomeçar as súplicas e ameaças à Princesa. Mas ela mostrava-se inabalável. Para o jôgo, nada mais daria. Entretanto, longe de abandoná-lo, vinha constantemente vê-lo, era a única que conseguia sacudi-lo, incutir-lhe alguma coragem. Esperava arranjar-lhe negócio rendoso, de que êle tinha longa prática, aliás. . . E uma tarde apareceu com dois homens, de aspecto tão *louche*, sob a falsa elegância que, só de vê-los,

eu fiquei a tremer... Feitas as apresentações, anunciou alegremente:—Os meus amigos são negociantes da... felicidade ou do que vale quasi tanto como ela, da sua ilusão...—Carlos logo me aconselhou a ir admirar o pôr do sol. Desta vez, à janela do corredor onde me encostei, chegaram apenas farrapos de frases, em que uma palavra voltava constantemente: ópio... E ainda maior se tornou o meu terror.

No dia seguinte de manhã, partimos para Paris, levando uma única mala de mão. As outras ficavam retidas no hotel até que pagássemos o que devíamos. Destas mudanças precipitadas, a *trouxe-mouxe*, como quem foge, veio a minha aversão pelas viagens, o meu grande desejo de estabilidade, de paz...

Querido, ainda hoje não acabo. É tão íngreme e tão longo o caminho do Calvário, que, para continuá-lo, preciso tomar fôlego.

Tua
ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 17 de Abril.

Querido

Levo-te hoje a Paris. — Profundo como os bosques, chamou-lhe Bataille. E foi na verdade o

bosque, em que deliciosamente me embrenhei, me perdi, esquecida dos outros, de mim, de tudo o que fazia o meu tormento. Ali, mais do que nunca, as nossas vidas andaram separadas. Eu levantava-me à hora em que Carlos se deitava. Preferia o Paris que reza e trabalha, quando ainda se conservavam húmidas de orvalhos, as árvores dos parques. Êle adorava o outro, «triste e louço», o dos *apaches* e do baile Tabarin. De resto, só à noite encontrava os sócios dos actuais negócios que, segundo dizia, exigiam uma grande actividade e um grande mistério. De vez em quando, anunciava-me lacònicamente a sua partida, sem nunca explicar para onde, nem com que demora. Ficava dias, semanas... Não dava notícias. Como da roleta, voltava às vezes mais triste, mais sombrio, aludindo a grandes perigos que o ameaçavam. Noutras vinha alegre, cheio de esperanças... e de promessas:—*Petite fille*, o teu marido está a caminho de uma grande fortuna.—E levava-me a jantar nos luxuosos *restaurants* que frequentava. Dava-me *Champagne*. Depois íamos juntos ao teatro. Uma noite, conseguiu que o acompanhasse a Montmartre. Creio que se chamava *Rat Mort*, o elegante *dancing* onde, até de manhã, homens e mulheres de tôdas as idades, de tôdas as categorias—desde o príncipe autêntico, até ao feito à pressa—divertiram-se ou fingiram divertir-se prodigiosamente, enquanto,

vencida pelo aborrecimento e pelo cansaço, eu adormeci, com aquêlê profundo, abençoado sono dos novos, que barulho algum perturba e a tôdas as faltas de comodidade resiste. — Velado pelo Anjo da Guarda—disse Carlos, sem perceber que através da sua irónica bôea, a verdade falava. Sim, durante todo êsse ano horrível, o meu Anjo da Guarda andou certamente comigo, levantou-me à altura das suas asas, para que, sôbre tanta lama, pudesse passar, limpa de consciência e de coração.

Em vésperas de Natal chegou a Princesa. Veio logo ver-nós. E digo no plural, porque tive larga parte nas suas amabilidades. Informou-se, com o melhor sorriso, de como se portava aquêlê grande *mauvais sujet* de Carlos. Deu notícias de Deauville. A ruiva provocante fugira com um americano rei do petróleo ou de qualquer outra coisa, que, na véspera do rapto sensacional, levava a banca à glória.—A água corre para o mar—observou tristemente Carlos. E com um profundo suspiro, ela acrescentou:—*Hélas!*—Depois de algumas considerações sôbre os caprichos, a instabilidade do *tapis vert* e as vantagens de renunciar para sempre ao arriscado prazer do jôgo, acompanhadas por muitos: «Não é verdade, *petite amie?*».—Sónia mostrava-se tão pressurosa, tão ansiosa de agradar-me!—despediu-se, lembrando o seu habitual *réveillon*, a que esperava

não faltássemos. E outra vez sublinhou o plural. . . Bem entendido, eu tinha óptimas tenções de faltar, mas Carlos declarou que era tempo e mais que tempo, de pôr têrmo ao meu inexplicável amuo. . . Aceitaríamos—com plural também sublinhado—o amável convite da Princesa. Ainda protestei:—Não tenho vestido. Bem sabes que ficou tudo nas malas do *Splendide*.—Ao que êle logo respondeu:—Nada mais fácil de remediar, e da maneira mais económica, quando se está em Paris. Há sempre *ocasiões*.—Decididamente, para o que não lhe dizia respeito, já se vê—todo o seu fato era encomendado nos melhores alfaiates de Londres—o meu marido continuava a mostrar-se grande partidário das *ocasiões*. Deu-me vinte francos, acrescentando:—Arranja-te como puderes, contanto que não me envergonhes.—Comprei um retalho no *Bon Marché*. E sem o auxílio de uma costureira, sem um simples figurino, inventei o vestido, com que dias depois apareci, entre os mais sumptuosos modelos de Paquin Lafferrière, Doucet—os grandes costureiros de então—nos elegantes salões da Princesa. Tôdas as mulheres traziam o colo e os braços cobertos de jóias. As poucas que eu possuía, após o frequente vai-vem, acabaram por instalar-se definitivamente num *prego* de Deauville. Como único enfeite, prendi à cintura uma rosa vermelha. Carlos declarou-se satisfeito. Anunciou-me que a

minha simplicidade causara sensação! Algumas das suas amigas tinham procurado informar-se da casa que criara uma tão rara maravilha, limitando-se êle a responder que tal modelo fôra pago a pêsos de oiro, sob a expressa condição de para ninguém o repetirem. Porém, ainda mais do que o retalho de vinte francos, talhado e *cosido* por mim, a que o meu marido attribua tão magníficas, dispendiosas origens, tornara-se objecto de surpresa, quasi de escândalo, entre essas senhoras, que, sendo eu fabulosamente rica—Carlos fazia-me passar por milionária—não usasse uma única jóia. Aquela *toilette* exigia, pelo menos, pérolas. Êle, sempre inventivo, explicava o caso, como uma originalidade de quem tôdas podia permitir-se. Enganando-se sobre os motivos da minha tristeza, que vinha de não conseguir habituar-me à constante mentira da nossa vida, voltou a falar da fortuna... tão próxima... Era como se a visse já nas mãos!—E nesse dia, *petite fille*, terás mais brilhantes do que tôdas elas juntas, com uma só diferença: os teus serão verdadeiros, de puríssima água!—Mas, enquanto esperava pelas jóias preciosas, superiores aos antigos tesouros de Golconda, Carlos dava-me apenas o suficiente para não morrer de fome. Sobre êsses pobres *sous*, eu economizava o preço dos passeios que, de longe em longe, me encantavam os olhos e a imaginação. Versailles, a Malmaison,

Saint Cloud... oh! sobretudo Saint Cloud, criador de lindas miragens!

Ainda se recortavam no céu os ramos nus das árvores e muitas vezes, na areia das alamedas, brilhavam flocos de neve, mas eu julgava-me em uma dessas primaveras que me descrevia o avô. E só para mim, para a minha ilusão bemdita, voltavam a encher-se de rosas os jardins da Imperatriz. Alegres, cristalinas, as cascatas riam... No límpido espelho dos lagos, reflectiam-se, sob as *capelines* floridas, os vestidos transparentes. Mélanie de Pourtalès, que o destino fizera mais do que tôdas formosa, e Pauline de Matternich, em que Worth personificara essa outra beleza, a elegância, sorriam de mãos dadas... Cada vez que os jornais anunciavam a vinda da Imperatriz Eugénia a Paris, eu passava horas defronte do Hotel Continental ou sentada num banco das Tuilherias, esperando que ela chegasse. Foi sempre vã a minha expectativa. E a-pesar dos retratos, onde via apenas, encostada a uma bengala, uma senhora velha, parecida com tôdas as senhoras velhas, pude conservar a radiante imagem do quadro de Winterhalter, deslumbramento da minha infância. O delicioso tempo, que tão ligado andava à saúde dos avós, ainda não cessara de interessar-me. Era sempre a história maravilhosa, o canto de sonho, que me levava para longe da atroz realidade, o espírito inquieto, a

triste, maguada alma. Quantas vezes, depois dos passeios evocadores, fiz o projecto de visitar uma das suas sobreviventes: a Duquesa de Mouchy, Ana Murat, de quem os olhos, segundo dizia o avô, lembravam os da minha mãe! Mas o meu vestido, um pobre vestido já coçado nas mangas, tirava-me a coragem. Em vez da visita à Duquesa de Mouchy, ia reunir-me a um grupo de *midinettes* e estudantes que, sob as árvores do Luxembourg, me acolhia alegremente. Todas as manhãs nos encontrávamos. Almoçávamos juntos... quando eu almoçava, porque, devido à tentação dos lindos passeios e à parcimónia cada vez maior de Carlos, nem sempre esse luxo me era permitido: em muitos dias tinha de limitar-me a um pedaço de pão e quicijo, repartindo-o com os pássaros que vinham debicar as migalhinhas no meu regaço... Assim aprendi o que hoje se considera principal regra de higiene: levantar-me da mesa ainda com vontade de comer. Sim, de boa, da melhor vontade, eu comeria outro pãozinho... dois pãezinhos mesmo! Era nova, tinha apetite... Mas isso não me tornava infeliz e sem as preocupações que aumentavam todos os dias, contentar-me-iam absolutamente as manhãs, entre os pássaros e as *midinettes* de Paris, a que sucediam tardes adoráveis nos museus. Louvre, o da *Vitória* de gloriosas asas, Luxembourg, o do S. João—mãos erguidas,

nos olhos a ternura de um pequenino que a mãe ensina a rezar, — Carnavalet, ainda rescendente à graça da incomparável Sévigné... quantas horas de encantamento lhes devi! E acabava o dia numa igreja, quasi sempre Saint Étienne—essa jóia!—onde mais forte, mais poderosa que todos os receios, a paz descia ao meu coração.

Quando, por um raro acaso, Carlos se lembrava de interrogar-me sobre o emprêgo do meu tempo e eu lhe descrevia os almoços com as *midinettes*, nos *restaurants* baratos, ou com os pássaros, numa réstea de sol, sobre a relva do jardim, êle exclamava, do alto dos seus perus *truffés*, do seu *caviar*, do seu *Champagne*:—Não sei como podes,—acrescentando logo:—Tens o gosto plebeu...—Devia tê-lo, porque preferia mil vezes aquêles humildes companheiros aos... pseudo *rajahs*, *bexs*, *archi*, *gran-duquesas*, que faziam o orgulho, as delícias do meu marido. E dava graças a Deus, julgando-me para sempre livre de tão detestável companhia. Era uma ilusão. A Princesa não se esquecera de mim. Por motivos que nunca percebi, exigia a minha presença em tôdas as suas festas. Outro baile estava iminente: o que anunciava a primavera, o baile das flores. E ao convite impresso, a sua letra redonda, miüdinha, acrescentara, num requinte de amabilidade, fêz-me notar Carlos—oh! como

eu dispensava o requinte!—*dont vous serez la plus jolie...*

Pressentimento? Talvez. Mas é certo que nunca sentira uma tão grande repugnância da sua aproximação. Pedi, supliquei que me fôsse poupado o sacrifício dêsse baile. Recusei-me categòricamente a fazer outro vestido. Carlos nada atendeu. A tudo opôs um cortante, autoritário.—Irás, ainda que seja em camisa.—Fui, com a mesma túnica branca, a mesma rosa vermelha prêsa na cintura, de que, servidas em segunda dose, muito atenuado devia ter sido o sucesso... Fui... E enquanto o meu marido brincava negligentemente com o leque de plumas de outra princesa, russa também, o seu *flirt* dêsse inverno, eu surpreendia um tenebroso segrêdo que ainda hoje me faz corar e tremer... Propositada ou inadvertidamente, alguém de que ignoro o nome, revelou-me que todo aquêluxo, servia apenas para encobrir uma casa de jogos proibidos e pior, muito pior ainda: ousasse sair das salas, onde tão animada e alegremente se valsava, logo depois da roleta, encontraria mergulhados em beatitude, os devotos do ópio... A maioria dos convidados, a que tão brilhantes, históricos nomes, a Princesa emprestava, compunha-se de traficantes dessa droga... Comércio excessivamente rendoso... Oh! sem dúvida, a espartíssima Sónia enriquecia a olhos vistos! No entanto, era para

recear que, sempre desmancha-prazeres, a polícia se lembrasse de fazer-lhe uma pequena visita... Parecia ter muito que contar ainda a minha informadora. Eu é que nada mais quis ouvir. Levantei-me arrebatadamente e, aproximando-me de Carlos, disse-lhe:—Vamos embora. De-certo no terror de um escândalo—o meu rosto devia traír a horrível agitação que se me apoderara da alma—êlé seguiu-me, sem o mínimo protesto. Durante os poucos minutos passados no automóvel, não trocámos uma palavra, mas apenas fechou a porta do quarto, Carlos deu largas à sua fúria:—Farás favor de explicar-me que disparate foi êste.—Limitei-me a responder:—Carlos, sei tudo...—Tudo o quê?—Repeti-lhe o que há pouco ouvira. Procurando esconder, sob o habitual desdém, uma visível perturbação, êlé exclamou:—Histórias da Carochinha! Bisbilhotices maldosas dalguma despeitada!

Tranquãilamente, acrescentei:—Seja o que fôr, previno-te de que não volto a casa da Princesa.—Os seus olhos dardejaram lume como os olhos das feras. Avançou para mim com os punhos fechados. Julguei que ia bater-me, matar-me, talvez... Dominou-se. Tudo se resumiu a um horrível insulto. E depois de tomar uma hóstia de veronal—o veronal das grandes ocasiões—adormeceu profundamente, enquanto, na longa noite de insónia, eu me batia contra a ideia fixa. De

trás para diante, de diante para trás, duas palavras não cessavam de bailar na minha imaginação:—Ópio, polícia. Polícia, ópio. . .

Mais uns dias passaram, terríveis de ansiedade. Em vão tentei distrair-me. Já nada me interessava. Era-me indiferente o que diziam os meus alegres companheiros e gorgeavam, com alegria igual, os parais. . . Não podia comer nem dormir. Além de tudo o que me ameaçava, outro terror sentia ainda : o de adoecer. Esperava-me uma cama do hospital. E em certas horas de maior desânimo, quasi a desejava, para morrer, para descansar. . . Mas os acontecimentos precipitaram-se com rapidez fulminante. Uma manhã, quando acabava de vestir-me e Carlos, que tinha dobrado a sua dose de narcótico, dormia como uma pedra, a Princesa irrompeu pelo quarto, com o cabelo desgrenhado, metade da cara pintada e a outra assustadora de lividez, o sumptuoso casaco de peles aberto sobre um roupão velho, os pés metidos em chinelas. . . Fazia pavor! Sem que a minha presença a preocupasse —por uma vez, não fui mandada contemplar a paisagem!—logo da porta, gritou:—Houve uma denúncia.—Mal acordado, ainda sob a acção do veronal, Carlos parecia não entender:—Como. . . uma denúncia.—Ela aproximou-se da cama e sacudindo-o furiosamente:—Tive uma rusga em casa. Nada descobriram! Fui prevenida a tempo.

Tomei as necessárias precauções. Mas Serge está prêso. A polícia procura-te. É preciso fugir, fugir imediatamente...—Na mesma voz de sonâmbulo, Carlos titubeou:—Estou aqui com um nome suposto...—Realmente os criados chamavam-no sempre *Monsieur le Comte*. E a uma observação, que a êsse respeito me permiti fazer, êle respondeu, enfiado, irónico:—Em França todos os estrangeiros são condes. Espero que me dispenses de um desmentido nos jornais...—Impaciente, Sónia insistiu:—Ês muito conhecido. Não te faltam inimigos e... suficientes culpas no cartório para, caso te encontrem, ires parar um pouco mais longe de que o *violon*...—Eu ouvia petrificada. Mas com estas palavras, Carlos acordou enfim. A Princesa tinha razão. Ia tratar imediatamente da partida. Os passaportes estavam em regra. Caso arranjasse lugar no combóio, seguiríamos ao meio dia para Portugal. Ela soltou um suspiro de alívio e sem um simples apêto de mão, murmurou friamente:—*Bonne chance*.—O meu marido respondeu no mesmo tom:—*Au revoir*...—Assim se despediram dois amigos a que melhor conviria talvez o nome de cúmplices. Viam-se pela última vez. Mas isso não podiam êles saber. Apenas Sónia fechou a porta, Carlos transbordou de sarcasmo, de azedume...—Culpas no cartório! Como se as dela não fôsem iguaís ou maiores! Quere pôr-me a andar antes que eu

fale, que eu diga...—Interrompi-o bruscamente:—Carlos, tu não tens direito...—Êle levantou-se, vestiu-se sem os requintes habituais, que durante horas o demoravam defronte do espelho, atento aos mínimos detalhes, vaidoso como uma mulher. Carregou o revólver, meteu-o na algibeira. À minha ansiosa pergunta:—Meu Deus! O que vais fazer?—respondeu:—Sossega, é para uma eventualidade apenas. Vivo, não me apanham... Contrabandista, sim, da pior espécie, jogador, criminoso, se quiserem. Tudo, menos poltrão...— E saiu, recomendando-me que arranjasse as coisas depressa, o mais depressa possível. Não havia um momento a perder. Na lufa-lufa, já minha conhecida, com mãos que tremiam, atirei para dentro das malas, a abundante, luxuosa roupa de Carlos. Quanto à minha, pouco trabalho deu e pouco lugar ocupou.

Uma hora depois, os criados metiam numa *galerie* as bagagens de *Monsieur le Comte*, emquanto, desfazendo-se em salamaleques, o gerente desejava a *Son Excellence* uma óptima viagem, sentindo tanto a inesperada partida. E com o maior *aplomb*, Carlos pedia-lhe para, no caso de vir alguém procurá-lo, responder que, encarregado de uma alta missão diplomática, êle se víra na dura necessidade de deixar Paris.—*Je n'y manquerai pas, Monsieur le Comte*...—Eu sentia-me morrer de vergonha...

Já instalado no *Sud*, o meu marido abriu os jornais. Em Paris não tivera tempo de lê-los. E logo encontrou a notícia da prisão do russo que fazia parte duma numerosa *bande*, quasi tôda recrutada nos salões de certa Princesa, há muito suspeita. A polícia investigava, esperavam-se, para breve, novas prisões. E passando-me o *Matin*, exclamou: —Brr!—Porém, como nesse momento, por um mero acaso, estou certa, dois homens passassem defronte de nós, acrescentou, no seu francês, sem o menor *accent*:—Não devia permitir-se a semelhante gente a entrada em França. Todo o mal vem de tão imprudente generosidade.—Eu baixei a cabeça, para que não me vissem corar...

Foi êsse o único incidente. A viagem decorreu monótona, fatigante, como tôdas as viagens. O tempo, já escuro, à saída de Paris, piorou ainda. Sôbre Bayonne chovia torrencialmente. Um denso nevoeiro envolvia as tôrres da Cathedral. Lembrei-me da manhã em que ali passara com os avós. Suave, descuidada manhã da minha infância! De tudo perguntava:—O que é? Como se chama?—Mas chegámos enfim a Irun. No terror de mais uma noite de insónia, recorri, pela primeira vez, ao veronal. Logo resvalei deliciosamente para o não ver, não saber, não ser... E agora, querido, até amanhã, até Lisboa!

Tua
ANA GUIOMAR

Lisboa, 18 de Abril.

Querido

Quando saí do sono pesado, acabrunhador, já há muito passáramos a fronteira.

Que linda surpresa foi! Adormecera sob uma rude invernia, com a chuva açoitando os vidros da janela; acordava num raio de sol, e bastou que o combóio parasse, para que eu ouvisse os pássaros cantar!

Em Portugal, Abril é primavera. As macieiras cobriam-se de flores. Rosinhas de toucar vestiam as paredes de cada estação e, ao lado, nos pequenos jardins, brilhava o escarlate vivo dos gerânios, rescendiam as madre-silvas. Ao fundo dos prados muito verdes, destacavam-se as aldeias branquinhas. Sôbre o Luso, surgia a folhagem escura dos cedros. Logo depois, entre choupos, o Mondego deslizava... E de tudo—desde os ramos altos da floresta às ervas rasteirinhas, desde o rio tão celebrado pelos poetas aos humildes regatos sem nome, uma divina paz subia, direita ao meu coração. Como ainda hoje me acontece, nas horas de mais suave contentamento, chorei...—Sempre a lágrima atrás da orelha!—exclamou Carlos. Para além das lágrimas de amar-

gura, que era seu hábito... seu prazer talvez, fazer-me chorar, o meu marido nenhuma admittia!

Foi triste a chegada. Receando o desconforto da casa há tanto deshabitada, êle decidiu passar a noite no *Avenida Palace*.—Único hotet civilizado desta bárbara Lisboa!—Propus que mandássemos um telegrama a Francisca, certa de que ella viria immediatamente, mas Carlos logo protestou:—Já tinha a seu cargo demasiadas despesas; não precisava aumentá-las com bôcas inúteis!—Por uma vez, saí dos meus hábitos de silêncio e resignação: ousei lembrar-lhe quanto devíamos à pobre velha, que durante a nossa permanência em Lisboa, nos servira sem que recebesse a mínima soldada. Êle teve um risinho de escárneo:—Sossega, o que the devemos, se é que devemos e, bem entendido, eu não tenciono pagar, foi apenas uma ligeira restituição. Em tantos anos de casa rica e pródiga como era a dos teus avós, ella arranjou-se certamente, arranjou-se bem...—E pretendia ter provas, alguém lhe dissera... Nunca me senti tão perto de odiá-lo. Quis responder, a voz afogou-se-me na garganta. Carlos passou então a queixar-se do meu feroz egoísmo. Segundo o costume, pensando só em mim, tomara a sua última hóstia de veronal... E agora como havia de dormir?! Entretanto a noite, não sei se de sono ou insónia, foi boa con-

selheira: Carlos levantou-se de óptimo humor. Procurou conversar, escolhendo os assuntos que mais podiam interessar-me. Como eu a nenhum respondesse, lastimou que tanto durasse o meu ressentimento. E—caso raro, nunca visto!—confessou que se excedera, fôra injusto, odioso, mas as contrariedades dos últimos dias de Paris e, em seguida, a maçada da viagem, tinham-lhe arrastado os nervos. Eu devia perdoar. Era preciso iniciarmos em boa paz a nossa vida de Lisboa, onde tencionava ser o espelho de tôdas as virtudes. Nem jôgo, nem *flirts*. Eu veria... E para começar, autorizou-me a ir fazer uma visita aos tios, anunciar-lhes que, embora com a certeza de vencer, desistia do processo. Não queria vexá-los... Depois de uma curta hesitação, continuou:—Parece-me conveniente averiguares se já receberam os teus rendimentos e podem pagá-los. Nós precisamos de dinheiro. Não se vive do ar...—Nada me pediria, nem aceitaria de mim, se os seus negócios de França tivessem corrido melhor...

Eu atalhei vivamente:—Tudo o que quizeres, Carlos, contanto que não me fales no que chamas os teus negócios...—Já irritado, êle retorquiu:—E por que não heí-de chamá-los? Sabes a única diferença que existe entre a minha pessoa e os bemquistos, inteligentes, activos—julgo ser assim que dizem os jornais—fabricantes, comer-

cientes, banqueiros da nossa praça? Êles fazem as suas trapalhices, as suas poucas vergonhas, impunemente, ao abrigo da lei, e por muito menos. . . Sim, muito menos. Por uns quilos de ópio, que finalmente só bem-estar produzem, eu arrisco a pele. . . Mas, educada no convencionalismo estreito dêste meio, tu nunca hás-de compreender o boémio, o cavaleiro da aventura—se quiseres traduz aventureiro, Deus louvado, posso bem com o nome—que escolheste para marido. . . Enfim, estamos a perder tempo. Vai ver os teus tios. Não lhes digas muito mal de mim. Depois conto com o teu génio inventivo para arranjares criados, transformares aquêle pardieiro numa casa habitável. Se pudesse ajudar-te, da melhor vontade ofereceria os meus serviços, mas sempre ouvi dizer que, em tais ocasiões, os homens só atrapalham. Irei pelas oito horas jantar contigo.—E prometeu enriquecer o *menu* com carnes frias da *Charcuterie*. . .

Como não possuía mais do que o franco, que me serviu para comprar um ramo de casadinhos, os deliciosos mensageiros da primavera de Lisboa, fui a pé até à Estrêla. Pareceu-me curto o passeio, no fresco ar da manhã, sob o céu de um puríssimo azul. Os tios, que nem suspeitavam a minha chegada, receberam-me de braços abertos. Houve em tôda a casa um alegre alvoroço. Carmo partira, havia poucos dias, para a sua via-

gem de núpcias. Vina logo anunciou:—Casamento de razão, como todos deviam ser.—Mas ela continuava solteirona incorrigível. Quis saber se eu vinha com demora. De resto, fôsem quais fôsem as minhas intenções, não me deixaria abalar outra vez. Seria o cúmulo da injustiça, da ingratição! Todos morreriam de saúdaes minhas! Quando declarei que tencionava ficar em Lisboa e me referi às dificuldades de instalar-me, sem criados, nem sabendo onde arranjá-los, a tia Maria Luíza, sempre pronta a ajudar—querido, essa nossa parenta passou neste mundo como uma fada, de que a varinha de condão tudo facilitava!—ofereceu-me uma das suas. Podia perfeitamente dispensá-la. Era até favor: tinha pessoal demais.

Vina, que muito excitada, começava uma história e não acabava, fazia uma pergunta e não esperava a resposta, depois de percorrer o meu vestido, o célebre vestido coçado, com um olhar de surpresa e desconsôlo, exclamou:—Anita, que extraordinária *toilette!* Pareces uma pobre pedinte!—Eu corei, quis explicar que me faltara o tempo de abrir as malas. . . Maria Luíza, a boa fada, fingiu não ouvir a observação de Vina, não perceber o meu doloroso embaraço. Daí a pouco, quando ficámos sós, disse:—Minha querida filha, eu nada te pergunto, a ninguém censuro, mas não posso ver-te assim. Irás amanhã comigo a

uma costureira. Escolheremos dois vestidos. O que trazes servirá à Maria, a tua criadinha. Fazes-me isto, sim?—Prometi obedecer. Dessa incomparável amiga, tudo achava natural aceitar. A sua generosidade era tão fácil, tão espontânea, que nunca pesava. E abordámos enfim o assunto negócios, odioso assunto! Como Carlos me pedira, participei-lhe que êle desistia do processo. Quanto aos rendimentos, Maria Luíza não esperou a minha pergunta, para dizer-me que o marido os tinha recebido há dois meses já. De certo eu adivinhava o motivo por que não os mandara. Constituíam uma quantia mais do que suficiente, para que durante todo o verão, pudsémos viver com facilidade e largueza. Ia entregar-me um cheque, mas antes exigiu de mim o firme compromisso de que êsse dinheiro... sem passar por outras mãos, seria imediatamente depositado num Banco, donde só eu pudesse levantá-lo.—É para o teu bem, para o bem de todos...

—Fique descansada, minha querida tia. Comprometo-me solenemente a seguir o seu conselho.

Às oito horas da noite, a mesa estava posta. Vina, que viera também ajudar-me, enchera a casa de rosas, pretendendo que me serviriam de *porte-bonheur*. Queria ver-me feliz e, se o meu senhor e dono me desse desgostos, com ela teria de haver-se. Às nove, como o... espelho de tô-

das as virtudes e... as carnes frias da *Charcuterie* ainda não tinham chegado, tomei um caldo e encostando a cabeça à mesa, adormeci no perfume das rosas... Era já madrugada quando Carlos entrou. Contra todos os seus hábitos de *quero, posso e mando*, mostrou certo embaraço, pretendeu explicar, desculpar-se... Decididamente mudava de tática. Nem sabia como o tempo tinha passado e êle, com as melhores tentações de vir jantar comigo, só então conseguira desembaraçar-se! Seguindo os usos da terra—era sempre romano em Roma—levara horas pasmado à porta da Havaneza, ouvindo os últimos ecos dos escândalos e das conspirações, porque agora todos conspiravam... Encontrara imensa gente conhecida. A gente conhecida continuava a viver no Chiado. Os homens, incríveis, de polainas brancas, as mulheres com os pés tão comprimidos em sapatos de saltos altíssimos, que mal podiam equilibrar-se!... E antes que lhe esquecesse: a Maria da Luz mandava-me saudades. Essa fazia excepção à caricatura geral. Uma parisiense não se veste melhor, não pisa com mais elegância! Mas parecia-lhe fria, desconfiada, sempre a olhar em volta de si, como se tivesse medo que a vissem falar com êle.—Julgara-a um pouco superior ao modelo indígena e finalmente não passava de uma burguesinha como vocês tôdas! Em compensação—fraca compensação!—

o marido amabilíssimo, verdadeira carraça! Por mais que lhe repeti:—A Anita está à minha espera—foi sempre respondendo:—Não há como fazer esperar e... até mesmo desesperar, as mulheres, para que elas gostem de nós—opinião que, seja dito de passagem, não julgo inspirada pela experiência própria. Coitado do pobre rapaz! E arrastou-me ao Tauromáquico onde, depois de um jantar com vinhos portugueses, muito razoáveis por sinal, exceptuando, já se vê, a geropiga do *Champagne, bon grè, mal grè* achei-me instalado a uma mesa de jôgo... Oh! não se tratou de roleta, eu tenho só uma palavra! Um *bacarat* barato, de trazer por casa, em que me equilibrei...—Tão grande fôra o equilíbrio que, na carteira, ainda de manhã cheia de notas, nenhuma restava. Carlos estreava-se bem!

—Mas não se te arranca uma palavra! Estás amuada?

—Estou cansada.

—Coitadinha! De pôr a casa em ordem...

—Disso e de tudo. Cansada a morrer!

—Precisas dormir. Antes, só quero que me digas se recebeste alguma coisa do que nos devem os teus... virtuosos tios.—Aí tínhamos a ironia outra vez... Com tôda a firmeza de que me senti capaz, declarei:—Os meus virtuosos tios pagaram-me tudo o que havia para receber, mas previno-te que êsse dinheiro será depositado, em

meu nome, num Banco, donde só eu poderei levantá-lo.

—Bravo! Viva a independência!—E já os olhos tomavam certo brilho, precursor das suas cóleras terríveis. No entanto, fiel à tática adoptada, ainda se conteve. Poderia responder-me que ao marido incumbia o dever e o direito de colocar, como melhor lhe parecesse, os rendimentos da mulher... Porém que ficassem descansados tão prudentes conselheiros. Nunca fizera questões por dinheiro. Deixava-lhes êsse trabalho. O dinheiro para êle nada valia. E desde já se punha à minha disposição, para acompanhar-me amanhã ao Banco.—Porque, quanto a ires só... ah! lá isso, tem paciência, minha menina. Conheço os hábitos de Lisboa. Não estou para que te faltem ao respeito.—Até ali dera-me liberdade completa. Em Paris, dias e dias passavam, sem que soubesse para onde eu partia de manhã, e só de noite voltava. Dizia que nada tinha—nem queria ter—do marido português, o marido Otelo, o marido carcereiro. E na sua opinião, ninguém guardava quem não sabia guardar-se. Era pois naturalíssimo que eu desconfiasse de um tão repentino excesso de zêlo, mas... não desconfiei. E na manhã seguinte, em mansíssima disposição, conciliador a ponto de compreender as precauções que os tios me tinham aconselhado, Carlos levou-me ao Banco do Mi-

nho, o da sua maior confiança. . . Embora me sentisse bem, reconfortada por uma noite de sono, achou-me pálida, abatida, dava-lhe cuidado, o seu médico havia de examinar-me e, no entanto, não admitia que me cansasse. Mal chegámos ao Banco, fêz-me sentar junto de uma janela onde se respirava melhor: aquêlê ar era tão viciado!—Fica quietinha, eu trato de tudo, em teu nome bem entendido, e, sendo preciso assinares alguma coisa, aquí mesmo o farás.—Outra vez, qualquer pessoa, com menos boa fé—a minha cra na verdade inverosímil!—teria desconfiado. E outra vez eu confiei. Em casa, quando após certa relutância, o meu marido me entregou uma caderneta e um livro de cheques, constatei, cheia de espanto e de indignação, que ambos êles só a Carlos de Lemos davam direito de levantar a quantia depositada!

A tudo que lhe disse—e Deus sabe que não disse pouco!—êlê respondeu:—Mas é a mesma coisa, a mesmíssima coisa! Receberei o dinheiro apenas como tu quiscres, quando tu mandares. Que diabo! Parece-me que não estás a tratar com um ladrão!—E já impaciente, irritado, levantava a voz.

Como em tôdas as nossas discussões, calei-me para não o ouvir gritar. A culpa finalmente era minha, sofrer-lhe-ia as consequências. Carlos, ao sentir-me de novo serena, resignada, voltou a fa-

lar-me no seu doce tom de veludo...—Verás que tudo correrá bem.—Assim foi durante algumas semanas. Depois de tantos temporais, a nossa vida tornou-se fácil, confortável. Sempre que quis dinheiro, o meu marido foi buscá-lo, entregou-mo fielmente. De vez em quando, saía comigo, declarando que eu lhe fazia honra. Ficavam-me bem os vestidos encomendados na costureira de Maria Luíza, e Paris ensinara-me a andar, ciência que ignoravam as burguesinhas do Chiado, calçadas *en dépit du bon sens*... Vina aparecia muitas vezes. Não se ensaiava para dizer a Carlos tudo o que lhe vinha à cabeça. Êle, longe de zangar-se, achava-lhe graça. E quando ela partiu com os tios para o Minho, sentiu a falta da sua alegria e até da sua insolência.

Luz, depois de ter-se feito tão esquiva, recommençou também a freqüentar a nossa casa. Gostava do meu chá e do meu terraço. Se encontrava Carlos, entabulavam imediatamente o antigo *flirt*, agora muito mais frio da parte dêle, enquanto ela, num tom bastante agressivo, fazia insinuações, de que eu não percebia, nem tentava perceber, o sentido. No entanto, Carlos, que empenho algum mostrava de vê-la—decididamente Luz passara à história—saía quasi sempre antes de ela chegar e, se por acaso, se cruzavam na escada, arranjava uma desculpa para não voltar atrás. Com um bocadinho mais de curiosidade, eu teria averiguado a

razão do riso irónico de Luz, a que logo sucedia um furioso *chut!* do meu marido... Porém muito maior do que o desejo era, em mim, o medo de saber...

Numa dessas tardes, que longe estavam de parecer-me excessivamente divertidas, depois de saltitar sobre variados assuntos, enterrando o seu ferrão de vespa, em amigos, inimigos e conhecidos, Luz quis que eu lhe dissesse como achava a Francine, aquela linda, elegantíssima francesa, que desde o princípio da primavera, deslumbrou e assarapantava Lisboa. Quando lhe respondi que não conhecia a Francine, jamais lhe ouvira o nome, recusou-se a acreditar... Muito irónica, acrescentou:—Adoptaste esse sistema que talvez julgues o melhor para o teu orgulho. Mas eu é que não sei como suportas...—No auge da surpresa, interroguei:—O quê?

Triunfante, ela saciou emfim o seu desejo de vingança, o seu gosto de fazer mal:—Que o teu marido, sem respeito algum por ti, a acompanhe em toda a parte, gaste com ela o que tem e... sobretudo o que não tem...

Procurando aparentar a serenidade que não podia sentir, lembrei-lhe:—Minha querida, tu própria já inúmeras vezes me disseste que a mais pequena coisa toma aqui proporções de bicho de sete cabeças. O Carlos deve ter conhecido, em Paris, essa senhora...

—Senhora ?!!

—Mulher, criatura... animal, o que quiseres. Encontrando-a, achou naturalíssimo, como eu também acho, falar-lhe, e tanto bastou para que urdissem a escandalosa história...

—Eis uma versão das mais plausíveis!—exclamou a minha excelente amiga. E com um risinho sêco, afiado como uma navalha, despediu-se, certamente convencida de não ter perdido o seu tempo.

Nessa noite, Carlos quis tevar-me ao teatro. A Companhia da Blanche Dufrène representava uma peça de Bataille. Chegámos um pouco tarde. Já o S. Luiz estava cheio. Todos os homens assstavam o binóculo para o camarote, onde acabara de instalar-se uma mulher esplendidamente loira, de que o vestido negro fazia ressaltar a brancura delicada de camélia. Alguém disse ao meu lado: —É a francesa... —Muito bonita, não achas, Carlos?

Ele respondeu molemente:—Nem por isso...

Foram as únicas palavras que trocámos sobre Francine, a célebre Francine da primavera, que succdera à célebre russa do inverno, por sua vez sucessora da célebre... Luz do verão. E antes detas, outras tinham vindo, e depois, outras viriam ainda, logo esquecidas, substituídas... Ah! por que havia eu de dar-lhes a importância que não mereciam?!

Nessa mesma semana, precisei de dinheiro para fazer uns pagamentos. Carlos gracejou: parecia-lhe que a *petite fille* se estava tornando muito extravagante. No entanto, o seu humilde criado traria o que lhe mandasse. Ia justamente sair... Passaria pelo Banco. Mas, quando voltou, pôs as mãos na cabeça: tinha-se esquecido! Aquela sua memória!—Olha que chega a assustar-me. Dum momento para o outro, tudo se me varre da ideia! Vou pôr um nó no lenço. E de amanhã não passa...—*Amanhã* era sábado. Quando acabou a complicada *toilette*, já o Banco estava fechado.—Valha-me Deus! Por que não me apressaste? Emfim, até segunda-feira, arranjas-te, não é verdade?

Nessa segunda-feira, de triste memória, ainda procurou um pretexto. Sentia uma tremenda dor de cabeça...—Ah! se pudesses esperar mais um dia!—Mas eu começava a perder a paciência. Pedi-lhe que assinasse um cheque: a Maria iria recebê-lo. Êle achou uma perfeita loucura confiar tanto dinheiro a uma criada.—Nesse caso, vou eu, sem perigo para a virtude. Peço a uma amiga que me acompanhe...—Carlos fêz outras objecções. E como não fôsse atendido, queixou-se do meu despotismo. Desde a volta a Lisboa, ninguém me aturava, havia de ser tudo como eu quisesse, quando eu quisesse! Dispunha dêle como de um escravo, de um boneco! Mas por uma vez, era inútil, perfeita-

mente inútil, a minha teima. Só ou acompanhada, escusava de ir ao Banco. Nenhum dinheiro lá encontraria. Usando dos seus direitos, tinha colocado êsse pequeno capital, de que eu falava como se fôsse a fortuna dos Rothschild, numa óptima emprêsa, que daria muito maior juro. Hesitara em dizê-lo, com o receio de uma cena. De resto, não devia satisfações a ninguém; embora se recusassem a fazer-lhe justiça, continuava a zelar os meus interesses, tão descuidados por outros. E acumulava trapalhices, mentiras, as eternas mentiras, que me sufocavam de horror. Oh! que desejo de fugir para onde nunca mais o ouvisse e dêle esquecesse até o som da voz! Mas fiquei. . . Ainda não tinha sofrido bastante. Recomeçámos a viver de expedientes. Tudo o que de algum valor havia em casa foi empenhado. E mesmo das insignificantes quantias que isso nos valia, Carlos logo se apoderava, para... fazê-las render, isto é, para deixá-las na roleta, qualificada de... negócio um pouco lento — eu achava-o excessivamente rápido! — mas com lucro seguro, infalível. Depois do *prego*, vieram os empréstimos humilhantes, mendigados aos amigos. Também se esgotaram depressa. Êle passou então a aconselhar-me que escrevesse a Maria Luíza, propondo-lhe um empréstimo ou um adiantamento. Oh! por dias apenas! Tudo liquidaríamos antes mesmo de serem recebidos os meus rendimentos. As transacções. . . outras ve-

es chamava-lhes operações—Carlos atribuía a estes termos... de circunstância, um notável poder de persuasão—que realizara, deviam em breve dar brilhantes resultados. De resto, pagar-se-ia o juro por ela estipulado. Tratava-se de negócio, não se implorava um favor. E eu tinha a certeza que Maria Luíza tudo faria para acudir-me; no entanto, escrevendo-lhe, seria forçoso dizer a verdade, acusar o meu marido, confessar a minha desilusão, e disso sentia-me completamente incapaz. Excesso de orgulho, algum resto de amor ainda? Não sei. Mas preferia a miséria, preferia a fome... Quando se convenceu da inutilidade dos seus argumentos, depois de tornar-me responsável pela actual situação:—conseqüência das dificuldades que eu levantava sempre que queria emprender qualquer coisa inteligente e útil—Carlos seguiu o sistema adoptado em ocasiões idênticas: cama, veronal. Passava o tempo submergido num sono tão profundo que muitas vezes o julguei morto. Mas não só êle me acusava. Quando me vi forçada a reduzir ao mínimo tôdas as despesas da casa, caíu sôbre mim um chuvaire de censuras e grosserías. A cozinheira despediu-se.—Trabalhar sem comer era coisa que de ninguém devia exigir-se. Gastavam no luxo e na pândega; depois, tudo saía da barriga dos criados... Que o senhor, coitado, não tinha culpa, um santo, tão liberal, sempre com boas palavras, até de vez

em quando uma graça, uma festinha... sem malícia; se fazia o seu pagode, era próprio dos homens, e agora, desgraçadinho, lá estava de papo para o ar na cama, reduzido a pinguinhas de leite. Mas a senhora que não desse tantos chás, não tivesse tantos vestidos! Só duma feita vira chegar dois! Quem não pode, não puxa. — Para pagar-lhe, tive de recorrer à Maria, a criada recomendada por Maria Luíza, que logo se me afeiçoara e, com a generosidade dos pobres, pusera à minha disposição as suas economias. Boa, admirável rapariga! Foi o meu único apoio. Ainda me parece ouvi-la repetir a todos que reclamavam o que se lhes devia—e eram tantos, cresciam dia a dia!—A Senhora paga... A Senhora paga...—Já aos insultos da cozinheira, juntavam-se queixas, ameaças da mulher da hortaliça, da varina, da lavadeira, do merceiro e, em tom agrídoce—muito mais agri do que doce—a dona da casa, uma senhora balofa, de conhecida avareza, referia-se à provável necessidade de uma acçãozinha de despejo. Eu queria encarar corajosamente tão numerosos desastres; aquela situação não era definitiva: mais um, mais dois meses e tudo se arranjará... Mas dois meses levam muito tempo a passar, quando não se tem que comer e até dos tetos que nos cobrem há incerteza... Já as fôrças começavam a abandonar-me, assaltava-me um quasi irresistível desejo de ces-

sar tôda a luta, procurar a morte, supremo recurso dos desesperados.

Num d'esses dias de atroz desânimo, talvez aquêlê que mais perto me senti da irreparável resolução, ao abrir uma gaveta, encontrei entre as pobres coisas, que pelo seu pouco valor, tinham escapado à casa de penhores, o famoso vestido do baile da princesa. É como raio de luz rompendo densas trevas, veio-me uma idéia, que julguei salvadora! Se tinha essa inegável habilitade para a costura, porque não havia de utilizá-la? Poderia viver do meu trabalho até que o pesadelo acabasse. É a esperança, a maravilhosa esperança, tão fácil, tão pronta no coração dos novos, voltou a sorrir-me. Gritei alegremente: — Maria, parece-me que descobri as minas de Salomão! — Ela nunca tinha ouvido falar de Salomão: vendo-me enrolar entre as mãos aquêlê pedaço de sêda, a que a rosa dava um tom rubro de sangue, julgou talvez que eu enlouquecera. Comuniquei-lhe logo a minha intenção: — Vou ser costureira. Tu ajudas-me. Nunca mais há dificuldades, nunca mais se tem fome! — Porém querer, saber trabalhar, não bastava. Era preciso encontrar quem desse trabalho. É da pouca gente que eu conhecia, a maior parte estava fora. Luz, em Cascais, entretida com novos admiradores, não voltara à minha casa. Outras viajavam... E o meu entusiasmo começava a arrefecer, quando me

ocorreram umas companheiras das Salesas, duas raparigas, de que o pitoresco, extraordinário pai, antigo mestre de obras, enriquecido pela loteria espanhola, assinava as cartas que lhes escrevia: Anacleto & C.^a. Desde o convento, Belmira e Raquelinda aspiravam ardentemente à nossa intimidade de meninas do *high life*. E desde o convento também, as primas não as suportavam. Depois, se algumas vezes as encontrávamos em festas de caridade—únicas que conseguiam frequentar—e elas vinham sentar-se-lhes ao lado, arranjavam logo um pretexto, ou mesmo sem pretexto algum, levantavam-se. Mas eu, que sempre tive o horror de fazer pena — sinal de fraqueza de carácter, pretende Carmo, e assim deve ser—acolhia-as com relativa amabilidade, respondia pacientemente às suas eternas perguntas: — Ó Anita, o que acha mais *chic* para ir a banhos, Parede ou Paço de Arcos? Ó Anita, quem é a sua modista? — Muitas vezes... enganavam-se, diziam *tua*. Com grande indignação das primas, eu deixava-as dizer. Coitadas! Isso dava-lhes tanto gosto! E fôsse onde fôsse que nos vissem, pasmavam para os nossos vestidos, imitavam os nossos penteados, os nossos gestos... Se no teatro, em noites de enxaqueca, eu encostava a cabeça à mão, aí tínhamos Raquelinda de cabeça encostada também. Vina, sempre cheia de ideias extravagantes, que Maria Luíza em vão procurava

combater, lembrou-se de levar ao concurso hípico, o seu papagaio verde. Logo na tarde seguinte, Belmira appareceu, de papagaio igualmente verde, com uma differença apenas: o dela era empalhado, fôra tirá-lo de uma redoma. É primeira vantagem do plano Anacleto & C.^a: a onda de recordações alegres que esse nome levantava em mim! No entanto, eu aspirava a resultados mais práticos: queria—oh! ambição formidável!—ser eleita modista (assim devia dizer, *costureira* parecer-lhe-ia tão vulgar, tão comezínho!) de Belmira, de Raquelinda. Resolvendo ir logo procurá-las, vesti-me cuidadosamente e, o que há muito não acontecia, pus *rouge*, pó de arroz... Era necessário fazer boa figura, mostrar-me *fiabilité* de Paris.

Mas, querido, o episódio Anacleto & C.^a merece um capítulo especial. Tê-lo-ás amanhã.

Tua
ANA GUIOMAR

De Ana Gutomar a Nuno

Lisboa, 19 de Abril.

Querido

O coração palpitava-me de alvoroçada esperança, ao encaminhar-me para o sumptuoso pa-

lacete, edificado sob a direcção do antigo mestre de obras. Felizmente não ficava longe da minha modesta casa. E enquanto seguia, naquele passo ao mesmo tempo seguro e leve, que Carlos se dignava admirar, ia architectando uma complicada história de pessoa de família em precárias circunstâncias, a quem, com o meu trabalho, queria acudir... Mas, quando bati ao majestoso portão, que encimava uma coroa monumental, já envergonhada da minha covardia, resolveu dizer tôda a verdade.

O galego que me abriu — não acrescentarei de par em par, foi apenas uma greta—o umbral daquele Eldorado, estava em mangas de camisa, tinha umas extraordinárias calças agaloadas de oiro, um ainda mais extraordinário *bonnet*, com pala doirada também, as botas desabotoadas e uma ponta de cigarro colada nos beiços grossos... Tranqüilizado pelo meu aspecto, que já então nada tinha de bélico, alargou suficientemente a fresta para que eu pudesse entrar, procurou vestir o casaco, em que brilhavam dragonas, com tamanha dificuldade de encontrar as mangas, que estive vai não vai a ajudá-lo, abotoou as botas, despegou o cigarro do beíço e sentou-se em uma cadeira de alto espaldar. Assim reintegrado na gravidade e importância do seu pôsto, perguntou:—O que quer a *Madama* ?

— Desejo saber se as meninas podem rece-

ber-me.—Difícil problema devia suscitar êste meu aliás inocente desejo, porque só depois de larga reflexão, o homem resolveu responder:—Eu sou porteiro e criado particular do Sr. Anacleto. Dêle posso sempre dar informações seguras. Quanto às filhas, umas vezes saem pela porta de serviço, para não estragar a passadeira, e nem dizem água vai, outras estão e dizem que foram à Baronesa. Mas eu vou chamar a Eustáquia—é a criada grave—e a *Madama* entende-se com ela... —Aproximou-se da escada, gritou:—Ó menina Eustáquia...—No outro andar, uma voz esgançada gritou também:—O que temos, Sr. Artúrio?

—Faça favor de chegar cá baixo. Está aí uma sujeita que pergunta se as meninas recebem...—A criada grave desceu sem se apressar. Era ruíva, sardenta, esgrouviada. Trazia um avental sujo, inúmeros ganchos doirados no cabelo e tinha cara de poucos... nenhuns amigos. Depois de percorrer-me dos pés à cabeça, com um olhar insolente, declarou:—Se é subscrição, pode ir bater a outra porta.—Eu afirmei que se tratava apenas de uma visita de amizade... —Nesse caso, suba para a sala azul, no patamar, à sua direita.—E de cotovelo encostado à mesa, encetava um agradável cavaco com o guarda-portão, quando êste lhe lembrou que as janelas estavam fechadas. Às escuras, a *Madama* arriscava-se não só a cair, mas a quebrar algum objecto de valor.

Além disso, pode desaparecer qualquer coisa. A gente nunca sabe com quem lida. E chinfrins, menina Eustáquia, já temos até demais...—A quem o diz, Sr. Artúrio!—Resmungando contra a estopada de andar acima e abaixo o dia inteiro, a criada grave resolveu então acompanhar-me à sala azul... Incrível sala, atravancada de mil inconfortáveis, luxuosas, disparatadas coisas! Como poderia eu descrevê-las tôdas? Não dava um passo sem tropeçar numa almofada de veludo ou num jarrão da Índia... Falarei apenas do que mais me impressionou. Entre duas magníficas pinturas a óleo, representando vice-reis da Índia, certamente antepassados de famílias extintas ou empobrecidas, que pelos tristes baldões da sorte, ali tinham ido... naufragar, o retrato, a óleo também, de Anacleto & C.^a, fardado de moço fidalgo, ofendia os olhos, confrangia a alma... —São os avós e o papá das meninas—dignou-se explicar Eustáquia que, em obediência ao prudente aviso do Sr. Artúrio—pode desaparecer alguma coisa...—não me perdia de vista.

Mas Belmira e Raquelinda surgiram enfim, ambas vestidas de côr de rosa, ambas tresandando a *Trèfle incarnat*, e o perfume, embora fortíssimo, não dissimulava completamente o outro, peculiar às pessoas que... não abusam da água. Logo da porta, dardejaram sôbre mim o fogo dos *faces à main*, de cabo altíssimo, com que, julgan-

do-a do último bom tom, affectavam uma excessiva miopia. Ao reconhecer-me, a bôca abriu-se-lhes até às orelhas, num regalado sorriso. A minha visita representava de-certo, aos seus olhos, a fagueira promessa dos convites e convivências há tanto cubiçados. Quando lhes disse o motivo que ali me trazia, ficaram estupefactas. — Muitas voltas dá o mundo! — exclamou Raquelinda. — Ninguém sabe a que chega! — rematou Belmira. E com os olhinhos a fusilar de curiosidade e... satisfação, submeteram-me a um longo, minucioso interrogatório, sôbre as causas da minha ruína. Quiseram saber se as primas tinham ficado também atrapalhadas. E a minha resposta: — As primas nem de leve foram atingidas pelo que me aconteceu — longe estive de encantá-las. No entanto, acabaram por declarar que teriam muito gôsto em ajudar-me e até mesmo, se o Papá, já protector de muita gente fidalga, não estivesse tão sobrecarregado... — Eu atalhei friamente: — Não peço esmola. — Raquelinda teve um risinho irónico, a que succedeu igual risinho de Belmira: — É o que se diz sempre, mas quando a necessidade aperta... — Emfim, achavam muito louvável a minha resolução de trabalhar. Contudo, eu devia comprehender que, vestindo-se há bastantes anos já, na Pilar Mata, modista profissional, não se sentissem dispostas a trocá-la por uma simples amadora.

—Já trabalhei em Paris...

—Para fora?—Ah! como ambas exultavam!
Respondi secamente:—Para mim.

—Não é a mesma coisa.

Mas depois de um olhar significativo a Belmira, Raquelinda declarou que, unicamente no desejo de ser-me agradável, propunha-me tomar conta de uns arranjos, coisas para trazer em casa. Se ficassem satisfeitas com a execução... Belmira acrescentou vivamente:—E com o preço, bem entendido... —Eu senti-me corar. Uma delas, já nem percebia qual, ambas começava a confundir no mesmo desejo de voltar-lhes as costas e não as ver mais, ainda disse:—Tencionamos fazer uns *robes* — só o nome me punha os cabelos em pé! —de que a encarregaremos também se, como já a preveni, o seu trabalho e os seus preços — outra vez — nos convierem... Quanto aos concertos, mandaremos tudo amanhã, a não ser que a Anita, como mora perto, queira incumbir-se do embrulhinho.—Sem esperar a minha resposta, saiu da sala, voltando pouco depois com uma autêntica... trouxa! À outra, mais humana talvez, observou:—Quem sabe se é muito pesado? — Porém eu declarei resolutamente:—Tenho força, graças a Deus...

E sobraçando a... *trouxa*, toquei de leve nas pontas dos dedos que elas se dignaram estender-me.

Ao contrário das estátuas, a humanidade parece mais pequena, mais mesquinha, à medida que dela nos aproximamos, disse Madame du Déffand. Na verdade, as Anacletos tudo tinham a ganhar em ser vistas de longe...

Cheguei a casa extenuada. O... embrulhinho pesava e, desde pela manhã, todo o meu atimento consistira numa chícara de café. Mas, embora o corpo e a alma me pedissem tréguas, quis logo começar os famosos arranjos de que, já na escada, ouvira as minhas antigas companheiras recomendar-me, além de pressa, muito cuidadinho... não fôsse eu deitar a perder vestidos em tão bom estado ainda! O estado era de tal porcaria, que só depois de lavados, lhes suportei o contacto... E até de madrugada talhei, cosi, procurei fazer milagres com aquêles pedaços de sêda já rotos, desbotados. Na manhã seguinte, a-pesar da nevralgia que mal me deixava abrir os olhos, continuei. Tinha decidido trabalhar: custasse o que custasse, trabalharia. Outra vez, durante longas horas, vivi curvada sôbre os trapos velhos das Anacletos. A Maria, ajudando-me quanto lhe era possível—dispunha de pouco tempo, com tôda a casa a seu cargo— não cessava de repetir: — Oh! minha querida senhora, que loucura estar a matar-se, quando isto era tão fácil de remediar!—E instava para que eu lhe permitisse fazer o que há tanto me pedia: escre-

ver aos tios. Mas nada obtinha. Eu obrigava-me a sorrir, afirmava:—Coser não é nenhum trabalho por aí além. Até gosto...

Apenas acabada a tarefa, incumbi-a de levar os vestidos... restaurados, ao palacete, com... coroa, do antigo mestre de obras, juntando-lhes a minha conta, menos do que modesta. Ela voltou desolada: o guarda-portão dissera-lhe que as meninas não estavam, tinham ido à Baronesa, e, prontificando-se a esperar, êle respondera que era trabalho inútil: em dias de Baronesa, ninguém as apanhava. Se para a encomendinha houvesse resposta, tá iria ter. Duas semanas passaram sem que Belmira e Raquetinda dessem sinal de vida. A minha situação agravou-se ainda. Sucediám-se quasi diàriamente as ameaças da balofa senhoria... De todos os lados apareciam contas, gente desapiadada reclamava dinheiro. Já ninguém nos fiava um bocado de pão. Para que não morrêssemos à fome, a pobre Maria acabou por sacrificar o seu cordãozinho de oiro, a sua única riqueza. Mas as filhas do mestre de obras resolveram cunfim escrever-me. O portador da carta trouxe também um volumoso embrulho. Na primeira, faziam-me o insigne favor de declarar que os vestidos, embora mal acabados—eu devia lembrar-me que estavam habituadas ao que havia de melhor!—remediavam. Quanto ao preço, tinham achado exorbitante para uma simples amadora e toma-

vam a liberdade de mandar-me o que lhes parecia suficiente. O facto de poderem pagar não era razão para que fôsem exploradas. Preferiam de-certo explorar os outros: da importância já insignificantíssima que eu pedira, tiravam metade!! Sempre no desejo de proteger-me (impressionava-as tanto a penúria de uma rapariga que com elas fôra educada em pé de igualdade!) tinham decidido confiar-me os *robes*, de que já me haviam falado. Mas precisavam dêles, *sem falta*, no próximo sábado, e não admitiam desculpas, mentiras. Costureira que quisesse tê-las por clientes, devia ser rigorosamente exacta... Viriam acertá-los à minha casa—excelente pretexto para verificarem a minha miséria — quinta-feira, pelas três horas. Também me preveniam que não gostavam de esperar. O seu tempo, como o de tôdas as pessoas que freqüentam, a sociedade, estava muito tomado. E rematavam em tom de grandes senhoras, enviando-me cumprimentos.

Decididamente as Anacletos & C.^a pareciam feitas para justificar o velho ditado: «É livrar do vilão com vara na mão». Íam num crescendo, crescendo de insolência... Mas eu achava-as tão cómicas, que, longe de ofender-me, ter-me-iam divertido, feito rir, se divertimento e riso me fôsem permitidos ainda. E como representavam a única maneira de ganhar uns magros vinténs, aliás odiosamente regateados, incumbi-me dos... *robes*

(com uma unha a riscar na parede, cada vez que dizia ou escrevia a palavra).

Comecei, sem repugnância, a minha nova tarefa. Desta vez não se tratava de trapos velhos. A sêda era leve, bonita, de um rosado suave. Procurando afastar do pensamento a fealdade vulgar das duas irmãs, acabei por convencer-me que se destinavam ao corpo admirável de Carmo ou à delgada elegância de Vina, os ligeiros, flexíveis *deshabillés*. . . Contudo, para ficarem prontos na data categòricamente marcada pelas Anacletos, outra vez foi necessário trabalhar até de madrugada. Devido talvez a êsse esforço, ao chegar a quinta-feira, dia em que deviam ser acertados, eu estava na cama, com uma daquelas enxaquecas que duram vinte e quatro horas e para tudo me tornam completamente inapta. Não só pusera de parte os... *robes*, mas, delito muito maior ainda, esquecera-me de prevenir as minhas ilustres clientes!

Graças a repetidas doses de aspirina, começava enfim a sossegar, quando me acordou em sobressalto, a terrível vozeria das Anacletos, respondendo com furiosos impropérios, às desculpas e explicações de Maria. . . — Quem quer dar-se ao luxo de ter enxaquecas, não pede trabalho. . . maneira disfarçada de pedir esmola. . . Já era desafôro, sem um bilhete, uma palavrinha de prevenção! Só de uma autêntica galega! Mas de outra partida se livrariam elas. . . Que lhes pu-

sesse imediatamente os *robes* no automóvel. Costureiras tinham sempre às ordens e das que sabem lidar com gente fina... Enfim, tais proporções tomou o berreiro, que o meu marido saíu do seu confortável nirvana e, por sua vez, gritou:—Quem diabo faz êste banzé?! Nem de noite—para o pobre Carlos era sempre de noite—uma pessoa consegue descansar! Mas se eu chego a levantar-me...—Beimira e Raquelinda não quiseram ouvir mais... Desceram a quatro e quatro a escada... Assim acabou o meu episódio com as famosas Anacletos, que só anos depois, tornei a encontrar num baile de caridade, onde, já muito rodeadas, falavam calão, tratando os rapazes por você...

E acabou também êsse período de luto e miséria que, aliás, não foi sem utilidade, porque com êle aprendi, entre outras coisas, o verdadeiro preço do trabalho, que em geral os ricos ignoram.

Tua
ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 20 de Abril.

Querido

Mais uma hóstia de aspirina, o sossêgo restabelecido, graças à enérgica intervenção de Carlos,

e adormeci, no delicioso esquecimento de tôdas as Anacletos, tôdas as barafundas da terra. Quando acordei, ia já alta a manhã. Ligeiramente embaraçada, Maria entregou-me o telegrama que acabara de receber. Li: «Parto no rápido da noite, Maria Luíza». Perguntei:—O que significa isto?— Suplicando-me que não me zangasse, ella confessou então:—Ontem, mal saíram aquellas malcriadas, escrevi à sua tia. Contei-lhe tudo. O telegrama é a resposta à minha carta. Foi Deus que o trouxe tão depressa...—Eu ainda protestei:—Fizeste mal, desobedecendo-me...—Mas só pela forma. Era tempo que alguém me acudisse. As fôrças não davam para mais. E semelhante ao que devem sentir as almas do purgatório, no momento em que se lhes abrem as portas do céu, foi de-certo o que eu senti quando, na estação do Rossio, a minha protectora, a minha fada, me abriu os seus carinhosos braços. Em poucos dias, ella a tudo deu remédio. Pagaram-se as dívidas, voltou para casa o que estava empenhado, a senhoria, lustrosa de satisfação e... suor, restituiu-me as suas boas graças; outra vez farta, a mesa encheu-se de frutos e flores. Ajudada por Vina, conseguí que o meu marido diminuísse as doses formidáveis de veronal e, embora lhe custasse, levantava-se todos os dias. A transformação não lhe escapara. Logo me interrogou:—Tens dinheiro?— E um pouco do antigo brilho, voltou aos seus olhos

embaçados. Respondi, com firmeza:—O suficiente para rodear-te de conforto e bem-estar, mas... só para isso.—Ele murmurou entre dentes:—Acho pouco.—No entanto, contra a minha inquieta expectativa, não se repetiram as habituais exigências.—Recua para melhor saltar...—dizia Vina. Enganava-se, porém. Carlos caíra num abatimento profundo. Fôra passageiro o brilho que um momento, de-certo com a esperança de poder contentar a sua paixão do jôgo, lhe iluminara os olhos. E como as fôrças morais, as físicas abandonavam-no também. Dizia constantemente:—Já não presto para nada.—Queixava-se de dores de cabeça, tonturas... Quási não comia... Resolvi chamar o médico, que o achou terrivelmente enfraquecido. O abuso da droga acabara por vencer a extraordinária resistênciã do seu organismo. Receitou fortificantes, repouso, boa alimentação. Durante uns dias, Carlos quis reagir, saíu, fêz projectos de viagem, convidou Maria da Luz para almoçar, interessou-se pelo *menu*, procurou recommear o *flirt*... E mesmo, arranjando, não sei como, um empréstimo, voltou ao Casino. Mas, ainda não era meia noite, já estava em casa, declarando que tudo o cansara, o aborrecera mortalmente... Quando lhe perguntei, com doce ironia:—A Luz também?—respondeu, desabrido, exasperado:—Também e ainda mais talvez...—Depois, num irresistível desabafo, acrescentou que

nem por momentos, a roleta conseguira distraí-lo. De que servia arriscar umas centenas de escudos que, na melhor das hipóteses, só outros escudos poderiam trazer-lhe? Para sacudir-lhe os nervos, acordar-lhe a entorpecida vontade, precisava de um jôgo em que arriscasse a vida, a alma... Vina, que freqüentemente ouvia estas estranhas declarações, longe de, como eu, dar-lhes importância, ria:—Desapêgo, aborrecimento da roleta e da Luz... Um princípio de renúncia às pompas de Satanás... Ainda havemos de ver êste senhor canonizado...—À sós comigo, procurava tranquilizar-me:—Não te apoquentes. É neurastenia, mimo... Daquí a pouco, volta a fazer das suas.—Carlos continuava a achar-lhe graça, só ela tinha o dom de trazer ainda um pálido sorriso à sua boca desbotada. Muitas vezes saíamos juntos. O médico aconselhara-o a andar. Porém, logo cansado, suplicava que o poupássemos: qualquer esforço representava para êle uma tortura. E a voz, dantes tão imperiosa, cortante, impregnava-se de timidez, como a voz de uma criança. Íamos então sentar-nos sob as árvores do jardim da Estrela. Já começara o outono, a estação mais linda de Lisboa, quando tôdas as suas côres exageradas suavizam-se, o seu riso demasiado estridente cala-se, a cidade recolhe-se, sonha, reza porventura... Ali ficávamos até que Carlos, pretextando a friagem traiçoeira das tardes, erguia-se brusca-

mente, queria voltar. Já sem a mínima fadiga, caminhava tão depressa que mal podíamos segui-lo e, apenas chegávamos, deitava-se; o veronal, que o médico não ousara suprimir completamente, atirava-o para o sono, sua única ambição. Dia a dia, tornou-se mais difícil, quasi impossível, obrigá-lo a sair. A todos os meus conselhos, as minhas súplicas, respondia:—Não vale a pena. Sinto-me melhor aqui. Vai com a Vina. Divirtam-se...—Mas poucas vezes eu me atrevia a deixá-lo. Um constante pressentimento de desgraça apertava-me o coração. E porque o julgava ameaçado, queria-lhe com ternura maior.

Sobre as tardes curtas de Novembro, uma grande melancolia desceu. Nunca mais consegui que Carlos fizesse um pequeno passeio. Nem ao terraço chegava. Tinha medo do cair das folhas. Parecia-lhe que já o inverno lhe entrava pela alma dentro. No dia quinze, o dos meus anos—repara querido, em que desoladora quadra eu nasci...—Vina trouxe-me um ramo de crisântemos brancos. Quando lho mostrei, ficou pensativo e mais triste ainda. Lembravam-lhe talvez as *vitines* de Madame Rose, a elegância de Deauville...—Fazem-te saúdaes, Carlos?—Êle nem respondeu, perdido no seu longínquo cismar...—Lisboa não é o teu elemento. Voltamos a França, se quiseres...—Mas o pobre Carlos declarou que já nem sabia o que queria... E nessa horri-

vel tarde, a própria Vina não conseguiu arrancar-lhe uma palavra, a sombra de um sorriso...

Ao ouvi-la dizer que Maria Luíza desejava ver-me, insistiu para que eu fôsse passar umas horas em casa dos tios, respirar um pouco de alegria, longe daquela pesada, opressiva atmosfera...—E como Vina repetia:—Ela fêz tanto empenho...—quási me empurrou, já impaciente... Contrariada, aliás, acabei por ceder. Pouco mais de meia hora teria passado, quando a Maria me chamou ao telefone e numa aflição que a sufocava, disse:—Minha senhora, venha depressa. O senhor sentiu-se mal. Está cá o médico. Êle lhe explicará...

Julgava-me preparada para o pior e contudo o que vi, acabrunhou-me como a mais horrível surprêsa. Carlos tivera uma congestão, que lhe deixara todo um lado paralisado. Perguntei ansiosamente:—Vai curá-lo, não é verdade, Doutor?—Minha querida senhora, farei tudo, mas...—Eu compreendi, não quis saber mais... Dentro, uma voz pastosa, hesitante, a que nada restava do lindo, harmonioso timbre que me enfeitiçara, chamou:—Anita.

Quando entrei no quarto onde, sôbre a cama, o corpo poucos dias antes tão ágil, tão forte ainda, jazia inerte, duas pesadas lágrimas rolaram pela face congestionada. Procurei sossegá-lo:—O médico acaba de dizer-me que é sem a mí-

nima gravidade a tua doença. Um ataque de reumatismo... — Carlos murmurou apenas:— Não me deixes. Só te tenho a ti.— Ah! como pode haver coragem de mentir-se tanto, de obrigar a bôca a sorrir, quando se sente a morte no coração?! Assim fiz, porém:— Vê lá em que te metes... Depois, para te livrares desta carraça, será difícil, previno-te... — Mas teimosamente êle repetiu:— Promete que não me deixas... — E já sem o mínimo tom de gracejo, prometi:— A tôda a hora, a todo o momento, ter-me-ás contigo.— Posso dizer— oh! graças a Deus, posso!— que a promessa foi rigorosamente cumprida. Três meses durou a terrível doença, três longos meses em que, sem dormir, sem descansar e, contra tôda a esperança, lutei, para defendê-lo, para salvá-lo... — Um homem que te fêz tanto mal!— exclamavam as primas. Eu respondia simplesmente:— O homem que eu escolhi.

Carlos, a-pesar-de procurarmos iludí-lo, conhecia de-certo o seu estado. Muitas vezes tinha impaciências, revoltas. Algumas também, adoptava o antigo hábito de atribuir-me tôdas as culpas. Completamente esquecido do que o fizera deixar Paris, declarava que, sem mim, nunca voltaria a esta maldita cidade. Só nela semelhante desgraça poderia acontecer-lhe... — És o meu *porte-malheur*. Desde que te encontrei, tudo me corre mal... — Porém, logo arrependido e com

uma humildade de que nunca o julgara capaz, implorava-me que lhe perdoasse. Eu dizia: —Vou-me embora, se isso pode tornar-te feliz...— E tanto bastava para que, durante todo o dia, a sua pobre mão não largasse a minha mão, e incessantemente repetisse:—Só te quero a ti...

Perto do Natal, chegou uma carta da Princesa, *avec tous ses vœux*, desolada por ter-lhe constado que Carlos não estava bem. Dissera-lho ainda em Deauville—onde a estação fôra animada, brilhantíssima!—um amigo português. Bem entendido, quisera logo escrever-lhe, mas um dia por isto, outro por aquilo—êlé sabia quanto tinha o seu tempo tomado—fôra adiando... Finalmente só de Paris o fazia. Aconselhava-o a que partisse sem demora. Ali a medicina era outra coisa—ignorava mesmo se em Portugal havia médicos...—depressa o poria *d'aplomb*. E nada tinha a recear: a trapalhada do ano passado estava completamente esquecida; até, graças a amáveis, valiosas protecções, *les affaires* progrediam... Serge, em maré de rosas, convidava-o para ir assistir ao casamento com uma herdeira riquíssima, que se apaixonara doidamente pelos seus olhos garços e ainda mais talvez, pelo seu título de príncipe... Concluído êsse magnífico negócio, acabava a necessidade de trabalhar, mas continuaria por... amor da arte. E, a cada instante, reclamava o auxílio de

Carlos, considerando-o único, imprescindível, para o êxito de certas emprêsas. Em resumo: a todos fazia falta, todos o desejavam. Ela mais do que ninguém. Iria buscá-lo, se as constantes revoluções—segundo lhe diziam, o sangue corria nas ruas como a água no rio—e tremores de terra (!) dêsse incrível país, não lhe infundissem o maior terror... Entretanto queria notícias e caso lhe fôsse impossível dar-lhas, esperava que *votre charmante femme* se compadecesse de tanta ansiedade.

A pedido do meu marido, mandei-lhe umas palavras que a punham ao facto da sua gravíssima doença. Sónia não tornou a escrever.—Os mortos vão depressa! — exclamou tristemente Carlos.

Luz appareceu num fim de tarde chuvosa. A visita foi curta. Pouco, quasi nada falou, mas os seus olhos não cessaram de perscrutar, com feroz insistência, o rosto devastado. Mal saíu do quarto, exclamou:—Que horror! Que fatalidade! Lembrar-se a gente que pode acontecer-lhe uma coisa destas!—Como sempre, como em tudo, pensava só em si. É também ela nunca mais voltou. Doente, vencido, Carlos deixara de interessá-las. Em compensação, Maria Luíza acompanháva-o muitas vezes. Depois de quasi vinte anos sem se encontrarem, a intimidade era a mesma, parecia que se tinham deixado ontem! Achavam mil coisas

para dizer : suaves, doces coisas, vindas de tão longe, do tempo da infância, essa claridade que se prolonga através da vida mais escura . . .

Vina instalara-se na nossa casa ; queria a todo o momento poder valer-me, ajudar-me. E muito melhor do que eu, sabia animar o pobre doente. A sua coragem inculcava-lhe esperança. Acreditava nas melhoras, quando era ela que alegremente as prometia. Para qualquer pergunta ou queixa, arranjava resposta, pronta explicação!—A ideia do que nesta doença a Anita tem sofrido por minha causa, é o meu pior martírio. . . —murmurava Carlos. Vina respondia, rindo :—Com tanta experiência das mulheres, admira-me que não as conheças melhor. Já se vê que, sendo grave o teu estado, a Anita morreria de pena, de aflição, mas um pequeno ataque de reumatismo achou de-certo a-propósito. Foi a maneira de ter-te quietinho, longe das outras, de poder apaparicar-te à sua vontade. . . —Como êle protestasse, dizia ainda:—Lembra-te da oração de Marie Baskirtseff, quando se apaixonou por Paul de Cassagnac :—*Faites, mon Dieu, qu'il se casse une jambe.* . . —E acabava por divertí-lo, o que, na sua opinião, representava meia cura.

Mas, à medida que os dias passavam e a doença se agravava, Carlos parecia desprender-se de tôdas as futilidades. Só o que era sério, profundo, conseguia interessá-lo. Receios e risos fun-

diam-se numa imensa resignação. Educado por uma mãe cristã, voltava à fé da sua infância, pedia-me que o ensinasse a rezar e não se cansava de ouvir-me dizer que, ao pecador arrependido, Deus prometeu a eterna ventura do céu... Os ataques repetiram-se, quasi não podia falar... Já eu adivinhava mais do que entendia as palavras que os seus lábios murmuravam, quando, uma tarde, ao pôr do sol, hora em que tinha por hábito começar o curto sono da noite, entrou suave e quietamente, no sono definitivo, o sono sem fim.

Com êle perdi a única razão de ser. Ninguém mais precisava de mim. Achei-me inútil, desamparada, só. Porém o tempo que tudo leva e consome, gastou a minha dor, secou as minhas lágrimas. Procurei viver como os outros, prender-me ao que antes me interessava. Li, abri o piano, enchi as jarras de rosas... Em coisa alguma encontrei aroma, sabor. Viajei, corri estranhos, longínquos países. O mundo inteiro pareceu-me sombrio, estreito.

Querido, foi preciso que tu viesses, para que voltasse o perfume às rosas e, de novo, sobre a terra, houvesse espaço, luz.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 21 de Abril.

Querido

Chove e, a-pesar d'isso, com as tuas lindas glicínias, tôda a primavera entrou no meu coração. Fiquei triste esta manhã, quando o correio, entre várias cartas, não me trouxe a única que eu descjava. Adivinhas qual?

Horas depois... outra desilusão! Até que de tarde... *fat lux*, recebi o teu bilhete, o livro de Bédier e as glicínias. Mas por que não me escreveste mais? De mim para ti, nestas últimas semanas, foram volumes! Soltei as asas à pena, disse-lhe:—Vai, corre todos os caminhos, busca os mínimos detalhes, nenhuma alegria, nenhuma tristeza esqueças...—Embora seja tão doloroso acordar o que dorme sob as cinzas, porque assim o quiseste, eu tudo te contei. E nem uma só palavra, o teu coração encontrou para mostrar que seguiste com um bocadinho de simpatia e interêsse, a já tão longa viagem.

Passei o dia só: um dia que eu teria adorado quando a solidão era a minha escolhida, a minha única amada. Hoje faltou-me alguém... Vieram as flores, bem sei, com o beijo da primavera, e o delicioso livro, a linda história de amor, mas

faltou a querida presença que me embala, me convence, me consola e às vezes me endoidece também, de uma loucura entre tôdas doce, a que, para sempre, um ao outro prendeu Tristão, o triste, e Isolda, a loira...

Agora já a tarde morre, o silêncio tornou-se mais profundo ainda. Parece-me estar a cem léguas de tudo, de todos. Com a janela fechada, nem o ruído da rua aqui chega. Sinto-me como a freira de um convento distante... Sim, é o convento, a tórre de marfim, que só eu e a tua lembrança habitam. Fico pois contigo esta noite e tôdas as noites da terra, emquanto a minha vida durar... Depois, Tristão promete a Isolda: —Lá em cima, no mundo de onde ninguém volta, uma casa de crisal, florida de rosas.—O que me prometes tu, meu amor?

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 23 de Abril.

Querido

Não me escreveste nem vieste, porque achaste preferível esconder-me quanto te fizeram sofrer as cartas em que te contava a minha vida. Mas

tu é que quiseste, é que exigiste de mim, essa longa, dolorosa história.

Tantos dias, tantos anos, longe de ti, tantos prazeres que não partilhaste, tantas penas de que não foste a causa!

Querido, uma só hora contigo, tem mil vezes maior valor de que todo êsse passado que te inquieta. O que sabia eu do meu coração, da minha vontade, quando os outros vieram ao meu caminho? O que somos nós aos vinte anos? Uma grande esperança apenas, uma impaciência de amor, que não escolhe e a qualquer diz:—És tu.—Temos mais alegrias? Talvez, mas tão passageiras, tão efémeras, logo estragadas pela curiosidade das outras que não conhecemos, pela pressa do novo, do imprevisto. Nenhuma se deseja eterna, como eu desejava que fôsse a que me vem de ti, a minha única alegria. Sofre-se? Creio que sim. Porém gosta-se do sofrimento, é ainda uma febre e a mocidade quer ter febre!—*Comme on souffrait! C'était le beau temps!*—dizia Sofia Arnould, dêsses anos em que se acha o mal... tão bom e as lágrimas são fáceis, prontas como os aguaceiros na primavera. Querido, o sofrimento que dói, o sofrimento que devasta, vem mais tarde, quando já os olhos ignoram o bendito orvalho das lágrimas e o coração morre à sede como a areia do deserto.

Por que invejas as penas de que não foste a

causa? Maiores e sem remédio serão as penas que me causarás.

Os teus loucos, torturantes ciúmes não se limitam à minha vida de rapariga, ao marido por quem: o meu amor foi mais forte do que a minha desilusão; vão até mais longe, atingem, na remota infância, os braços da velha Francisca, os braços que me embalaram, Pautine, aquela boneca tão feia, a preferida do meu coração, o avô que tecia madrigais, a velha avó enfeitada e a graça das *crinolines*, nos retratos de Winterhalter, para que eu me esquecia a olhar...

Mas cada uma dessas pessoas, dessas coisas, era apenas uma leve parcela da minha afeição, um simples motivo de prazer ou dor, e, em ti, amigo adorado, tôda a dor, todo o prazer, eu resumo.

Não estejas triste. Rasga as minhas cartas. Esquece o que te contei. O passado é uma sombra apenas, nem eu já sei se o vivi! Da manhã de fadas e flores, desfaz-se em pó, em fumo, a saúde... Para mim, só existe a noite, que tu encheste de estrêlas.

ANA GUIOMAR

AS QUERIDAS AMIGAS

... Moins féroces que les dames empanachées ...

FRANÇOIS MAURIAC

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 5 de Maio.

Querido

Pouco antes de receber a tua carta, vinda do maravilhoso—e ainda mais perigoso—país da Ilusão, eu tinha acabado de ler estas palavras, cheias de bom senso, que *Madame de Caillavet* applicava a uma amiga: *S. c'est fait une âme livresque et croit que la vie a, comme dans les romans, un développement singulier et des incidents qui arrivent à propos. C'est une manière de croire qui conduit à toutes les déceptions.*

Nuno, como te pareces com a amiga de *Madame de Caillavet!* Fazes de cada banal realidade da vida, uma página de romance! Qualquer mulher elegante, no seu vestido decotado, que vês subir uma escada, é a esplêndida, a sumptuosa *Hélène* do *Enfant de volupté*. . . Basta que os cinqüenta anos de Mariana conservem um bonito sorriso,

certa graça lânguida, delgada... para que, aos teus olhos, ela se torne a «*Femme de trente ans*» de Balzac.

L. de origem inglêsa, ruíva, com o narizinho curto, levemente arrebitado, prefere ao marido político, maçador e pateta, M. fino, espirituoso... Aí temos a Condessa de Gouvarinho, o divertido tempo dos Maías. E não é preciso mais do que o vaso rachado, muitas vezes a lata enferrujada, onde no canto de uma janela ou no degrau de uma porta, cresce uma planta humilde, para que os nossos deliciosos passeios, pelos bairros pobres da cidade, sejam imediatamente transportados ao *Lys Rouge*. Entre os meus dedos, rescende o raminho de mangerico—tu dizes *basilic*, achas mais evocador que *Pour le parfum, signora*, ofereceu o velho, galante sapateiro... Estamos em Florença. Eu chamo-me Thérèse Martin Bellème...

No jantar, a que foste sem mim, e parece-me que não sentiste excessivamente a minha falta, fizeste, além da habitual aproximação livresca, uma importante descoberta, no domínio da psicologia...—porque também te metes a psicólogo, não diremos que com um sucesso por aí além!—Mas começarei pela primeira, a mais inofensiva. Encontrei Odile... Sim, Lucienne é loira—e talvez autêntica... essas coisas nunca se sabem—de aérea elegância, de angelical encanto, como a heroína de Maurois. Lucienne contou-te que

adora as flores... É já entre elas um ponto de contacto. Mas esqueceu-se de acrescentar que tal predilecção estende-se apenas às consagradas pela moda e que se pagam quasi pelo preço das jóias. Atreve-te a falar-lhe nas pervincas, nos mal-me-queres, nas humildes violetas do campo, e verás o que é uma careta! Perdão... «Careta» destôa, aplicada a tão celestial criatura. Eu devia escrever «trejeito», *petite moue* de desdém... No que toca às côres, Odile preferiu sempre o branco, claridade luminosa que veste os cisnes e as pombas, enquanto Lucienne, se o adoptou êste ano, fê-lo pela mesma razão por que, no passado, a vimos de vermelho cereja e no próximo a veremos de roxo lírio, amarelo doirado ou verde pagão, quer dizer: em obediência aos figurinos, porque o *Jardin des Modes* e a *Femme Chic* decretaram que... *cela se porte beaucoup*.

No profundo azul dos seus olhos, paira o mesmo mistério que fêz o encanto e a perdição de Philippe Marcenat?! Oh! meu querido romântico, o que tu vais buscar! Em Lucienne não há mistério algum. A profundidade que attribues aos seus olhos, deve-se apenas à sábia composição de lápis com que lhes alonga as pestanas e sublinha as olheiras.

—Assustadora, perigosa e deliciosamente pérfida?!—Coitada! Ela sabe lá o que é perfídia!
—Triste? Insatisfeita?—Só no dia em que o marido,

aquêlê excelente Alberto, repontar contra as contas da Maggy Rouff, da Alphonsine, da Alexandrine, da Hortense... *aux frivolités*, etc., etc., etc. Mas êsse dia parece-me longínquo, perdido na bruma das distantes, quási inverosimeis calamidades. Por muito tempo ainda, com suspiro a mais, suspiro a menos, Alberto pagará... Como em Odile, tudo nela é frágil, delicado; o sorriso, as atitudes traem uma incurável melancolia, um precoce cansaço de viver. A cada instante julgaste ouvir da sua bôca o verso inglêz, o verso de Odile: *The weariest river*... Mas oh! meu doce sonhador, sob a sua aparente fragilidade, Lucienne é um hércules. Achaste-a e talvez ontem estivesse, ligeiramente fatigada... Dias há em que o teu *weariest river* acerta dúzia de vestidos, corre dúzias de lojas, outras tantas dúzias de chás, regíme que nem com sete fôlegos como os gatos, é fácil arrostar, sem o bocadinho de cansaço que notaste e que, bem vês, nada tem do outro, o que, à exigência de certas almas, a vida traz...

Parece-te impossivel e inadmissivel que ela possa amar o gordo, prosaico marido. Na tua opinião deve haver um... François. Pois enganas-te redondamente. Não existe espécie alguma de François. Lucienne é virtuosa, por educação, por principios religiosos talvez, mas sobretudo por temperamento e por comodidade. Os... François que pretendem—já muitos têm pretendido, seja dito

de passagem—afastá-la do bom caminho, perdem lamentavelmente o seu tempo. Admira-a quanto quiseres. Dás uma prova de bom gosto. Mas põe de parte as comparações romancescas, não deixes a imaginação ir por aí além. Vê-a como ela é: uma bonita mulher, admiravelmente vestida, a quem não se pode pedir mais do que se pede a um *bibelot*, a uma flor... Vais julgar-me despeitada, ciumenta, talvez... Querido, Lucienne nem sequer me inquieta. É só o que chamas a minha mania de restabelecer a ordem das coisas, de pôr tudo no seu lugar, me leva a destruir o teu engano, a tua frágil bolinha de sabão...

Quem me dera poder dizer o mesmo da outra! Mas não posso. Dá-me sério cuidado êsse teu súbito entusiasmo por Maria da Luz—depois de tudo o que te contei, Nuno!—os tão enganados olhos com que ela quis e conseguiu—ah! quanto a isso, não há força comparável à sua força!—que a visses, que a tua instintiva e tão justificada antipatia se transformasse na «deliciosa surpresa de a sentires, não só inteligente, culta, cheia de espírito» como ela é, mas sobretudo «compreensiva, boa», como nunca foi, nem de certo virá a ser... e —último... decisivo título, suprema razão da tua... ternura—minha amiga, tão minha amiga!!! Porque fui eu o assunto principal do vosso colóquio. Só falando de mim e com quem saiba falar-te de mim, te achas bem, podes prender a tua atenção, demo-

rar o teu interêsse... Querido, cu sei, eu sei. Já muitas vezes mo disseste, já muitas vezes cu to disse, e disse-o, antes de nós, a célebre Marie de France:—*Ni vous sans moi, ni moi sans vous*... Pois preferia que, na festiva noite — início de tão auspiciosa intimidade—eu não tivesse tomado parte. É o caso: antes só que mal acompanhada. E considero péssima, detestável a companhia dessa minha... tão amiga! Bem vês, sou um monstro de ingratidão! A Luz não mentiu, queixando-se do meu afastamento, da maneira cortante, fria—se acrescentasse «gelada», eu não acharia demais—com que repilo tôdas as suas *avances*, quando nos julga feitas para entender-nos e tão agradável podia ser a nossa convivência! Contigo de permeio, não é verdade? A repetição do *ménage à trois*... Já me fêz sofrer um bocadinho... —Só um bocadinho?—Mas isso passou-se há tanto tempo e tão involuntariamente... Fatalidades da vida! Eu devia ter esquecido, perdoado. Acha exorbitante o meu rancor. Parecia desolada e... sincera! Emfim o *lête-à-tête* prolongou-se; entretidos com assunto de tamanha sensação, esqueceram o resto da assistência, até que Teresa, «aquela peste da Teresa», exclamou, rindo:—Temos novo *béguin*.—E embora nisso não houvesse mal algum, preferes contar-mo, antes que outra mo conte. Também confessas que, contra todos os teus hábitos de discrição, receias ter ido um

pouco longe, dito mais do que devias dizer... Não tenhas dúvidas a êsse respeito, foste até onde ela quis que fôsses, disseste tudo o que ela quis saber. [A confidência dará fruto... amargo, verás... Fico zangada? Não fico. Apenas triste, tão triste! Porque, oh! minha criança inexperiente, de tão maravilhosa credulidade, eu adivinho, sinto já, já me dói, o mal que pela vida fora, e sem que possa defender-te, *cada* Maria da Luz te fará...

ANA GUIOMAR

De Maria da Luz a Maria do Carmo

Lisboa, 10 de Maio.

Até hoje não recebi uma palavra tua. Mas longe de mim queixar-me. E ainda menos censurar-te. Como há-de perder tempo com quem jaz nesta atroz chinfrineira, uma feliz habitante da mais linda cidade do mundo? Porque não me venham com coisas, Paris é a mais linda cidade do mundo, única que merece a estopada de uma noite mal dormida, no *Sud*, de um quarto de hora de empurrões, *carambas* e outras espanholadas em Irun e, depois, o passeio... à pata, com as malas às costas, até Hendaye. Pelo menos foi o que, segundo me constou, aconteceu a Berta. Es-

tás a ver aquêlê pastel, aquela lesma, que não pode com um gato pelo rabo, ajoujada sob o pêso do que ela chama os seus saquinho de mão! *Sacões* é que devia dizer, onde mete tudo, desde as botas do marido até aos frascos de Sais de fruta, para não pagar excesso de bagagem... Olha que já é sovínice!

Mas embora a ditosa parisiense não me tenha escrito, eu sei que, na última quinta-feira, a cair de luxo e em fina companhia, jantou no *George V*, com *moult* Champagne a 200 frs. por cabeça... *C'est beau l'argent!* E na scxta, até às mais pândegas, desordenadas horas, fêz *la bombe* na *Casa Nueva*, servida por gran-duques, o que não a impediu de, no sábado, às dez da manhã, estar pronta, pronta e fresca como uma rosa, para o seu *footing* do *Bois!* Mais sei que tem um *tailleur* azul escuro, que lhe fica a matar. É um vestido cinzento pérola... *Nuage de Printemps*, de Molineux... Ah! só o nome é de fazer crescer água na bôca! E que anda em negociações para a compra de um novo automóvel.—Nesse espero eu repimpar-me...—Aqui tens como estou ao facto de todos os teus passos. Minha querida, a bisbilhotice tornou-se uma instituição mundial. E até mesmo em Paris, os muros têm ouvidos. Acho prudente não te meteres a fazer moeda falsa. O Paulo, recémchegado da civilização, por sinal que dando-se uns ares, uma importância, falando de alto

na política mundial, o Hitler para cá, o Mussolini para lá, o Chautemps isto, o Blum aquilo, o Staline outra qualquer coisa, e a intervenção e o descalabro das finanças francesas, etc., etc., como se a gente não soubesse que êle sai de Lisboa apenas para ir meter-se nas *boîtes* de Montmartre... Eu regalei-me de chamá-lo:—Oh! meu Eden de trazer por casa...—que, finalmente, o tal Eden também não vai muito longe, a não ser na escolha das gravatas, tem dado cada estenderete! Mas se falei do Paulo, assunto tão pouco interessante, foi só para dizer-te que êle me deu o teu recado. Queres uma longa carta, com muitas novidades e tôda a minha deliciosa má língua... que, diga-se de passagem, nada fica a dever à tua.

Novidades... Ah! minha rica filha, desconfio que, desde a morte do Senhor D. João VI, pouca coisa se passou digna de menção. O Senhor D. José, coitado, lá está sempre na secca do Terreiro do Paço... E há quem ache aquilo uma beleza! Eu acho um horror. O pobre Senhor D. Pedro IV continua também no seu poleiro do Rossio, a ouvir pôr pela rua da amargura a famosa carta, que tanto trabalho lhe deu! Vá lá uma pessoa cansar-se... Quanto ao resto, a mesma pasmaceira. Joga-se o *Mafi jong*, discute-se ao *bridge*, faz-se barulho, diz-se mal uns dos outros e, nos intervalos, fala-se de doenças... Ah! estou certa que

em parte alguma do mundo, êsse assunto é tão apreciado!

Esta gente pela-se, até lambe o beijo, para descrever, nos seus mais íntimos pormenores, uma gripe... intestinal!—Que falta de pudor!—costuma exclamar a minha tia Maria Joana. Pobre, antiquada senhora, ainda é do tempo em que havia pudor!

E a-propósito... não de pudor, de doença: a Teresa tem corrido todos os médicos. Deu-lhe agora para aí! Anda num afã, de consultório em consultório, queixando-se de que ninguém a compreende.—Só lhe faltava armar em incompreendida!—Entretanto, nem ela própria sabe explicar-se. Ora lhe dói aqui, ora lhe dói acolá... E uma fraqueza, desmaios, tossinha de *jeune (?) poitrine*... *Jeune* qualquer coisa é que ela queria ser, mas já lá vai o tempo! Coitada, está mesmo o que se chama um cangalho e para isso não se encontra remédio na botica. Em compensação, a Anita, que deve andar pela mesma idade, remoçou. Há muito tempo não a vejo parecer tão bem! Delgada, leve: uma rapariga! E a respeito de elegância, ainda ontem me dizia a Joana:—Faz ferro a gente pensar que gasta uma fortuna, para mandar vir um vestido de Paris, e ela, com qualquer trapo de quatro vinténs, feito em casa, tem mais *chic* de que nós!—Para ter mais do que a Joana, que está um pote, não é

preciso muito.—Emfim, elegância, *chic*, nunca faltaram à Anita. O que a todos tem dado no gôto, é o brilho dos olhos, o sorriso de quem lhe saú a sorte grande, certo arzinho de mistério feliz... Eu desconfiei logo: temos namôro! E dei no vinte. Essa tua querida amiga anda pelo beijo!

Carminho, não há dúvida que o amor leva a palma a todos os produtos de beleza de Elizabeth Arden e faz perigosa concorrência ao elixir *Jouvence*.

Entretanto não diremos que a escolha fôsse das mais acertadas. Um fedelho que podia chamá-la mãe! Mas tu conhece-lo. Vi-o contigo, êste inverno, numa *matinée* da Idalina. Até me lembro que te perguntei:—Quem vem a ser êste pateta?—E tu respondeste:—Um primo meu, educado na Alemanha, que realmente parece pateta, mas é um grande sábio.—Em química ou astronomia, talvez... Quanto ao resto...—Ah! minha querida Carmo, desculpa ofender-te a família—continuo a julgá-lo tolo... Ainda que, manda a verdade acrescentar, o menino tem-se desenvolvido um pouco com a convivência. Já não cora, não põe os olhos no chão, ia mesmo jurar que, uma vez por outra, deita à gente certos olhares de entendedor. Isto, nas poucas ocasiões em que a Anita faz a imprudência de deixá-lo só; estando ela, não se largam, o resto do mundo não

existe. Encontrei-o há dias e sem guarda à vista, num jantar da Joana. Ficou ao meu lado e falou! Talvez que até demais, para o gosto da Anita! Oh! a eloquência não foi espontânea. A princípio, tiravam-se-lhe as palavras com saca-rôlhas, mas eu tinha decidido fazê-lo desembuchar e... desembuchou! Descasquei-o que nem uma laranja! Bastaram algumas bem administradas alusões à fina graça, à discreta elegância, ao raro espírito, à raríssima cultura da eleita... Calculas lá o que fui buscar! Daria um doce a quem me ouvisse e não ficasse convencida de que eu morria de amores por ela! O rapazinho caiu como um pato. E aquilo é que foi expandir-se sobre a sua deliciosa... camaradagem—nome elástico.—Minha querida, não há encanto, qualidade, até... virtude, louvado seja Deus, que lhe falte! A Anita sabe ler, sabe ver, sabe ouvir, sabe escrever...—Desta última parte, depreende-se que, além dos colóquios... sem fim, temos correspondência. Mas seria longo e algum tanto... bastante fastidioso—eu que o diga!—contar tudo o que êle para ali pôs, da sua surpresa, do seu encanto... Podes traduzir *paixão* e de alto lá com ela! Acrescentarei que nada me surpreenderá se o idílio acabar em casamento. O pequeno é ingénuo...—para não repetir tolo—a Anita esper-tíssima. Vai preparando a *toilette*. Serás de-certo madrinha. Mas, agora me lembro, tu tinhas outro

projecto. Julgo que o destinavas à Isabelinha, noiva realmente mais adequada à idade e fortuna do teu primo. Ah! quanto a isso, estava mesmo a calhar para êle. Família nobre, respeitabilíssima. Seriedade, princípios. *Ancien régime* minhoto, o mais *ancien*. . . Sogra imponente. Tudo pelo melhor! Mas, querida, tu puseste e a Anita dispôs. São coisas que acontecem. . .

Perdoa se te maçou a tua

Luz

De Henriqueta a Maria do Carmo

Lisboa, 12 de Maio.

Querida prima e amiga

Esta carta tem por fim dar-te uma notícia, que receio te cause alguma contrariedade. Partimos amanhã para Caminha.

Antes de deixares Lisboa, tinhas-me significado o desejo de que nós aqui esperássemos a tua volta e, bem imprudentemente, assim o prometi. Digo imprudentemente, porque, minha prima, vejo que me obriguei a mais do que permitem as minhas fôrças. A verdade é que já não posso

com esta vida, ao mesmo tempo tão azafamada que ando a deitar os bofes pela bôca (perdoa a vulgaridade da expressão) sem dispor de uns minutos para fazer alguma coisa útil ou agradável, e tão vasía, que me aborreço a ponto de recear cair numa doença em que até agora não acreditava: a neurastenia. Isto sem contar o meu remorso, lembrando-me do pobre António, que tanto trabalha em África, para nós deitarmos tudo pela mão fora, nas mil inutilidades que aqui se julgam indispensáveis.

Minha boa Maria do Carmo, longe de mim censurar e até discutir se são melhores ou piores de que os meus hábitos de provinciana, os teus hábitos lisboetas, mas cheguei a uma idade em que é difícil a gente mudar e para seguir a vida que aconselhaste, tenho de voltar-me do avêso. Ainda te oiço repetir, e foi o que até hoje me prendeu:—As mãis a tudo devem sujeitar-se para o interêsse dos filhos.—Querida prima, em princípio, tens razão, muita razão. Mas infelizmente, neste caso, vantagem alguma encontro que justifique o meu sacrifício.

Na última vez que estiveste connosco em Caminha, confessaste-me o teu desconôlo, a tua pena, de achares a Isabelinha tão acanhada, tão... do campo. Daí veio a ideia de que, pelo menos, durante um ou dois anos, fixássemos a nossa residência em Lisboa, para a pequena se desemba-

raçar, aprender as línguas, fazer um pouco de *sport*—parecia-te que estava engordando demais— e enfim poder ocupar na sociedade o lugar a que o seu nome lhe dá direito. Além disso, era tua opinião que devíamos pensar no futuro, quere dizer, em casá-la vantajosamente, e não vias partido algum que lhe conviesse entre as pessoas que freqüentavam a minha casa. Tinhas já um projecto. Quando mo communicaste, eu nenhuma objecção encontrei a fazer; pelo contrário, pareceu-me óptima a tua escolha. Conheço há muitos anos a família, convivemos bastante na Granja, até me trato por tu com a Maria Emília, os pequenos brincavam juntos na praia. . . Gente muito agradável, de tôda a respeitabilidade! E em nobreza, os Sousas de Arronches nada cedem aos Silvas de Caminha. Julgo mesmo que entre nós, já no século XVI, houve mais de uma aliança, mas desculpa estar a maçar-te com velharias que de-certo pouco te preocupam. Por outro lado, a fortuna é das melhores do Alentejo e isso também considero importante, embora eu tivesse dado provas evidentes do meu desinterêsse; como deves lembrar-te, quando casei, o António não tinha vintém, prometu trabalhar e trabalhou, mas a gente nem sempre pode fiar-se em promessas e, se as raparigas do meu tempo eram mais românticas do que exigentes, agora sei muito bem que a Isabelinha nunca se contenta-

ria com o que eu me contentei. O amor e uma cabana... Ah! nem ousou confessar-te que ainda se me encham os olhos de lágrimas e o coração de saudades, pensando nesses anos, quando era preciso economizar em tudo, e de tudo, menos da nossa ternura, vivíamos incertos.

Já se vê que a Isabelinha terá um bom dote—para isso o pai, coitado, se esfalta!—Entretanto nenhum de nós pode admilir a ideia de que qualquer pobretão venha buscá-la por causa do seu dinheiro... Minha querida Carmo, perdoa eu alongar-me tanto nestas considerações, esquecida de que já muitas vezes te ouvi dizer:—Oh! filha, não repises. Vamos ao que importa. Vocês em Caminha têm tempo de sobra para discursos, mas no resto do mundo, há mais que fazer...—Sim, minha boa prima, nós, em Caminha, temos tempo para muitas coisas que não é uso fazer-se no resto do mundo... até para pensar! E no que acima escrevi, desejei mostrar-te que não vim por aí fora à-toa; mesmo aconselhada por ti e conhecendo a tua inteligência, o teu senso prático, quis medir todos os prós e os contras. Estamos em Lisboa há oito meses. De-certo só tenho que agradecer-te. Foste—és sempre—muito boa, muito amável, ocupando-te da nossa instalação, das mestras de inglês e de dança da Isabelinha, da escolha dos seus vestidos e chapéus... Por sinal que, desculpa-me acrescentar,

eu preferia mil vezes o que desdenhosamente chamaste a roda de um moínho, ao cartucho que a Déligant lhe pôs no alto da cabeça e nem sei como ela consegue equilibrar! Ah! também nisso as raparigas da actualidade são bem diferentes do que eu fui! A tudo se adaptam facilmente. Para a Isabelinha é como se tivesse nascido com o cartucho... Logo declarou que o achava muito bonito, muito engraçado, lembrava-lhe o chapéu das fadas. E quando eu lhe disse:—Nas minhas mãos, ou por outra, na minha cabeça, onde êle já teria ido parar!—respingou:—Ninguém tem culpa que a mãe seja do tempo de D. Sancho, o Povoador...—Querida Maria do Carmo, eu realmente devo estar muito antiquada, mas a verdade é que de tal maneira me têm disfarçado, mascarado a pequena, que mal a reconheço! Cabelo à pajem, sobrancelhas rapadas, saia pelo joelho—se não vai mais acima, é porque nesse ponto me impus categoricamente... Até já a surpreendi pintando a bôca! E pior, muito pior! Numa tarde em que lhe entrei de surpresa no quarto, apanhei-a a fumar! Como sou muito míope e, de resto, nem por sombras, podia supor, admitir, semelhante desafôro, julguei...—oh! minha prima, não zombes da minha ingenuidade!—que a Isabelinha estava fazendo bolas de sabão! Mas foi de curta dura o meu engano: logo uma baforada de fumo me

entrou pelo nariz dentro. . . Queres acreditar que até chorei ?!

Nessa ocasião, pretendi desabafar contigo, confessar-te que, para meu gôsto e para a maneira como eu e o pai entendemos dever educá-la, a Isabelinha estava a desembaraçar-se demais. Porém, como sempre que tive o desejo e mesmo a necessidade de falar-te, respondeste-me:—Não posso. Vou jogar o *Mah jong*—. Ainda insisti:—Fica então para amanhã. . .—Amanhã também jogo o *Mah jong*.—E depois?—Depois torno a jogar. . . o *Mah jong*.—Resignei-me. O que havia de fazer ?!

Embora me custe, devo igualmente referir-me a outro assunto, mais importante e melindroso, que foi o principal objectivo da nossa vinda. A vontade ou dever de proporcionar à Isabelinha um encontro com a pessoa que consideravas óptimo, quasi único partido, nunca te esquecendo de acrescentar:—E andem depressa. . . antes que outra se adiante e a pequena fique a ver navios.—Tiveste a gentileza de dar uma *soirée* em nossa honra. Ali conhecemos o Nuno de Sousa e, com profunda mágoa, observei que êle nenhum caso fêz da minha filha. Mas tu riste do meu desapontamento, pretendeste e conseguiste convencer-me de que nada o justificava. Na vida real, as coisas não se passavam como nos romances: os príncipes encantadores e o *ver-te e amar-te* esta-

vam fora de moda. Fizeste-me também notar que se êle não se tinha occupado demasiadamente da Isabelinha, nenhuma outra rapariga prendera a sua atenção. O Nuno era um rapaz muito sério, para quem o *flirt* não possuía o mínimo encanto. É de uma tal reserva que, mesmo se, como tudo leva a crer, tivesse reparado na pequena, guardaria para si as suas impressões.

Porém, minha boa prima, semanas e meses passaram. Os encontros renovaram-se. Nunca deixei de levar a Isabelinha às festas para que nos convidavam e até, sabe Deus com que repugnância e escrúpulo, algumas vezes consenti que ela fôsse só, quando as mãis não eram admitidas e a pequena já infelizmente aprendera a dizer aquêlê «Nada de bagagens inúteis!» que faz o meu maior horror! Pois que eu visse, a attitude do sr. Nuno de Sousa foi sempre a mesma, fria, distante, parecendo completamente desinteressado de tudo que o rodeava. Ainda quis persuadir-me de que talvez eu o intimidasse—arranjei uma tal fama de mãi solene, terrível!—e, na minha ausência, o gêlo se desfizesse. Interroguei a Isabelinha, que logo me respondeu:—Êsse mono nunca se chega para mim.—E embora acrescentasse:—Nada perco com isso. Não lhe acho piada nenhuma—julguei perceber nela um certo desconsôlo. Até que, no último jantar que deste, antes de partires para Paris, o teu pa-

rente... desanuviou. Grande foi a minha surpresa, ouvindo-o falar, rir, como tãda a gente, isto é, como tãda a gente não: raras vezes tenho visto tamanho brilho nuns olhos, tanto calor numa voz! Ah! quem tal diria?! Mas, infelizmente, sem que tão amável milagre eu pudesse atribuir à minha querida filha, pois, como talvez tivesses reparado, só à tua íntima amiga Anita de Lemos devemos essa transformação que, aliás, nem de leve me inquietou. Pelo contrário: o facto de ver um rapaz tão novo, assim entre-tido, prêso, entusiasmado, a conversar com uma senhora de cabelo grisalho, que podia ser sua mãe—a Anita, segundo me informam, deve andar pelos quarenta e cinco anos e êle creio que pouco passa dos vinte—constituíu, aos meus olhos, mais uma prova da seriedade e sólida instrução, a que tantas vezes te referiste. Mesmo depois, quando a tua amiga e o teu primo começaram a aparecer juntos em tãda a parte, falando só um com o outro, só um ao outro parecendo ver—como se ninguém mais existisse—eu ainda continuei iludida! Podia lá admitir que uma senhora de idade se apaixonasse pelo Nuno e êle a preferisse à minha filha—um botãozinho de rosa! Em vão o Pedro, com a sua grande experiência dessas coisas, me disse e repetiu:—Priminha Henriqueta, olhe que para muito homens, as mulheres são como as perdizes: *faisandées* é quando sabem

melhor.—Ai de mim! Eu não queria acreditar...

Ainda algumas vezes convidei o Nuno para as reuniões que, seguindo o teu conselho, ofereci às amigas da Isabelinha. Apareceu no dia de anos dela (21 de Janeiro). Trouxe-lhe um grande ramo de lírios, lembrança que me pareceu tão delicada, tão poética, atusiva de-certo à sua inocência... E embora sempre cabisbaixo, sorumbático, «a pensar na morte da bezerra», como disse a pobre pequena, ficou tôda a tarde. Mas foi a minha última esperança, a minha última ilusão. Em nossa casa não tornámos a pôr-lhe os olhos em cima. Quando o encontrávamos, percebi que nos evitava. O caso ou, para melhor dizer, o escândalo, tornou-se público. Sem que êles parecessem dar por isso, ou talvez sem que isso os preocupasse, todos falavam, murmuravam, de tôda a parte ferviam comentários, censuras!

E não sei se intencionalmente, a tua amiga Maria da Luz emprestou-me dois livros, explicando que podiam aplicar-se a muitas coisas tristes, tamentáveis, que se viam neste feio mundo... *L'automne d'une femme* de Marcel Prévost e *Le jeune amant* de Paul Reboux.—Por sinal, que o segundo bem inconveniente.—Mas concorreram para que eu me rendesse à evidência, abrisse enfim os olhos... Depois de tudo isto, hás-de concordar, querida prima, que a nossa retirada

não só se justifica, impõe-se. Para mim, como deves, compreender, é, a-pesar da desilusão, um alívio. Tenho umas saúdaes que não podem mais, da minha terra, do meu canto, das pessoas e coisas sem complicações, que ali me rodeiam. Estamos em Maio. É a primeira vez que começo o mês de Maria longe da nossa igreja, que não colho, para Nossa Senhora, tôdas as rosas do meu jardim. . . E nem te digo que sacrifício isso representa! Mas infelizmente a pequena já tomou o gosto a esta vida de folia e dissipação. Quando se refere à gente de Caminha, tudo são trouxas, ursos, mostrengos! Até às minhas amigas Teles —as Teles da Casa do Sobreiro!—chamou estafermos! E quer à força que eu lhe prometa voltar para a época de Cascais. . . Minha prima, se entenderes que devo fazê-lo, estou pronta a sacrificar-me outra vez.

Aguardo os teus conselhos e de novo peço a tua indulgência para o longo desabafo desta mãe aflita, que muito te estima e agradece.

HENRIQUETA

De Maria do Carmo a Henriqueta.

Paris—Hotel Ritz—20 de Maio.

Querida Henriqueta

A-propósito dos maçadores—também os há em Paris, o flagelo é mundial—a minha amiga Marie Claire costuma citar êste verso de uma das suas mais espirituosas antepassadas:

*Il faut dire en deux mots
Ce qu'on veut dire:
Les longs propos
Sont sots.*

Oh! não julgues—nem isso te passe pela cabeça!—que o aplico às dimensões, realmente um pouco exageradas, da tua carta. As mãis têm todos os privilégios... até o de fazerem concorrência ao velho Rocambole. Mas eu que não sou mãe—eis uma felicidade ou... uma seca, que não me coube em sorte—posso e devo adoptar o conselho da Marquesa de Boufflers. Êle justificará a maneira breve como vou responder ao teu desafo.

Sôbre cigarro, cartucho, subida vertiginosa da saia e outros... para ti aflitivos, desembaraços da Isabelinha, apenas te lembrarei que não esta-

mos no século XVI, o das famosas alianças entre os Sousas de Arronches e os Silvas de Caminha. A pequena vai com o seu tempo e faz ela muito bem.

No que diz respeito ao tal... melindroso assunto, inquietas-te sem razão, minha querida, por coisas que não merecem a mínima importância. Se o rapaz tem as suas... verduras, acho bom, excelente, que sejam em honra da Anita, pessoa da minha maior confiança. Mas não creio. Conheço ambos como os meus dedos. Tudo isso não deve passar de literatura. Andam a fazer versos um ao outro. A Maria da Luz é um veneno, pior de que o ácido prússico. Desde o tempo do dilúvio, ninguém lê Marcel Prévost. Reboux escreveu várias porcarías sôbre a Princesa Palatina, que, já se vê, o desclassificaram por completo. Quanto ao meu irmão Pedro, como sempre gostou de comer perdiz com a mão no nariz, avalia pelo seu, o gôsto dos outros, mas, graças a Deus, ainda há quem aprecie a... caça fresca.

Prima Henriqueta, deixa-os falar. Nada está perdido. Eu destinei o Nuno para a tua filha e quer queiram, quer não, o casamento há-de fazer-se. Serão muito felizes, terão muitos meninos. Já daqui vejo uma avó tôda babadinha, a estragá-los com mimo...

Sim, vai até ao Minho, mata saúdades do mês de Maria, das rosas do teu jardim e das Teles, da

casa do Sobreiro, a quem a Isabelinha—oh! *les enfants terribles!*—faltou ao respeito. Entretanto eu estarei de volta Verás que logo meto na ordem... a versalhada. De resto o Nuno, segundo me anunciou a mãe, que aqui encontrei, tenciona empreender uma longa viagem de estudo. Só no fim de Setembro o veremos em Lisboa ou, por outra, em Cascais, onde—a Isabelinha tem eargas de razão... Realmente essa pequena dá esperanças, hei-de fazer dela uma coisa de geito—voeês devem aparecer.

Antes de acabar, quero aconselhar-te que moderes o uso... abuso de *senhora de idade*, com que tão profusamente mimoseias a pobre Anita e de-certo tôdas as mulheres que já atingiram os quarenta anos. Ignoro o que a tal respeito se passa em Caminha; pelo mundo fora, a senhora de idade há muito desapareceu da circulação. Actualmente morre-se... como dantes—isso é ainda sem remédio—mas não se envelheee. As vidas contam apenas três estações: primavera, verão e outono. Para comodidade geral, suprimiu-se o atrapalho do inverno. E agora adeus. Já disse demais. *Les longs propos sont sots*. Mil saúdades.

CARMO

Paris—Hotel Ritz—24 de Maio.

Querida Anita

Com que então estamos em ponto de rebucado? Não te dês ao trabalho de negar, não reomeces as tuas histórias de camaradagens, melhores de que o amor... Santa Nitouche enganou-me uma vez. Caí como um pato, mas à segunda não pega. Sim senhora, fizeste-a bonita! E depois cá temos a boa da Carmo para aturar as queixas da prima provineiana. Seis fôlhas de papel, eheias de prolixas explieações, estilo de Caminha, partieipando-me que o suposto noivo da filha anda em desaforado namôro com uma senhora de... idade.—Ora toma!—Mas não ficam por aí os documentos que provam a tua *traição*. É a palavra. Sabias muito bem, porque to disse e repeti, o destino que eu tencionava dar ao pequeno. Apoderando-te dêle, cometeste uma tração, e de alto lá com ela! Para complemento do meu *dossier*, muito mais elara, ilucidativa que a aliás interminável epístola da prima Henriqueta, tenho aquí, mesmo ao meu lado... em riseo de envenenar-me, a interessante missiva da nossa Luz. Ah! essa administra-te uma dose mestra da

sua linguazinha de prata! Está ao facto de tudo. Parece que foi o próprio Nuno—forte palerma!—que a informou. E já se vê, com a habitual solícitude, precipitou-se a anunciar-me a boa notícia! Eu não tenciono dar-me por achada. Eis um gosíinho de que a privarei. Como não a quero para inimiga—ah! quanto a isso, preferia ver-me a braços com o Largo Caballero ou mesmo com a Passionária—acabo de enviar-lhe duas colecções de *croquis*—a de Schiaparelli e a de Maggy Rouff—acompanhadas apenas por um breve: «Agradeço a tua carta que me encheu de prazer. Enquanto não te escrevo, aí vai a moda».—E que se... amole!

Mas se descalcei esta bota com relativa facilidade, o mesmo não aconteceu no que toca ao Alto-Minho. Foi um verdadeiro quebra-cabeças, para encontrar argumentos que levassem a tranquillidade ao seio daquela consternada família...

E nem tive tempo de dizer: Uf! Ainda a carta não estava no correio, já outra maçadora me batia à porta: a Maria Emília, *mamã* do menino. Vinha desabafar o seu cuidado. Mais do que cuidado, susto, porque o filho, que há muito deveria ter passado em Paris, na sua habitual viagem de estudo, não se decidia a deixar Lisboa, respondendo às perguntas e insâncias dela, com vagas desculpas, vagos pretextos... enquanto,

por outro lado, lhe chegavam uns *zum-zuns* muito inquietadores!

Anita, isto não pode continuar assim. Tu estás alarmando êste mundo e o outro! Se fôsse para o teu proveito, para a tua felicidade, ninguém melhor do que eu te compreenderia e aprovaria. Conheces há muito as minhas teorias. Sabes que, como os grandes generais, eu nunca obedeci a piedades inúteis, nunca me preocupei com as vítimas que deixo no caminho; passo por cima de tudo e de todos, para alcançar a vitória. Mas, minha pobre Anita, não é o teu caso. O que podes tu esperar da tolice em que tão imprudentemente embarcaste?! Casamento? Outra coisa?! Em qualquer das hipóteses, só vejo um resultado, o pior de todos, para alguém como tu: cobrires-te de ridículo... sem contar o sofrimento, quando o rapazinho te passar o pé, porque não tenhas ilusões, passará. És, sem dúvida, uma das mutheres mais sedutoras que conheço e do género mais perigoso; o teu encanto não vem, como o de quasi tôdas as outras, da beleza, elegância ou inteligência, mas de um inexplicável *não sei quê*, que irresistivelmente atrai e prende os homens. De quantos recebi confidências, que bem casada podias estar, se não tivesses feito nariz a todos os magníficos partidos que te propus! Acho pois natural que o pequeno se apaixonasse por ti.—De resto a culpa

foi em parte minha. Não os devia ter aproximado.—Entretanto, precisas lembrar-te que o Nuno mal saíu da adolescência e a tua mocidade, aliás tão brilhante ainda, está a dizer-te adeus. Daqui a dez anos, *bébé* será um homem, na força da vida, e tu... uma velha, a quem êle, com a habitual sem-cerimónia masculina, voltará as costas. Eis uma perspectiva que, hás-de concordar, nada tem de risonha e infelizmente parece-me inevitável. Sim, minha querida Anita, eu barafusto, revolto-me, contra a partida que me pregaste e as secas que dela resultaram, mas, acima de tudo, podes crer, és tu que me preocupas, é em ti que penso. E mesmo contra a tua vontade, hei-de defender-te.

Estarei de volta no princípio de Junho, com pouca demora, entretanto a suficiente para embarcarmos o querubim, caso ainda o encontre aí. Logo em seguida parto... partimos para a nossa querida Serra—não é verdade que já a consideras tão tua como minha?—de que a sã influência me ajudará, espero, a acordar essa razão, que eu muito admiro, a abrir êsses olhos, que tão lúcidos considero...

Embora furiosa, abraço-te affectuosamente.

CARMO

De Ana Gulomar a Maria do Carmo

Lisboa, 30 de Maio.

Querida Carmo

O que espero eu da folice em que tão imprudentemente embarquei? Nem casamento, nem *outra coisa*. Fiz nariz, como dizes na tua linguagem sempre pitoresca, aos magníficos partidos que me aconselhaste, porque, minha querida Carmo, ainda que êles me trouxessem tôdas as vantagens dêste mundo e do outro, eu nunca poderia casar com um homem de quem não gostasse. Com o Nuno dá-se exactamente o contrário. Quero-lhe demais para fazer dêle meu marido. Isto deve parecer-te um tremendo disparate, uma daquelas absurdas contradições, que tanto te escandalizam e desnorteiam. Estou ouvindo a habitual exclamação:— Anita, quem te entende?

Entender-me-ás, se eu acrescentar que penso no Nuno antes de pensar em mim e muito mais do que a tua ameaça do ridículo—essa coisa infima a que, graças a Deus, sou superior—me preocupa e prende o receio de sacrificá-lo, de, após alguns dias, os dias sempre breves da ilusão, tornar-me um obstáculo à sua felicidade, uma sombra importuna na sua vida? Seja como fôr, querida Carmo, nem tu, nem a prima de Ca-

minha, a prima implacável, precisam lembrar-me que perto estou da velhice. Eu sei. Nem um minuto, um só minuto, durante estas semanas — meses já! — de encantamento, deixei de ser consciente, dolorosa, terrivelmente consciente! É eis um privilégio que a ninguém desejo.

Oh! quantas, quantas vezes, invejei as que pintam o cabelo, as que se vestem como aos vinte anos e, à fôrça de fingirem-se novas, de pretenderem enganar os outros, acabam por enganar-se também! Divina faculdade do esquecimento, como a quis, como a chamei! Mas não esquece quem quere e eu nunca esqueci.

Contra a... *outra coisa*, existem as mesmas razões e, muito mais forte do que elas, uma que, se me conhecesses bem, escusado seria dizer-te: fui até hoje uma mulher honesta, acho tarde para deixar de sê-lo.

Com o teu hábito de definir, tornar positivos todos os sentimentos e situações, vais de-certo perguntar-me o que, não admitindo eu qualquer dessas hipóteses, o Nuno representa aos meus olhos, porque me atraíu, me prendeu, que felicidade me dá. Dá-me o maior e mais raro... eu ia dizer impossível, dos bens, aquêlê que, durante tôda a vida, procuramos e quási sempre morremos sem encontrar: a companhia. Sim, desde que êle veio ao meu caminho, eu nunca mais me senti desamparada, só. Um coração en-

tendeu, enfim, o meu coração. E bastou que por outros olhos os meus olhos vissem, para que o triste, escuro mundo, se enchesse de luz. Finalmente—oh! ironia!—a ti o devo... Não foi por querer, eu sei que não foi, mas tu é que me ensinaste onde estava o meu tesouro. Ai de mim! Será de-certo como na velha canção:—Tardou-me mil anos, durou-me um só dia...

Tens razão, Carino, vou sofrer muito, vou pagar... com largos juros, o que chamas—não será ligeiramente exorbitante?—uma traição. Contudo prometo-te e, o que é mais, já a mim própria o prometi: na hora em que o Nuno quiser deixar-me, ainda que morra de pena, nada tentar para guardá-lo.

Espero que esta resolução, muito sincera e firme, leve a tranqüilidade ao teu espírito e ela se estenda a tôda essa aflita gente, de quem eu tenho sido o escândalo e o alarme, desde Caminha a Paris, passando, já se vê, pelo elegante bairro da Lapa, onde a nossa adorável Maria da Luz deve ferver em curiosidade e... despeito, com os *croquis* de Schiaparelli entre as mãos.

Alegra-me a tua volta. Não precisaremos embarcar o querubim que, por sua livre vontade e sem que o ajudes a fazer as malas, partirá a cinco ou seis do próximo mês. Quanto à tua linda quinta, sim, um pouco minha também como tudo para que olhamos com amor, sabes o prazer que

me dão sempre os teus generosos convites e que, em parte alguma, me sinto melhor. Mas desta vez ponho uma condição: não tornarás a falar-me no... assunto. Calculo que ainda deves ter uma boa reserva de furiosas descomposturas, a que desejo ser poupada e igualmente aos sapientes—sapientíssimos! aliás—conselhos, de que não sinto a mínima necessidade. A razão que—oh! excesso de honra!—muito admiras, conserva-se lúcida, clara, e... até demais, estão abertos os meus olhos.

Tua velha amiga,

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 3 de Junho

Meu querido Nuno

Deves partir na data que marcaste. Há quantas semanas a tua mãe te espera em vão! Que desapontamento, que ansiedade, continha a sua última carta! E não insistas no teu teimoso, aliás tão doce:—Vem comigo. Só irei, se tu fores...— porque eu não posso, não devo ir. O teu itinerário é o que há de mais tentador, com o duplo encanto das terras que se vêem pela primeira vez,

o encanto surpreza, e o outro, porventura ainda maior, de voltar ao que já se conheceu, já se sentiu, a cada instante parece repetir-nos a palavra, entre tôdas mágica:—Lembras-te?—Porém hás-de gozá-lo sem mim. Enterneces-me até às lágrimas, quando me dizes:—Teria remorsos de sentir um prazer que tu não partilhasses.— Querido, eu não quero que o mínimo remorso, a sombra de uma pena, estraguem o teu prazer. Deixas-me uma grande saúde, é certo, mas a saúde acompanha, com ela se engana a ausência... E fica-me também a esperança, a doce esperança da volta.

Depois, o melhor itinerário, já eu segui, já eu gozei contigo, tranqüilamente sentados num banco do jardim, ao abrigo de todo o cansaço, todo o desapontamento, em projecto, em espírito, em devaneio, como são os itinerários da minha predilecção. Bem sabes que costumo habitar a lua e ao palácio mais sumptuoso, prefiro um castelo no ar...

Viajámos por lindas manhãs da primavera em flor—o domínio da fantasia não admite as manhãs feias e as primaveras de sonho vestem-se sempre de flores... Desconhecemos a odiosa luta com a mala, atravancada de coisas inúteis, que não se deixa fechar, a horrível azáfama para não perder o combóio, a passagem dos túneis, o carvão da máquina, o enjôo nos vapores, a lã

freqüente decepção da chegada, a banalidade dos quartos de hotel. . . e sobretudo, sobretudo, o limite do tempo, a data inexorável que nos obriga a partir.

Oh! prodígios, maravilhas da imaginação! Deniro de uma tarde, uma só tarde, couberam os meses que passámos em Ascain, no pequeno hotel, onde Lotí escreveu o delicioso *Ramuntcho*. Como as lindas bascas pálidas, de negros, profundos olhos, eu vesti-me de veludo prêto e, cada domingo, após a missa, visitei os mortos no cemitério.

Durou igualmente meses—ou anos?—a nossa instalação numa *villa* de Anglet: aquela em que através dos altíssimos cedros, deslisa a cauda brilhante dos pavões e, como uma fita de prata, entre hortênsias azues, corre, manso, estreitinho, um regato. . . Numa silenciosa rua de Bayonne, defronte de certa casa antiga, a que se enleia uma imensa glicínia, eu exclamei:—Queria ficar aqui para sempre.—É nada mais fácil, mais natural: fiquei. . . Vimos Carcassonne, Avignon e, porque tudo foi como queríamos que fôsse, em Aigues la Morte guiou-nos, acompanhou-nos, a sombra adorável de Bérénice. Paris deu-nos o seu encanto, a sua graça única, sem o terror de atravessar as ruas, bem entendido. . .

Descemos o Reno. Visitámos as pitorescas cidades da velha Alemanha: a Alemanha dos

teus amores. Impunemente, como só ao projecto, à fantasia, pode admitir-se, eu fiz um *pied de nez* a Hitler todo poderoso !

Passámos tempo sem fim em Roma, presos, enfeitiçados pela poesia das ruínas, o encanto dos jardins, a voz tão dura das fontes e a alegria da Praça de Espanha, na hora de sol, a linda hora das flores e tudo que evoca a via Appia, nas calmas noites de luar...

Venesa, Florença, Siena... Outras, outras ainda! Oh! terras de encantamento, onde é que nós não estivemos, qual foi a que nós não vimos?

Querido, no curto espaço de uma tarde, tu ofereceste-me o vasto mundo, como se oferece uma rosa... Já tive pois o meu quinhão da viagem, tão bom, o melhor talvez, para quem todo o esforço, tôda a realidade assustam. Não te preocupes mais comigo. Durante os meses que andares por fora, eu serei hóspeda da tua prima Carmo, na Quinta da Serra. É um velho hábito passarmos o verão juntas.

Vai, meu amor, estuda, vê, diverte-te, enquanto eu, que só para sonhar tenho jeito, fico a sonhar contigo.

ANA GUIOMAR

AUSÊNCIA

*A presença de um ser não destrói a saúde que
êle nos deixara ao afastar-se. Êle não regressa a nós
inteiramente. A sua verdadeira presença é longínqua
e saudável . . .*

TEIXEIRA DE PASCOAIS

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 8 de Julho.

Querido

Cheguei enfim a esta quinta, de que tanto gosto e, na suave manhã em que te escrevo, sob as lindas árvores que há anos me conhecem, oiço apenas a voz dos pássaros e dos regatos. . . Não sei qual delas canta melhor, mais doces coisas diz à minha alma. . .

Mas que horrível estafa a dos últimos dias! Carmo decidiu tomar o *Sud* até ao Pôrto, achou menos fatigante de que o automóvel e pôde assim oferecer-se o prazer de mais uma grande recepção na *gare* do Rossio. Tôda Lisboa compareceu. Falou-se, riu-se, gritou-se, vociferou-se, à boa maneira alfacinha. Nada faltou, desde a furiosa discussão política, ao doce colóquio amoroso. . . E sem a intervenção enérgica do Pedro

que, quasi à fôrça, impediu a irmã de perder o combóio, ainda lá estaríamos! Em S. Bento recommçou... a *tertúlia*. Numerosas amigas da Granja, prèviamente avisadas, correram a festejar-nos. Ali mesmo, Joana lançou os convites para um grande chá:—Amanhã. Não faltem. Encontram a Granja em pêsos. Temos tanto que conversar!—Talvez por ser assim abundante o assunto, começámos... de véspera. O luzido cortejo acompanhou-nos até ao Hotel do Pôrto e, a pé firme, no longo, escuro corredor...—Não vale a pena ir para a sala. Vocês estão cansadas. Nós... com pressa. Temos hoje *soirée* na Assembleia—foi-nos administrada a primeira dose das bisbilhotices que, do norte a sul do país, fazem as delicias da mais alta e selecta camada social.

Eram oito horas quando conseguí sentar-me defronte de uma chícara de chá. Carmo perguntou secamente:—Não jantas?—encolheu os ombros quando lhe respondi que, talvez por estar cansadíssima, me faltava o apetite, e depois de um desdenhoso:—Que pieguice!—propôs-me ir ao animatógrafo. Recusei enèrgicamente:—Daquí só para a cama!

—E oh! meu pastelão, o que queres tu que eu faça neste hotel, onde conheço apenas o porteiro suíço?

—Conversa com êle. Madame du Déffand achava preferível ao isolamento, a companhia do

sacristão dos franciscanos. Ora a do suíço sempre há-de ser um pouco mais divertida...

Ignoro se a nossa amiga seguiu o exemplo illustre. Só voltei a vê-la, no outro dia, à hora do almoço, fresca, *pimpante*, com um daqueles *tailleurs* muito justos que tão bem vestem o seu corpo forte, perfeito. Declarou-se de óptimo humor. Tinha dormido admiravelmente, resultado de uma boa saúde e uma consciência justa. Às onze horas estava na rua, fazendo compras... para matar o tempo. Umhas coisitas de prata do Reis, sapatos do Pessoa. E fruta, flores... Duas vezes batera à porta do meu quarto, mas Sua Excelência vadiava... Por onde?—Pelo Parque do Palácio de Cristal, na sombra daquelas maravilhosas árvores, que descem até ao rio, ao rio que eu chamaria mais do que todos lindo se, para a minha saúde, outro não existisse... Oh! Lima azul, incomparável! não precisei acrescentar que a tua lembrança fôra a minha doce companhia, para que Carmo inaugurasse a longa série dos «Oh! filha, que *chatice!*», com que, de há muito, é seu costume mimosear-me. Outro estava iminente, outro veio quando, ouvindo um delicioso sininho—o dos Congregados ou de Santo Ildêfonso?—eu ousei confessar que adorava os sinos do Pôrto, os sinos e tudo que lhe conserva o seu doce ar provinciano...

Depois, pelas lindas estradas, entre pinheirais,

que nos levaram ao famoso chá da Granja, houve uma variante. Em vez de *chalice*, apanhei:—Que possidonice!—Sim, possidonice, defronte de uma formosa praia, florida de rosas, que achei um paraíso, onde—oh! crime de lesa elegância!—de-sejei ficar! E só compreendi a extensão da minha culpa, quando a tua prima me explicou que os donos daquelas *vilas*, maravilhas de bom gosto, são pessoas que ninguém conhece, gentinha com dinheiro... Poupo-te ao resto da série muito longa ainda: incorro constantemente no desagrado de Carmo. Também não te faço a descrição do chá. Como sabes, todos os chás se parecem. Neste houve apenas um extra que me deliciou: a voz do mar, preguiçosa e mansa... Decerto ninguém mais a ouviu; por isso, eu melhor lhe quis ainda.

Carmo é incapaz de sentir certas *nuances* que nos encantam. A natureza nada lhe diz. A não ser as suas árvores e as suas flores, de que gosta porque são suas, e quer bonitas, cuidadas, como tudo que lhe pertence, nenhuma a interessam. Para ela, uma paisagem é sempre a mesma... *chalice*, com a mesma água, as mesmas árvores, a mesma erva, os mesmos pássaros. Não existe entre nós afinidade alguma de gostos ou sentimentos. Somos diferentes em tudo. Mas como eu a admiro, como a sinto tão superior à minha inútil pessoa! Inteligente, cheia de senso prático,

sabendo conduzir os acontecimentos segundo a sua vontade. Boa como os fortes, sem parvas sentimentalidades. E que perfeita *hostess*! Já no automóvel que nos trouxe à Serra, eu me senti rodeada dos mais amáveis cuidados. Jornais, flores, fruta, limonadas frescas... De tudo o que pudesse aligeirar a tão longa, fatigante jornada, Carmo lembrou-se para oferecer-me. Aqui, no quarto que prefiro, sôbre o lago bordado de hortênsias azues, encontrei, com o confôrto máximo, as côres e os estofos que eu teria escolhido. Por ora—oh! ventura!—estamos sós. Durante as longas horas do dia, enquanto dou largas à mais incorrigível preguiça, Carmo desenvolve a sua admirável actividade, comanda o batalhão de criados, a quem exige arranjo irrepreensível, desde as salas até à cave. Na quinta e nas largas propriedades que a rodeiam, não há um palmo de terra inculto. Estavam em completo abandono quando o marido—importuna sombra!—a deixou viúva, aos trinta anos, senhora de um imenso domínio e a braços com as maiores dificuldades. Mas os caseiros que, em vida do triste morgado, falavam de alto, faziam só o que queriam, pagavam só o que muito bem lhes aprazia, logo sentiram a mão forte, inflexível, com que os homens—camponeses do Minho ou elegantes de Lisboa—jamaís brincaram... Querido, sob a sua frívola aparência e affectada ignorância de tudo

que não diga respeito às festas e bisbilhotices do mundo, a tua prima é o que os franceses chamam *une maîtresse femme*.

De tarde encontramos-nos na quinta. Carmo volta aos seus hábitos de doce futilidade, conta-me que notícias lhe trouxeram as cartas de Lisboa, que hóspedes espera, que novas *toilettes* encomendou.—Nunca uma pessoa está vestida! Eu nem sei como te arranjas...

Não me dá tempo de responder... Já me anuncia uma grande revolução nas mangas. Soube-o por Lucienne; Lucienne está sempre ao facto dessas coisas: é um figurino vivo!—E calcula tu a maçada, se a gente fica com tôdas as mangas fora de moda!

Algumas vezes, ao surgirem as primeiras estrêlas, no mistério suave que envolve o jardim, deixa-se invadir por uma pontinha de melancolia, com um suspiro, evoca os anos da nossa mocidade.—Quando apatetávamos tão deliciosamente...

Carmo ilude-se, procurando e julgando encontrar, no passado, a divina patetice que jamais cultivou. Mas tem razão, terrivelmente razão, ao acrescentar:—Emfim, estas coisas devem vir a seu tempo, dentro dos limites permitidos. Depois, minha querida Anita, é preciso, é de necessidade absoluta, desapatetar.

É preciso. É de necessidade absoluta, Eu sei,

eu sei... Mas, oh! meu amor de vinte anos, meu doido, absurdo amor, quem poderá quebrar-te o encanto, onde, como, hei-de aprender a... desapatetar de ti?

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 15 de Julho.

Querido

Baignée de paresse... É linda a expressão... ou não viesse ela do grande século, pela pena gentil da Princesa de Clèves! E muito bem, admiravelmente aplicada, na minha pessoa! Ainda ontem, a nossa Carmo me dizia:—Oh! filha, mexe-te! Faze o que tens a fazer. Eu não posso passar todo o meu tempo a ocupar-me do itinerário dos teus passeios, do orçamento das tuas despesas, da escolha das tuas leituras, até—oh! cúmulo!—a indagar do Larousse quem era Pitágoras e outros fulanos de nome arrevesado que te deram no goto...—Com que razão! Pobre amiga, tudo lhe tenho atirado para cima, desde o orçamento até ao Pitágoras! Mas, quanto à preguiça de Madame de Lafayette... deixa-a falar. Só para inglês ver! Naquele pequeno *hotel*,

que a Marquesa de Sévigné considerava o lugar mais bonito de Paris, Marie Madeleine de la Vergne, Condessa de Lafayette, viveu sempre activa, infatigável, dirigindo com notável desembaraço, os seus negócios e os negócios dos seus amigos, administrando prudente e sàbiamente, a sua pequena fortuna, julgo que também a do marido, porque, segundo reza a erónica, *quoique fort fionnéte*, êsse pobre senhor, como esperteza, deixava a desejar. É eertamente, só na hora, doce entre tôdas, que, cada tarde, trazia ao lugar mais bonito de Paris, o Sr. de La Rohefoucauld, Marie Madeleine deseansava, se é que no amor, esearamuça subtil, traioeira, jamais alguém conseguiu deseansar. Declarava-se pois *baignée de paresse*, apenas em obediência àquele princípio adoptado pelas mulheres, de dizerem exactamente o contrário do que sentem e mostrarem-se exactamente o contrário do que são...

Mas aqui estou eu mais uma vez destruindo as tuas ilusões! Depois de Maria da Luz... tão comprehensiva (!) a Princesa de Clèves, que preferias—a gente prefere quasi sempre o que não é!—lânguida, melancólica, sofrendo de *vapeurs*. Perdoa, e perdoa também êste tom alegre, irónico, tão pouco do teu agrado. Para acreditar que gosto de ti, precisas sentir-me triste, ansiosa, trémula...

Querido, à noite, na Serra, os rouxinóis cho-

raim como chora a saüdade... Mas eu escrevo-te de manhã. Que linda, triunfal manhã! O céu não tem uma nuvem. Todo um canteiro de rosas vermelhas, que ontem deixei em botão, abriu ao sol. As abelhas dançam. A água canta. Há gorgeios nas sebes e, nas árvores, ninhos. Como se há-de estar triste quando a terra assim resplandece? Não me queiras mal. Tem antes pena de mim. Vão acabar estes dias adoráveis—as minhas férias de quietação e paz. Já ontem chegou Maria Rosa, com a criada, o cãozinho, o *kodak*, seis malas e... uma imensa, inexgotável provisão de novidades lisboetas. Para amanhã anuncia-se a... compreensiva Luz. E assim por diante, até que se encham todos os quartos, em que, do rés-do-chão à tórre, Carmo tão profusamente espalhou elegância, confôrto.

Ah! quanto só e estranha há-de sentir-se entre essa... divertida gente, a tua

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 18 de Julho.

Querido

Outra manhã sereníssima. Hoje nem uma folha mexe. As árvores rezam, braços erguidos

para o céu, em estática imobilidade. Mal se ouvem os pássaros. Só as rôlas gemem, lânguidas, amorosas. . .

E aqui me tem pronta a servi-lo e amá-lo, o meu querido senhor. Mas agora me lembro. . . Sou acusada de frieza de alma. Nuno, a neve vem com o inverno e aproxima-se o meu inverno. Envelheço, envelheço. . . É uma constatação que faço todos os dias. Não sofreria por isso se tu não me quisesses nova, não teimasses em acreditar na minha mocidade. Há uma doçura, triste aliás, no envelhecer. Apazigua-se o nosso coração como tantas vezes, perto de fundir-se no crepúsculo, se apazigua o dia. À certas manhãs de temporal, sucedem tardes suavísimas, brandas, tranqüilas noites. . . O luar tem uma beleza melancólica que o sol desconhece, mas não pode exigir-se da noite o que só dá a manhã. O amor, querido, é como as flores que enchem êste lindo campo: um produto da primavera, da mocidade. Eu, repito, estou velha. Um ano, na minha idade, é muito, é imenso. É quasi um ano passou sôbre o nosso doce idílio. Mas por que não há-de contentar-te o que dêle ficou: esta grande, fervorosa amizade, tão apaixonada como o amor e muito mais do que o amor, serena, pura ?

Deixo-me prender, absorver, pela frívola gente que me rodeia ?! Querido, como és injusto! Oiço

as vozes, ruído importuno, que quebra o divino silêncio da montanha, mas ignoro o que elas dizem... Para não contrariar a Carmo, junto, às vezes, o meu vestido, aos outros, brancos, azues, vermelhos, matizados como flores, que, nos alegres *pic-nics*—ai de mim! entrámos já no regime do *pic-nic!*—poisam sôbre a relva, mas a alma está longe, longe, segue-te, é a tua sombra fiel.

Andou contigo, sob os ciprestes de S. Miniato, e na linda Fiesole, quando visitaste Miss Bell. Milagres do pensamento, que transpõe tôdas as distâncias, doce poder da saúde... Tu não acreditas, não sabes, és novo, ardente demais para sentires o encanto das presenças invisíveis. Ah! se eu pudesse ensinar-te, se quisesses aprender comigo!

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 30 de Julho.

Querido

Não tiveste um momento de sossêgo desde que J. de S., o mais elegante hóspede da Carmo, aqui chegou! E exiges que te conte tôda a verdade a seu e a meu respeito.—Não gosto muito

da associação... seja dito de passagem.—Mas a verdade que, de resto, devias saber, é que, embora sob os mesmos tetos, nem dois minutos pensamos um no outro. Aquêlê homem pertence a uma espécie que tu ainda não conheces, mas eu estou farta de encontrar. Faz a côrte a tôdas as mulheres, por divertimento ou talvez que simplesmente por dever de officio. Julga-se um conquistador. Falei-te dos seus madrigais? É possível... Nalgum dia em que me senti mais nova, mais alegre, ainda com um restozinho da minha *coquetterie* de mulher. Apeteceu-me judiar contigo. Mas, se assim foi, não devo pedir-te perdão. Estava a teu gôsto, estava como tu me queres, muito feminina e—quem sabe?—muito amorosa talvez... Baforadas de primavera que se enganam no caminho, vêm em pleno inverno!

De resto, a-pesar da elegantíssima turba que presentemente enche esta casa—a nossa Carmo não passa sem gente, aquela mesma gente de quem, durante o inverno, diz: «Já não posso aturá-los! Se me vejo livre dêles...»—os meus hábitos pouco mudaram. Levanto-me às sete horas, quando J. de S. está ainda no seu primeiro sono ou, o que é mais poético, sonho... côr de rosa, esperemos. Às oito, instalo-me na quinta, à sombra de um grande carvalho, entre Manuelzinho e Tejo—o filho e o cão do caseiro. O pequeno, com o despotismo das crianças, o teu despotismo,

reclama imediatamente a sua história... Também como tu, quere sempre a mesma e, mal acaba de ouvi-la, pede-me que a conte outra vez. *Tejo* encosta a cabeça no meu colo, para que eu lhe afague as grandes orelhas felpudas; os seus olhos de um azul cinzento, como o das perúncas, tomam uma expressão de ternura humana... Mas por que hei-de ser injusta, por que hei-de chamá-la humana, quando a ternura do cão é a única fiel, inalterável?

Tejo tornou-se, na Serra, o meu melhor amigo. Entendemo-nos admiravelmente... como irmãos. Temos o mesmo horror aos ratos, às moscas e aos sumptuosos *pyjamas* de João de S., que êle nunca deixa de rasgar quando os encontra ao alcance dos seus dentes. O mesmo desejo de prender a água que foge nos regatos, uma igual predilecção pelo perfume de limonete e rosmaninho que flutua na jardim, pelo contacto fresco da relva, pela sombra dos carvathos e por certo canto da horta, onde entre as fothinhas verdes, surgem, rosados, apetitosos, os morangos... com que nos regalamos, sem mêdo algum dos micróbios.—Nenhum de nós acredita em micróbios.—Ambos somos pacientes e teimosos. Nunca nos aborrecemos juntos.

Às dez horas, volto para o meu quarto. Encontro silêncio, paz, flores nas jarras e a tua saúde. À uma... não há remédio, desço da tôrre

de marfim, almoço em elegante companhia. Carmo faz impecavelmente as honras. É de novo a mulher que nasceu apenas para as festas, as comédias do mundo. Parece estar na sua atmosfera, no seu elemento. Conversa-se de mil coisas, tôdas mais banais umas do que as outras. J. de S. pretende ter visto, da sua janela, entre as árvores do parque, o meu vestido azul. . . — Não te assustes. Era branco. — Depois, quando lhe provo o engano e Carmo solta uma daquelas gargalhadas que tão deliciosamente a rejuvenescem, o homem fatal amua, passa a gastar tôda a sua galanteria em honra de Lucienne — porque também temos Lucienne e os seus mil *organdis*. Carmo não dispensa Lucienne. — Mais uma hora ainda na sala ou no terraço e desapareço outra vez. *Tejo* espera-me para um longo passeio, por deliciosos caminhos, que, além das cabras, só eu e êle conhecemos.

Ao jantar, as *toilettes* mudam. Apesar do detestável *à vontade* que vai por êsse mundo — *David never dresses*, dizia-se ainda não há muito tempo, no mais ilustre castelo de Inglaterra — Carmo exige que, em sua casa, continuem rigorosamente todos os hábitos da elegância. Os homens vestem *smoking*, as mulheres decotam-se, mas. . . a banalidade é a mesma. Em seguida, joga-se o *bridge*, o *Mañ jong*, a telefonia transmite a última *charla* do general Queipo de Llano. Lu-

cienne reforça a dose de carmim que transforma num cravo a sua pequenina bôca, passa pela delicada face a *fouppé* de pó de arroz e, com um suspiro, exclama:—Já não deve haver em Madrid uma única costureira! Que dificuldade para as mulheres se vestirem!

À laia de divertimento, todos fazem barulho, um barulho infernal. Eu aborreço-me, tenho sono, tenho vergonhosamente sono e a-pesar do impaciente:—Já é mania deitar-se uma pessoa com as galinhas!—de Carmo, às onze horas despeço-me da... animada assistência.

Eis quanto abusa dos prazeres do mundo, em geral e de... J. de S. em particular, a tua

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 25 de Agôsto — Aniversário da morte da tua Irmã.

Querido

A-pesar do lindo verso de Heredia:—*La vie est douce... ah! laisse la vivre, ami*, eu creio no que diziam os antigos: bem amados, preferidos

dos deuses, são os que morrem em plena mocidade. Por isso a tua Maria se foi a sorrir. Não tinha acordado ainda daquele sonho que se sonha aos quinze anos. Não tinha visto a vida como ela é, como nós a vemos. Das ilusões, colhera apenas o perfume, a flor... Os espinhos vêm mais tarde. Sim, eu creio que podemos ter saúdaes dos que morrem novos, mas não devemos ter pena. A flor que o vento esfolha em pleno viço, ainda conserva a sua beleza, o seu aroma, e o que há mais feio e mais triste do que a flor murcha? Se eu tivesse morrido na idade da tua irmã, levava comigo um tesouro das mil e uma noites. Nenhuma rapariga sonhou mais, ousou pedir mais à Felicidade. E de-certo nenhuma conheceu um despertar tão brutal. Aos vinte anos já me tinham amachucado tôdas as ilusões e os meus sonhos caíam como as fôlhas mortas nos jardins do outono. Contudo eu ainda amo a vida, mas amo-a duma triste, estranha maneira, sem desejos, nem esperanças, com menos egoísmo, talvez... Só por amor dela, não por amor de mim.

La vie est douce... Ah! certamente acho-a doce e suavíssima, nesta perfumada manhã em que os pardais me acordaram. E ainda não vi... os *pyjamas* de setim, os vestidos de ramagens. Posso ignorar a sua existência, acariciar o bem-dito engano de que é só minha, para mim só, a

manhã azul.... Entretanto, querido, felizes os que morrem, levando intacto o coração!

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 12 de Setembro.

Querido

Pedes-me um livro que te console, que te acompanhe. Mando-te os pensamentos de Joubert. Joubert é de suavíssima leitura. Faz bem, amacia o coração. E diz muitas coisas que certamente aprovarás:—*Ceux qui aiment toujours n'ont pas le loisir de se plaindre et de se trouver malheureux*. Contudo Joubert amou sem esperança, tendo a dolorosa certeza de que pertencia a outro o coração de Pauline. Mas amou tanto que o seu amor lhe bastava. Deu tudo e não pediu nada.—Com essa parte, diga-se de passagem, não me parece que estejas de acôrdo, tu que pedes tudo e... muito mais ainda!—Os seus «Pensamentos» encantam-me e hão-de também encantar-te. Tens qualquer coisa dêle, já te disse. Falta-te, porém, a sua branda filosofia. Êle era um terno. Tu és um apaixonado. *La tendresse est le repos de la passion*. Eis uma coisa que Joubert precisa ensinar-te...

Mas estou a ouvir-te, a ver o teu gesto de impaciência. Tudo isto para ganhar tempo, para não responder à tua pergunta... Se podes vir? Sentes-te cansado. Tens saúdaes mínhas. Com êste lindo tempo, sorri-te a ideia de uns días no campo, ao pé de mim. Querido, é certo que o tempo está lindo, os días conservam uma fresca suavidade de primavera. Como em Maio, tudo cheira a flores. Uma nossa amiga devota pretende que Santa Teresinha esfolha, sôbre a Serra, a sua grinalda de rosas... E também eu tenho saúdaes tuas, gostaria de passar umas horas contigo na doce quietação do jardim. Mas, embora me custe—oh! se me custa!—devo dizer-te: Não venhas, Nuno. Estou rodeada de gente curiosa, bisbilhoteira... Se chegasses, se te vissem comigo, o que seria, bom Deus!

Lembra-te do escândalo do ano passado, quando o Alexandre aquí encontrou a Maria do Céu. Ela gostou. Isso faz parte do alarde que tanto lhe agrada em volta da sua pessoa. Foi mais um reclamo. E, em minha volta, eu só quero o silêncio discreto: aquêle silêncio que deve acompanhar a aproximação da noite.

Não te zangues e sobretudo não fiques triste. Continuarei a escrever-te. Será apenas meia ausência...

ANA GUIOMAR

ISABELINHÀ

*Vous êtes la soif: soif de l'existence, soif de plaisir,
soif d'impérmanence...*

PAUL MORAND

De Isabel a Rosa

Cascais, 18 de Setembro.

Querida Rosinha

O que me escreves a respeito do Nuno está longe de corresponder à verdade. A-pesar da tua grande instrução, bem rara numa rapariga tão nova, como ainda ontem dizia a minha mãe, julgando de-certo meter-me em brios—mas perde o seu tempo, coitada, que eu, para ciências, não sinto a mínima vocação—interpretaste mal o que te contei. Não estou loucamente apaixonada, de cabeça perdida, como julgas. Mas que o prefiro aos outros, que tenho por êle o que aqui se chama um facafaz, é certo e mais do que certo. Deu-me para aí... Vão lá saber por quê! O Nuno está longe de representar o meu ideal; pelo contrário, em quasi tudo desagrada-me a sua maneira de ser. Não pertence à Brigada Na-

val—nem sequer à Legião!—não frequenta a Reserva—uma *boîte chic*, divertidíssima!—não faz *sport* algum, dança pèssimamente, nas raras vezes em que aparece na praia, apresenta-se vestido, o que todos acham de um mau gôsto, de uma inconveniência! Pois, não é verdade, Rosinha? Devemos seguir os usos da terra, e, se aqui é uso andar nu, por que teima o Nuno em pôr calças até aos pés e atar ao pescoço uma gravata? Só se é alcejado... Depois, aquela mania de ter o nariz sempre metido nos alfarrábios! Passeia de alfarrábio na mão, come com o alfarrábio defronte, naturalmente até dorme abraçado ao alfarrábio! Resultado: fala com gramática, como nos livros, e atreve-se a fazer pouco da nossa linguagem tão fácil, tão expressiva. A minha amiga Lulu pregou-lhe, há dias, uma ensina-dela... de truz! Como o chamasse:—Ó seu gajo!—o Nuno exclamou, indignado:—Que ordinária palavra na bôca de uma menina!—Ao que a Lulu respondeu imediatamente:—Você, seu grande possidónio, não me dá lições, antes precisa delas para falar como fala a gente fina...—Êle atreveu-se a perguntar, com um arzinho irónico:—Não será antes a gente que se julga fina?—Mas a Lulu, já vermelha de raiva, respingou:—Entre nós nunca foi hábito empregar palavriado difícil... Deixamos isso aos *parvenus* da província.—E quando o Nuno, cada vez mais irónico,

acrescentou:—Desconhecia êsse hábito da côrte...—cla, que é muito instruída, pespegou-lhe com um exempto histórico:—Não o diga a rir, seu rato sábio, que não passa de um ignorantão. Fique sabendo que Sua Majestade o Sr. D. Miguel, único rei dos tempos passados que eu reconheço,—a Lulu é muito integralista—quando foi chamado para assistir à morte de Luiz XVIII, em vez de dizer alguma das coisas ridículas que você, seu gêbo, naturalmente diria, exclamou, com elegante simplicidade:—«Vamos lá ver êsse ginja...»—Pareceu-me que o Nuno encolhia os ombros, mas todos declararam:—Embatucou! Embatucou!—E ficaram radiantes, porque o detestam. No entanto, como já te confessei, nada disto me impede de sentir por êle, a tal exquisita atracção, que os outros—e tantos me fazem a côrte, me dizem coisas bonitas!—não conseguem inspirar-me.

A Lulu—tu hás-de achar que eu trago sempre o seu nome na bôca, mas ela conhece tão bem estes assuntos!—pretende que tudo vem do meu génio de contradição: exactamente porque o tipo não me liga a mínima, é que me interessa. Parece que há muitas mulheres assim...

Mas que venha disto, que venha daquilo, eu não fenciono deixar-me morrer de paixão. Antes de mais nada, desejo um marido que me livre da tutela da minha mãe—esta pretende que lhe de-

verei obediência, mas tôdas as minhas amigas afirmam que a tal obediência já passou à história: a gente agora casa para ficar independente, fazer tudo quanto quere e sobrar-lhe tempo. Exactamente o que eu preciso. E não ponho já de parte esta mania, restos ainda do meu sentimentalismo provinciano, porque o Nuno, a-pesar dos seus desdêns, é o que tenho mais à mão. Sei que as nossas famílias projectam o casamento e nisso são ajudadas pela espertalhona da tia Carmo... Basta ela para levar a cabo a mais difficil emprêsa! O Nuno andou entretido com uma mulher que de moça nada tem, o que te fará pensar que o perigo não era grande. Pois enganas-te, Rosinha. A Lulu, com a sua notável experiência—ah! ela sabe-a tôda!—togo me disse: —Estás em maus lençóis. Ignoro de que manhas dispõem essas... veteranas, mas o caso é que nos empalmam todos os rapazes. Nem para remédio fica um só!

Felizmente a tal senhora desapareceu, foi com a tia Carmo para a quinta; segundo me consta, até Novembro deixará o campo livre. Imagina o meu alivio! E ainda tenho outros motivos de satisfação e esperança. O Nuno, tão arredio, que muitas vezes nem agradecia os convites da minha mãe, começou a procurar-nos, a passear comnosco... Verdade seja que sempre triste, casmurro e de uma abstracção! Diz-se-lhe alhos,

responde bugalhos. Por mais que a Lulu o sacuda, lhe grite aos ouvidos:—Homem, desça da lua!—êlé a nada se move. Mas, emfim, tudo o que vem é de ganho... E depois, depois—isto só para ti, minha Rosinha—por acaso de-certo...—oh! eu não ousou acreditar que seja propositadamente!—parece-me que, algumas vezes, os seus olhos, trocando aquela côr, aquêlé frio do aço, que me corta e gela o coração, pelo mais suave, mais doce azul, procuram os meus olhos e, como podes supor, êles não se fazem rogar, logo vão ao seu encontro... Inútilmente, meu Deus! Por muito que corram, chegam sempre atrasados. Já o aço lá está outra vez! E eu fico sem saber se foi verdade ou sonho apenas... o sonho que não vale a pena sonhar! Incapaz de dominar-me, suplico à minha amiga, a minha confidente de Lisboa:—Lulu, tu que sabes tudo, ensina-me o que hei-de fazer para que êle me queira...

Após alguns momentos de concentração, Lulu responde gravemente:—Eu te digo: com os homens não é fácil ajuizar. São bichos muito complicados, variáveis... O que a um atrai, agrada, pode afastar outro. Para muitos, não há como desdém, insolência, misturados, uma vez por outra, a uma sábia *coquetterie* em que, seja dito de passagem, não te julgo muito forte. Mas não te aflijas... Êste alfenim é de-certo mais sensível a certo arzinho pudibundo de *vierge sage*... tira-te

não me toques... E, depois, talvez que nem a uma coisa nem a outra...

—Oh! Lulu, queres então dizer que se trata de um caso perdido?

—De modo algum! Há várias hipóteses. O tipo pode casar contigo por birra, despeito... se a Anita lhe pregar com a tampa, o que me parece muito possível, dada a inconstância feminina, a que ela não faz excepção. E acaba de ocorrer-me outra ideia, em que vejo as maiores probabilidades. Acho-o capaz, capacíssimo, de vir a ser teu marido por distracção.

—Lulu, a história da tampa, embora tão deprimente para mim, ainda julgo possível; quanto à outra... tu não falas a sério, tu estás caçoando comigo.—Mas ela continua imperturbável:—Tens visto como o Nuno vai connosco à Bôca do Inferno, sempre aos tropeções, mal percebendo onde põe os pés, para que o levam, tão alheio a tudo que poderemos deitá-lo da rocha abaixo, sem que dê por isso. E deves lembrar-te do distraído *sim* com que responde a qualquer das nossas perguntas... O que haverá pois de extraordinário, de inverosímil, em que, no mesmo alheamento, êle te acompanhe à igreja, sem saber o que diz, diga o fatal *sim* e, também sem dar por isso, apanhe o mergulho do casamento?

Diante da minha atitude de incredulidade e desagrado, Lulu acrescenta:—De-certo no que

acabo de expor, há algumas figuras de retórica, alguma fôrça de expressão; tu precisas aprender a não tomar tudo ao pé da letra, mas de que pode tirar-se grande partido do sonambulismo do rapaz; afirmo-te que não resta a menor dúvida. O caso é andar depressa, antes que a Dulcência venha estragar-nos o arranjinho.

Ah! Rosinha, Rosinha, que alternativas de esperança e dúvida, que terror de ser enganada e, ao mesmo tempo, de deixar fugir uma ocasião, única talvez! Observo timidamente:—Mas os preparativos, o enxoval, o noivado?—Lulu declara triunfante que, para a papelada, lá está a família; o enxoval, já, segundo os hábitos da província, a minha mãe há muito deve ter pronto, com dúzias de camisas de noite, género balandrau, em vez dos práticos, confortáveis *pyjamas*, outras tantas dúzias de camisas de dia, objecto que aliás ninguém usa, mas a minha santa mãe considera certamente da pior imoralidade, que entre a pele e a cinta não exista... *pas même une mousseline*. Quanto ao noivado: sofazinho em canto discreto, mãos dadas, troca de beijinhos, logo que se apanha o *chaperon* distraído... Pois será possível eu prender-me com semelhantes lamedices, que tôda a rapariga moderna, civilizada, julga perfeitamente inúteis, ridículas até—? não perceber que há tôdas as vantagens e nem um único inconveniente, em achar-me de pé para

a mão, por... obra e graça do Espírito Santo, casada, instalada num bonito palácio, com automóveis das primeiras marcas, vestidos das primeiras casas, sem contar a comodidade de um marido sempre na lua? — Pensando na outra... — exclamo amargamente. Mas para tudo, Lulu encontra resposta, argumento pronto: — É a melhor maneira de não te chatear. — Um palácio, vestidos, automóveis... Tudo por encanto, como nas histórias de fadas... Lulu tem razão. Devo contentar-me. Que mais quero eu?

Rosinha, pede ao nosso milagroso Santo António que me depare o que ela considera vantagens, mas pede-lhe também, pede-the, sobretudo — ah! Deus me livre que isto lhe chegue aos ouvidos! — o que chama... inconvenientes.

E perdoa a longa maçada da tua pobre — sim, pobre, porque já se julgava tão forte e tão fraca é, afinal!

ISABELINHA

DISSENTIMENTO

*Vous avez cherché mes défauts et n'avez plus
parlé que d'eux ; aviez-vous besoin de vous assurer
que vous aviez raison de ne plus m'aimer ?*

MARCELLE SAUVAGEST

De Ana Guiomar a Nuno

Quinta da Serra, 28 de Setembro.

Querido

Há quantos dias não recebo uma palavra tua! Mas parece-me que adivinho o motivo dêsse silêncio. Um pequenino amuo—não é verdade?—de que eu, aliás, tenho tóda a culpa. Estraguei-te com mimo, bastou pois que uma vez, uma só, embora por razões bem justificadas, não te deixasse fazer a vontadinha, para que me quisesses mal. Contudo, já durou bastante a... perrice, já demais me castigaste. Querido, soffro tanto, sinto-me tão só, quando me falta a doce companhia das tuas cartas! Vais escrever-me, sim? Deves ter uma infinidade de coisas interessantes para contar-me. E quero também que me contes... ainda que não seja verdade—sem os enganos, de que viveria a gente?—que tens saúdaes minhas, que de-

sejas a minha volta. Espero estar em Lisboa no meado de Outubro, para passar contigo o primeiro aniversário da nossa ternura. Faremos uma linda festa. Haverá rosas, *Champagne* e, se antes não mo roubares, o sorriso que te atraíu, o sorriso de que tu gostas... Dize se te dá prazer a ideia. E, sobretudo, dize que ainda conservas essa ternura. Com um ano de idade, não a acharás velha demais? Não irá a tua preferência para algum novo *flirt*?

Nuno, perdôa a minha talvez injusta desconfiança. Ah! precisas revestir-te de uma paciência infinita para aturares esta contraditória Ana Guiomar, que já nem sabe o que quere! Se lhe falas de amor, impõe-te severamente o silêncio e, se obedeces, logo inquieta, ansiosa, queixa-se:—É porque me esqueceste, é porque não gostas de mim!

Meu amigo, pela vida fora, quando fores mais velho, mais experiente, hás-de aprender que grande trapalhada é o coração das mulheres. Elas próprias não o entendem. Jamais alguém o entenderá.

E mudo de assunto antes que me chames maçadora. Walpole exigia da pobre, velhíssima du Déffand, que, em vez de amorosas, enfadonhas lamúrias, lhe contasse bisbilhotices divertidas, alegres, sensacionais histórias, e ao monótono, secantíssimo *eu, tu, tu, eu*, dos namorados, substi-

tuisse a interessante lista das pessoas que rodeavam o seu *tonneau*, freqüentavam as suas famosas ceias. Querido, hoje tu pareces-te, talvez, com Walpole. E eu sinto-me *Madame du Déffand*, um pouco mais velha apenas—em certos dias de cansaço e desapontamento a gente tem cem anos. . . —Já se vê, menos espirituosa também, sem *tonneau*, sem as famosas ceias, longe, tão longe, do lindo século XVIII, da alegre côrte de Luiz XV, mas com o mesmo desejo de agradar ao meu exigente Walpole. Hóspeda de uma quinta na montanha, só dela posso falar. Contudo, embora limitado o assunto, devem ter maior interêsse para ti, as gazetas da Serra do que as queixas do meu coração. Vou pois contar-te o que aqui se tem feito e dito. A proximidade do outono, época mais divertida nas praias, pôs em debandada os nossos elegantes companheiros, exceptuando Lucienne, que a tudo prefere o seu querido Paris. Desta vez Alberto, o paciente, santo Alberto, permitiu-se algumas ligeiras observações e uma resistência fraca. . . fraquíssima, aliás, como são as resistências de todos os Albertos:—Precisamos fazer economias, os negócios vão mal, há tanta incerteza na vida!—que, de resto, nem de leve alteraram o programa da mulher. Com a costumada doçura—uma luva de veludo em mão de ferro, tal e qual Napoleão!—Lucienne protestou a completa impossibilidade de suprimir a sua via-

gem: um hábito de tantos anos! Neste, um dever também: era esperada por uma amiga doente, a quem serviria de enfermeira. Depois, mesmo pelo lado económico... Precisava vestir-se. Certamente Alberto não queria vê-la esfarrapada. E gasta-se muito menos em Paris. Tudo está tão caro em Lisboa!--Vocês não acham?—Bem entendido, nós achámos, nessas coisas as mulheres devem ser solidárias. Alberto curvou a cabeça, abriu largamente a bolsa—gestos muito frequentes nos maridos das nossas grandes elegantes. Lucienne deixou-nos, carregada de encomendas, o flagelo das viagens. Só para a Maria do Céu, três casacos, nem sei quantos chapéus!--Chama-se um abuso!--exclamou indignada a Maria da Luz e--oh! coerência!--logo a incumbiu também de comprar-lhe um daqueles famosos *desfiabillés*, tão postos de parte, nesta época de modas e hábitos masculinos que, para maior liberdade dos movimentos, está substituindo as saias pelas calças, e por horrendas sandálias sem salto, já trocou o delicioso, embora tão incómodo, sapatinho Luiz XV. Mas a tua querida Luz não renuncia ao que é, ou ela julga ser--e tudo está no julgar--o seu vestido de Tanagra... Durante as semanas aqui passadas, João de S.--o perigoso D. Juan!--empreendeu várias conquistas... Não diremos que o sucesso fôsse por aí além. Lucienne nem levantava os olhos dos seus figurinos,

para ouvir-lhe os madrigais! Com igual infelicidade cultivou, depois da minha esquiva pessoa, a Carmo, de quem logo ouviu:—Isso comigo não pega. Vá bater a outra porta...—Depois da Carmo, a Maria do Céu não o achou o seu tipo, até que, em desespero de causa, o pobre homem fatal acabou por dedicar-se à Maria Rosa que, a-pesar da avançada idade—podia ser mãe d'êles... avó, pretendem as sempre generosas amigas íntimas!—na meia luz do crepúsculo ou dos *abat-jours*, ainda... passa e, com tôdas as luzes, ainda se diverte! Essa recebeu-o de braços abertos. Como diz o Pedro, a fome ensina a comer e ela, coitada, não deve nadar em fartura. Partiram juntinhos para a Granja. Dulcineia, que sempre teve a mania das confidências, já as mandou à Carmo: depois de muitos elogios ao seu apaixonado, um incompreendido, vítima das maiores injustiças, declara conhecer enfim a felicidade! Onde se depreende que nunca é tarde para esperá-la. Contudo—oh! reverso da medalha!—uma carta da Viscondessa de S. vinda pelo mesmo correio, anuncia:—A grande tôla da Maria Rosa está nas suas sete quintas e êle a passar-lhe o pé!—donde se conclue também que, em tôdas as idades, só da ilusão se vive. Mas isto já parece um tratado de filosofia e Walpole reclamava, apenas, da sua velha correspondente, leves, maliciosos *potins*... Ah! não é para todos a ciência da bisbilhotice e

eu não me sinto à altura de um *carnet mondain!* Entretanto continuo, quero mostrar a minha boa vontade.

Maria da Luz e o... fiel *ménage* Paulo-Mariquinhas—por sinal que a última de um... *muito bem*, um *última moda* e um *esganiçado*, capazes de exasperar o mais paciente—foram para Cascais; Maria do Céu para o Estoril. Mas apenas durante uma semana, estivemos sós. Logo depois surgiu, de binóculo a tiracolo, sobraçando malas de tapête, largamente compensadoras do... *der-nier cri* de Mariquinhas, o que a Carmo chama o grupo intelectual: três sábios, três filósofos, três enciclopédicos, três rectas-pronúncias, em resumo, três grandes maçadores, velhos amigos da família que, no fim de cada verão, se habituaram a vir caturrar sob as árvores da sua quinta.

Êste ano, por um feliz acaso, Vina, que costuma fazer parte do elegante rancho lisboeta, chegou há poucos dias também, acolhida pela Carmo, com um alegre:—Caiste do céu!—E não há dúvida: só a telha dessa minha endiabrada prima consegue aligeirar a... sapiente—sapien-tíssima!—atmosfera! Vina possui o raro condão de adaptar-se a todos os meios e de todos tirar partido. Naturalmente estaria muito mais no seu elemento entre os *flirts*, os *pic-nics* e a má lingua dos últimos meses, mas não podendo gozá-los, contenta-a o que encontrou. Ainda desta vez lhe

ouvi aquêlê sensato, cheio de filosofia:—Foi melhor assim—que é a sua tradução do *tout s'arrange* dos franceses.—Sim, querida Anita, foi melhor, muito melhor. Eu ando cansadíssima, preciso de paz, paz verdadeira, autêntica, não aquela, armada até os dentes, única possível de encontrar-se entre as feras que aqui passaram o verão. Com vocês recolho as garras... É um alívio. Quanto aos homens... para o que os quero, todos me servem. Havendo algum com quem possa judiar, tanto me faz que seja o elegante Paulo, como qualquer dêstes velhotes.

Já se vê, pôs logo tudo em movimento! Os pobres sábios, que julgavam vir entregar-se tranquilamente, sem que ninguém os interrompesse, às suas eruditas cogitações, não têm um minuto de sossêgo. Vina arrasta-os para longos passeios de que voltam mais mortos do que vivos. À hora da sesta, quando, sentados nas confortáveis cadeiras do jardim, preparam a boa soneca reparadora, ela instala-se-lhes ao lado, com a guitarra, e o mais alto que pode, canta:—Quem tem amores não dorme.—À todo o propósito ou mesmo fora de propósito, sôbre o que sabe e... ainda mais sôbre o que não sabe, provoca uma discussão, rebate-lhes violentamente as opiniões. Mas com grande espanto nosso, os velhotes, longe de zangarem-se ou simplesmente aborrecerem-se, adoram-na, acham graça às suas mais insolentes

boulades, diverte-os aquêlê tão extraordinário contraste entre o excesso da sua cultura e o excesso da sua ignorância...

—Você há-de morrer como o maçador do Littré—dizia ela ontem ao Professor M. que, por acaso, ignorava como tinha morrido Littré. Ora, tanto melhor se podia ensiná-lo! Assim a lição lhe aproveitasse...—Êsse odioso gramático, ao exalar o último suspiro, exalou também uma última *châtice*, explicando:—*Je m'en vais ou je m'en vas, car l'un et l'autre se disent ou se dit...* O Professor respondeu, entre grave e irónico:—Mas, querida amiga, do amor que embora meritório, tem a infelicidade de provocar-lhe tamanho desdém, posso dar-lhe exemplo igualmente ilustre e vindo de muito mais longe. Já na antigüidade, Quintiliano dizia:—*Gramaticae amor vitae spatium terminatur...*—que o teu amor da gramática só tenha por limite o têrmo da tua vida.—Ao que Vina respingou desdenhosamente:—Eu quero lá saber o que disseram... em latim, os Quintilianos da antigüidade! Para apoquentar-me... em portugûês, bastam os de agora. Pensa que já esqueci o que se passou consigo há um ano, em França? E voltando-se para nós:—Vocês não fazem ideia do que é o Sr. Professor, quando se mete a paladino do purismo da língua... Uma verdadeira fera! Mas vou contar-lhes, quero que admirem a minha paciência. No último outono, saindo do Ho-

tel de Bordéus, fui quasi atropelada por um automovel. Mal tive tempo de aplicar ao *chauffeur*, um vigoroso:—Forte bruto!—já o homem, de *bonet* na mão, muito atrapalhado, desfazia-se em desculpas. Ao mesmo tempo, o cordeirinho que aqui vêem, descia ao meu encontro. Exclamei alegremente...—Sim, alegremente, uma pessoa nunca sabe para que está no mundo!—O Sr. Professor em Bordéus! Muito prazer me dá encontrá-lo, ainda que, por um triz, o seu *chauffeur* reduzia-me a marmelada!—Tão amável acolhimento só obtive de Sua Excelência, uma careta, que eu—hei-de ser tôla até morrer!—interpretei como sentida manifestação, pela ameaça do desastre... Desejando tranqüilizá-lo, acrescentei:—Não se pensa mais nisso. O que lá vai, lá vai!—Mas êle teve pressa de desiludir-me: Era outra a causa da sua contrariedade, mais do que contrariedade, desgosto...—O Sr. Professor recebeu alguma má notícia? Tem uma pessoa de família doente?—Todos gozam de perfeita saúde.—E sempre de... careta em punho, resmungou:—A minha tristeza vem de ouvir—logo de entrada!—uma senhora tão inteligente, tão culta, de tão alta linhagem, empregar humilhantes francesismos! *Chauffeur*, Sr.^a D. Ludovina, *chauffeur*!—E erguia os braços ao céu...—Ora essa! Como quer o senhor que eu chame êsse fulano que me ia esbarrachando?—Chame-lhe *motorista*, minha senhora.

Doce, conciliadora—acreditem que nunca me achei melhor pessoa...—logo respondi:—Pois bem. Não será isso o pomo da discórdia. Chamar-lhe-ei o que o meu amigo mandar. E, agora, dê um arzinho da sua graça, mostre que me perdoou. Almoce comigo, sem francesismos, prometo, em português vernáculo e onde quiser. Deixo-lhe a escolha. Aqui no hotel ou no *Chapeau rouge*, um ótimo *restaurant*...—Mas ainda eu não tinha pronunciado a última palavra, já o Sr. Professor entrava em convulsões... Espavorida, aterrada, perguntei:—O que temos! Que mais fiz eu?

De olhos esbugalhados, a deitar espuma pela boca, fogo pelas narinas, êle exclamou ou antes trovejou:—*Hotel? Restaurant?* Vossa Excelência reincide. Vossa Excelencia é incorrigível!

—Então que nome hei-de dar a isto?—E aponte para o Hotel...

—Diga *hospedaria*.

—*Hospedaria?* Bom Deus, a que eu cheguei! Estou aqui, estou na *estalagem*...—E à outra coisa, a tal dos... comes e bebes?

—Chame-lhe *casa de pasto*.

—Pois, sim, *casa de pasto* e até mesmo *taberna*, se nisso fizer empenho...—Como devem concordar, a minha disposição era angelical. Entretanto nada amansava êste tigre: E eu nunca mais acabaria se quisesse descrever-lhes todos os chinfrins a que ainda me sujeitei no... «Chapéu

Encarnado», por causa de uma sanduíche, que êle queria à força que fôsse uma «empada», etc., etc.

Todos riram, mas Pedro achou razão «ao nosso excelente amigo»:—Vocês realmente deviam aprender um pouco melhor o português e substituí-lo à *charabiada* que se habituaram a empregar.—Longe de mostrar-se satisfeito, o Professor observou severamente:—Sr. Pedro de Almeida, *charabiada* tresanda ao francesíssimo *charabia*, é indigno de quem preza a integridade da língua...

Assim, de história em história, de lição em lição, corre tão apressado, mesmo quando mais longo nos parece, o tempo. Dir-se-ia que ainda ontem, na suave noite de verão, Lucienne recomendava uma nova marca de pó de arroz... Pelas janelas abertas, via-se o céu estrelado. As jarras enchiam-se de cravos miúdiños, os que mais doce aroma contêm. E já lá vai quási um mês! Aos cravos sucederam zínias, precursoras do outono. Começam a arrefecer as noites, os sábios espirram, exigem janelas fechadas, roubam-nos o encanto das estrêlas.

Fogem, fogem os dias, levam-nos talvez para dias melhores... Feliz quem pode viver de esperanças! Ah! por que tenho eu hoje tantas saudades, esta pena do que já passou?!

ANA GUIOMAR

Quinta da Serra, 6 de Outubro.

Querido

O outono veio êste ano mais cedo... Ou quem sabe se sou eu que dou por êle mais cedo?

Sinto em tudo que me rodeia, a profunda melancolia de uma despedida. Parecem-me lágrimas a correr das árvores, as fôlhas que caem... E se as árvores vivem, por que não hão-de sofrer, por que não hão-de chorar, como sofre, chora, tudo que vive?

Às cinco horas da tarde, já o sol se põe. Em volta de mim, diz-se:—Que encanto, que beleza de crepúsculo!—Mas eu penso:—Como diminuem os dias, como os dias têm pressa de morrer!

Na Quinta, abrem os primeiros crisântemos. Carmo, de quem são a flor predilecta, descreve-me, cheia de orgulho, a sua colecção. Possui os exemplares mais raros. Eu verei... porque, bem entendido, não deixaremos a Serra antes que o jardim esteja transformado numa japonesice, digna do meu amigo Loti. Terei por onde escolher, em todos os feitios, desde o singelo, com a forma de um malmequer, e o que imita a graça alada de um pássaro, até o monstro que parece succumbir ao peso da imensa cabeleira re-

vôlla. E em todos os tons, do branco virginal, do cravo delicado, ao oiro fulvo, ao vermelho labareda, o vermelho côr da paixão... Para não desmanchar o conjunto, tenciona vestir os sábios de mandarins, com rabicho, já se vê, o que lhes ficará a matar. Nós poremos quimono e duas flores no cabelo. Fará de mim uma deliciosa *Madame Crysanthème*... Ah! vai ser tão divertido! Eu evoco os crisântemos que, nas primeiras horas da nossa ternura, imitavam a graça frágil das rosas, e tenho vontade de chorar, mas obrigo-me a responder:— Sim, muito divertido!— Já demais Carmo tem reparado na minha preocupação dos últimos dias. Intencionalmente, de-certo, ouvi-a ontem dizer:—A melancolia, as atitudes de salgueiro—vulgo chorão—sôbre o túmulo de Musset, são coisas que, graças a Deus, passaram completamente de moda. E já nenhum efeito produzem, ninguém as toma a sério.

Querido, ainda não há muito tempo, desagradava-te, inquietava-te, a minha alegria... Mas quem pode exigir do tão contraditório, instável coração humano, que sintas hoje como sentiu ontem, que queira sempre ao que quis uma vez? Mudaste, decididamente deve cansar-te, aborrecer-te agora, a minha tristeza. Preferias ver-me sorrir. E quasi te compreendo... A mim própria impaciência esta pena constante, êste receio absurdo que me faz tremer e chorar. Procuo reagir, afas-

tar as idéias negras, os presentimentos maus. Em vão: dir-se-ia que tudo me traz um aviso de desgraça, tudo me anuncia o abandono, o fim. Há pouco, chegou até o meu quarto, um alegre ruído de vozes, de risos. Era Vina que contava talvez uma das suas espírituosas histórias. Nenhuma tristeza resiste às histórias da Vina! Quis tentar distrair-me, ouvindo-a... Mas, quando entrei na sala, já a encontrei, sentada ao piano, cantando aquela melancólica *romance* de Verlaine:

—*Dans le grand parc solitaire et glacé,
Deux spectres ont tout à l'heure passé...*

Com os olhos apagados, as bôcas mortas evocaram o passado.—Lembras-te dos nossos antigos êxtases?—preguntava um dêles. E logo o outro respondia:—Por que hei-de lembrar-me?

—O teu coração ainda bate quando ouve o meu nome? Vês sempre em sonhos a minha alma?—Não.

—Oh! as lindas horas de ventura, quando uníamos as nossas bôcas! Como era azul o céu, e tão grande a esperança!

—A esperança fugiu, vencida, para um céu negro...

Assim, pela voz da Vina, aquela estranha voz que, como o seu riso, tem qualquer coisa de um cristal partido, falaram os espectros, no parque solitário. E uma terrível angústia invadiu o meu coração... Nuno, Nuno, convence-me de que não

era a nossa história que êles contavam. Dize que ainda te lembras de mim.

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 30 de Outubro.

Querido

A tua carta veio aumentar a minha convicção de que, desejando-te aliás tanto bem, só mal te tenho feito, só mal posso continuar a fazer-te. E o único caminho a seguir, para restituir-te a tranquillidade, é desaparecer da tua vida, que encho de tristeza, de desânimo e de... miragens irrisórias... Mais nada, querido? Procura bem. Esqueceu-te talvez alguma coisa. Dantes, eu estendia sob os teus pés, um suave tapête de flores e só comigo aprendias a doçura suprema da esperança. Mas, repito, os tempos mudam, os corações também...

Acusas-me de um imenso, indomável orgulho. Sim, tive-o, quando ainda não te conhecia e de mim própria tão iludida andava, julgando-me segura, certa do que há de mais frágil e incerto: a vontade humana. Quem não me ouviu dizer:— Alcancei para sempre a paz. Soube envelhecer,

soube renunciar, libertar-me do amor, êsse engano vão? Quem não conheceu as minhas ásperas censuras, às pobres, fracas mulheres que, passada a mocidade, a linda mocidade que tudo se permite, ainda para outra alma estendem, humilde, suplicante, a sua alma? Proclamei aos quatro cantos do mundo a minha independência. E em todos os tons, cantei os louvores da minha solidão... Mas oh! Nuno, onde está essa paz que eu para sempre alcancei? Desde que me prendeste, conheço apenas a ansiedade, o receio, a trémula esperança... Acordo a pensar na hora em que te verei, única que conta, nas palavras que hás-de dizer-me, na pena ou na alegria que me causarás...

Para onde foi a minha ciência de envelhecer? Aí de mim! Procuo tudo que possa restituir uma ilusão de mocidade ao meu gasto, cansado rosto. Quantas vezes, com os olhos cheios de lágrimas, me obrigo a sorrir, porque o sorriso rejuvenesce! Como as pobres, fracas mulheres que não sabem renunciar, eu estendo, para a tua alma, humilde, suplicante, a minha alma. Pesa-me essa independência de que fiz o meu maior triunfo. E após ter escolhido a solidão, como o supremo bem, já não posso, não quero, estar só!

O castigo vem sempre nas proporções da culpa, diz-se, mas o castigo do meu orgulho tôda a culpa excede!

Nuno, Nuno, que amargura me deixou a tua carta! Oh! meu querido bem, que mal me fizeste! Sim, devo fugir-te, estou a atravancar-te o caminho. Porém, ainda uma vez, só uma — com pouco se contentam os pobres — queria-te ao pé de mim, a minha cabeça entre as tuas mãos, calados ambos. . . Tenho tanto mêdo das palavras, as horríveis palavras que separam, que ferem, que matam!

Estou doente, Nuno, estou cansada, estou exausta. Esperava ver-te em casa das L. Eterna iludida — pois o que tenho eu sido? — dizia: — Talvez dêle me venha o remédio... — Mas acabo de saber que não aceitaste o seu convite. Querido, a «impossibilidade completa, o maior pensar», etc., etc., significam apenas que as tuas amigas de Caminha dão esta noite uma *soirée*. . . — Mais uma! — Decididamente as *soirées* de Caminha estão tomando proporções de epidemia! — Em tua honra, contam-me, para de novo encontrares *Mademoiselle*, que a mamã tem uma destas pressas de. . . colocar! E não há dúvida que te acha uma óptima colocação. Vês como ando bem informada?

Emfim às L., muito melhores pessoas do que eu, contentaram as tuas desculpas de. . . *mau pagador*. O jantar ficou transferido para segunda-feira, caso haja. . . *relâche* em Caminha.

Mas estou a impacientar-te com a minha ra-

bujice.—Eis um defeito que te esqueceu incluir na já tão vasta colecção. Perdoa à triste

ANA GUIOMAR

De Ana Guiomar a Nuno

Lisboa, 4 de Novembro.

Querido

De tôdas as razões... sem razão, da tua carta, só uma coisa eu depreendo: Já te aborreceste de mim. Queres deixar-me.

Lembras-te daquela *romance* inglêsa que tantas vezes me pedias para cantar? Ainda mais do que a música, agradava-te, impressionava-te, o sentimentalismo das palavras:

You wished to leave me, told me so.

I kissed your feet and let you go...

Costumavas dizer, com uma pontinha de melancolia:—Um dia virá em que as repetirei, inspiradas por ti.—E êsse dia veio, mas bem vês, és tu que as inspiras, sou eu que as repito...

Queres deixar-me. Nada farei para prender-te. Vai, meu amor. Sê feliz, sem remorsos, sem pena, ainda que de pena me vejas morrer.

ANA GUIOMAR

FIM

*Si quelque amie, au cœur de sœur, plus que d'amante,
Très bonne, offrait ses mains à notre front lassé,
Repousser doucement sa tendresse clémente,
Dénouer ce dernier lien du cher passé. . .*

FRANÇOIS FABIÉ

De Isabel a Rosa

Lisboa, 25 de Novembro.

Durante tôda a manhã, a minha mãe não cessou de escrever e encostada ao seu ombro, eu li... sem ousar convencer-me:—É lá possível!—Tenho a honra de participar a V. Ex.^a o ajuste de casamento da minha filha Isabel com o Ex.^{mo} Sr. Nuno de Sousa, filho da Ex.^{ma} Sr.^a, etc., etc.

Ah! querida Rosinha, fôsse com quem fôsse, devia considerar-me feliz—bem sabes que nunca pude admitir a ideia de ficar para tia e há dois anos já, menina casadoira, começava a desanimar...—Mas com o Ex.^{mo} Sr. Nuno de Sousa... Com êle, com êle, com êle?! Não caibo em mim de contentamento. Parece-me que sonho. Tenho mêdo de acordar... A cada instante pergunto:—Oh! mãizinha, será verdade?—Quási tão radiante como eu, a minha mãe assegura-me que nenhum

motivo encontra para dúvidas, inquietação. Fui pedida... Sim, Rosinha, essa grave formalidade realizou-se há quinze dias, precedida de mil recomendações:—A menina veja lá como se porta, livre-se de puxar pelo cigarro, nada de espevítamentos, de modernismos, ponha o vestido menos curto que tiver, entre na sala com ar modesto, de olhos baixos. Lembre-se que se trata do acontecimento mais sério da sua vida... A sua futura sogra pertence a uma família respeitável, é de-certo no meu género, deve pensar como eu.— Ah! quanto a isso, espero bem que não! E, pelo menos aparentemente, nem sombras lhe achei do antiquado, da gebíce e da solenidade, tão aflitivas na minha santa mãe, que a recebeu vestida de setim prêto, com cauda, já se vê, cara de caso e um discurso prèviamente estudado, emquanto ela, muito elegante, muito simples, muito natural, logo me pôs à vontade. Não se referiu aos tais desagradáveis deveres, que oíço prègar desde pela manhã até à noite—verdade seja que me entram por um ouvido e saem pelo outro...—Declarou muito a seu gôsto a escolha do filho. Prometeu que nos entenderemos bem, que nunca me dará razões para acusá-la de sogra terrível. Tudo isto a sorrir, com um sorriso ainda tão novo e tão lindo! Francamente só achei exorbitante a sua exigência de que eu lhe forneça—nem que se tratasse de uma máquina!—pelo menos uma

dúzia de netos. Está mortinha por ser avó e pensa que é só pedir por bôca! Mas emfim o que eu receava, como um mau, péssimo bocado, passou-se da mais fácil, risonha maneira. Mal ela saiu, corri ao meu quarto, onde Lulu esperava, ansiosa por conhecer as minhas impressões. Ex-clamei, no auge do entusiasmo:—Acho-a um encanto, um amor!

Lulu respondeu:—Nunca fiando...—Mas logo acrescentou:—De resto, seja como fôr, a senhora poucas ocasiões terá de seringar-te. Vive seis meses no Alentejo, onde de-certo não tencionas perder o teu tempo, e os outros seis, melida nas igrejas e museus de Paris, por onde julgo que também não te gastarás...

Ah! Rosinha, como tudo é bom, tudo—até as igrejas e museus de Paris!—parece concorrer para a minha felicidade!

Logo no dia seguinte a tão fausto acontecimento, appareceu a tia Carmo e depois dos competentes abraços, parabéns, um alegre:—Meteste uma lança em África, rapariga!—ofereceu-se para tratar do enxoval, ao que a minha mãe, com aquêlê seu ar convencido—que a tia Carmo chama inconsciente—respondeu exactamente o que a Lulu calculava:—Já está pronto; comecei a encomendá-lo, quando a Isabelinhá contava pouco mais de cinco anos: dez dúzias de cada peça, com excepção dos corpetes, apenas de-

zóito, porque é natural que a pequena engorde— as provincianas são previdentes—tudo em linho da melhor qualidade e resistência, igual ao que os meus pais me deram e de que ainda conservo algumas saias, em óptimo estado, a-pesar-de já tantas vezes lavadas e engomadas...

Mas a tia Carmo, pondo as mãos na cabeça, exclamou:—Oh! filha, isso é bragal para o tempo das Cruzadas e, que eu saiba, a tua filha não casa com Godofredo de Bouillon! Vais expô-la à troça de uma cidade inteira. Calcule-se o que dirão a Martin e a Yvonne, quando a Isabelinha aparecer de saia de goma, para acertar os vestidos... A não ser que desde os cinco anos, os tenhas igualmente prontos! E nem falo na desagradável surpresa do Nuno, habituado ao *raffinement* da Anita...

Vermelha como um pimento, a minha mãe declarou:—Espero que o meu genro nunca tivesse tido ocasião de admirar a roupa branca dessa senhora...—apanhando imediatamente esta desde-nhosa réplica:—A qualquer pessoa, que não esteja, como tu, no *a b c* da elegância, basta a transparência de uma blusa para revelar a finura dos *dessous*...

E foram por aí adiante, num díze tu, direi eu... a minha mãe teimando que o enxoval era como o de tóda a menina honesta, bem nascida, a tia Carmo aconselhando-a irònicamente que o

oferecesse às honestíssimas Teles da Casa do Sobreiro, ou o mandasse para África, onde o meu Pai o distribuiria pelas pretas do seu conhecimento... E uma que sim, outra que não... Ah! Rosinha, foi mesmo o que se chama um banzé! A minha pobre mãe já tinha as lágrimas nos olhos e a tia Carmo transpirava, de tanto barafustar!—Mas esgotados todos os argumentos, esta declarou solenemente:—Pois bem, terás de escolher: ou eu ou o pano cru...—A mãe, coitadinha, sabendo que nós nada somos sem o seu apoio, cedeu. Podes calcular como fiquei satisfeita; só o receio de apoquentá-la mais, me impediu de bater as palmas!

E agora, graças a Deus, já a tia Carmo, que, segundo diz tôda a gente, é uma das senhoras de melhor gosto em Lisboa, começou a tratar do meu enxoval. Parte vem de Paris, da casa Rouff, uma casa elegantíssima, caríssima!—O teu pai terá de puxar pelos cordões à bolsa, mas nem todos os dias se casa uma filha—anuncia a minha querida tia, a minha Providência.—E... oh! Rosinha, parece que vai ser uma coisa nunca vista, de *pyjamas*, em côres e bordados orientais, como os das odaliscas, camisas de *crêpe georgette*, transparentes, diáfanas—indecorosas, pretende a mãe...—deliciosos lencinhos que, igualmente na sua opinião, servem para tudo, menos para a gente se assoar... Que atraso, coitada!

A outra parte virá do Pôrto. Temos de fazer essa concessão ao nacionalismo. Depois o Pôrto, para enxovais, está excessivamente em moda: noiva que se preze de foros de elegância, encomenda a sua *lingerie* à Candidinha, que, segundo me consta, é um ás!

Entretanto o que me dá maior prazer são os vestidos, sobretudo os de baile, com nomes tão sugestivos—*Indiscrétion, Rien à cacher*. . .— justos como luvas, alguns, outros largos, cheios de folhos, de *ruches*, e decotados, decotadíssimos! Já se vê que não seriam próprios para uma menina solteira, mas eu só os porei depois de casada e as senhoras casadas podem mostrar tudo. Terei uma dúzia de chapéus, para trazer na mão, como agora se usam.

Rosinha, ainda há-de vêr-me incluída no número do que os jornais chamam «as nossas grandes elegantes». Ai de mim! A tia Carmo pretende que, para lá chegar, tenho muito que aprender. A cada instante, chovem censuras, recomendações. . .—Oh! filhinha, não roas as unhas! Vai-me a uma *manicure*, que te civilize essas mãos. Olha que já não é fácil suportar a comparação com as da Anita, tão lindas e cuidadas! Puxa-me essas meias, sempre caídas para cima dos sapatos. . .—A tal Anita deve andar puxada, desde os pés até à cabeça! Para tudo serve de modelo. Ah! se soubessem o azar que lhe tenho! Rosinha,

eu só queria amolá-la metade do que ela me tem amolado! Mas não é fácil. . .

Também já começaram os presentes, de que se fará exposição nas vésperas do. . . *grande dia*. Um dos primeiros e, com certeza, o de maior valor, foi o anel—*engagement ring*, assim é que se chama—oferecido pelo meu noivo. *Meu, meu, meu!* Ah! mil vezes que escrevesse esta palavra, ainda seriam poucas para convencer-me!

E agora, que já te falei no que mais importa, segundo a opinião da Lulu, não a minha. . . Todo êste luxo—vestidos, rendas, jóias e a importância que me dão, nunca julguei ver-me em tais alturas—divertem-me, enchem-me de prazer e. . . de vaidade. Sinto-me como a Gata Borralheira, quando o Príncipe encantador foi buscá-la na. . . abóbora que transformou em côche doirado. . . Mas o que me faz pular o coração, o que, ao mesmo tempo, me dá vontade de rir e enche os olhos de lágrimas, é a ideia que êle me aceita para sua mulher. . . Não digo: gosta de mim, porque disso, Rosinha, estou o que há de mais incerta! Vou contar-te como o caso se passou. Durante as últimas semanas de Setembro, os passeios continuaram, sem que o Nuno sâisse do seu habitual mutismo, até que, no principio de Outubro, eu agarrei a minha coragem com as duas mãos e atrevi-me a perguntar-lhe:—O que tem? Por que está sempre tão triste?—Pareceu-me que êle es-

tremecia, como quem acorda em sobressalto, mas respondeu-me, com tanta doçura:—Nada tenho. É o meu feitiço, Isabelinha.—Ainda insisti, estava em maré de grandes resoluções:—Faz-me pena vê-lo assim. Penso que a nossa companhia lhe desagrada...—Ele protestou vivamente:—Nem por sombras! Vocês é que não sei como aturam êste sensaborão. Mas não quero fazer-lhe pena. Por sua causa, Isabelinha, vou procurar tornar-me um pouco menos desagradável...

—Já não é sem tempo—resmungou de muito mau humor, a Lulu. Desde essa tarde, o meu noivo decidiu-se a conversar e era a mim que se dirigia, talvez que simplesmente porque a minha amiga, muito mais instruída e divertida do que eu, não lhe dava a mínima atenção, sempre voltada para um rapaz, que chama o seu *boy friend* e com quem sai só, a tôdas as horas do dia e da noite... Ah! se eu pudesse fazer o mesmo com o Nuno, mas isso apenas me será permitido depois de casada, quando, segundo me dizem, perde tôda a graça... Enquanto ela e o tal *boy friend* discutiam trapalhadas da aviação e do cinema— a Lulu ainda não resolveu se seguirá a carreira de aviadora ou de estrêla de Hollywood...—o meu noivo falava de livros, de poetas, de música... Tudo coisas que eu não entendo, mas com os olhos muito abertos e um ar de grande convicção, respondia:—Ah! sim! Ah! sim...

—Sempre me saíste uma intrujona!—exclamava depois a Lulu que, a-pesar da sua animada discussão com o *boy friend*, nos tinha ouvido. Mas oh! Rosinha, não era intrujice, eu só queria agradar-lhe e sobretudo gostar do que êle gostasse.

Assim passaram muitas tardes, até que, melhor, mais maravilhosa de tôdas, chegou aquela em que o meu noivo, aproveitando uma pequena ausência dos nossos companheiros, entretidos a escolher terreno para um novo campo de aviação, depois de dizer-me que era muito meu amigo e tudo faria para tornar-me feliz, perguntou-me se queria casar com êle. E tão grande foi a minha atrapalhação, que a voz afogou-se-me na garganta, só pude estender-lhe as trémulas mãos... Êle apertou-as docemente. Um pouco comovido, acrescentou: —Verá que não se arrepende de confiar-mas.

Durante alguns dias, a pessoa alguma contei isto. Achava tão bom ter um segredo, só meu, só nosso, que mais ninguém soubesse! Sentia-me feliz... Sim, felicíssima, mas... Oh! Rosinha, por que há-de haver sempre um *mas*?! Faltava-me uma coisa que, em vão, esperei, desejei! Queria que êle me falasse de amor... E nunca falou.

Acabei por desabafar com a Lulu que, julgando de-certo consolar-me, respondeu:—Não se pode ter tudo. A Anita teve as histórias de amor que, de resto, nunca passam de... história. A ti,

coube a parte mais sólida, melhor: o casamento. Por birra ou por distracção, como eu previ? Não sei. Em qualquer dos casos, deves considerar-te satisfeita, ficaste bem servida.

Rosinha, eu preferia as histórias. Haverá neste mundo alguém que não deseje ouvi-las, pelo menos uma vez?

Mas lembro-me do conselho que, embora noutras circunstâncias, bem mais insignificantes, costumavas dar-me: quando a gente não tem tudo o que quere, deve contentar-se com o que tem. Fará por segui-lo a tua... ai dela! sempre tão difícil de contentar,

ISABELINHA

De Ana Gulomar a Vina

Any way out of the world. 2 de Dezembro.

Querida Vina

Recebi e, sinceramente, profundamente agradeço a carta em que procuraste suavizar a minha pena, repetindo o que, a meu respeito, te disse o Nuno. Grito da alma que, embora de tão longe—eu julgava-me no fim do mundo, escondida, esquecida de todos, como se morta estivesse

já—ouviu a minha alma. Era eu a felicidade... Assim ousei pensá-lo também. Procurar entendê-lo em tudo e em tudo ser como êle quisesse que eu fôsse, viver para servi-lo, para proteger contra a turba indifferente, a turba que teme e detesta, os seus hábitos de estudo, de meditação, falar apenas quando desejasse ouvir-me, rodeá-lo das coisas finas, discretas, que a sua delicadeza prefere, tirar os espinhos às rosas para que só lhes sentisse o viço, o perfume... Parecia tão fácil, tão natural! Mas não passava de um engano. Tantas vezes se engana a ventura! Outra o tornará feliz, embora se invertam os papéis. Êle é que há-de procurar entendê-la, ser como ela desejar que seja, fazer o que ela quizer que faça. Ouvirá barulho quando mais precisar de silêncio, sairá quando fôr sua tenção ficar em casa.—Vamos!—eis a palavra que, a cada instante, perturbará o seu trabalho, a sua tranqüilidade. Tu acrescentas:—Será um daqueles que o mundo chama os grandes privilegiados da sorte, isto é, não terá frio, nem fome, trará a bôlsa bem recheada, um eterno bocejo na bôca e a aridez do deserto no coração...—Vina, não há-de ser assim, eu não quero que seja. A Isabel é nova, bonita, alegre, dar-lhe-á filhos, essa bênção do céu... O Nuno acabará por adaptar-se aos seus hábitos, talvez mesmo por gostar do que a noiva gosta. O amor faz milagres.—Ainda é tempo, dize uma palavra e

êle casará contigo.—Ai de mim, ai de nós, se eu dissesse a palavra que há tanto me pedel Tenho mais vinte anos do que o Nuno. Quando nos encontrámos, já o meu cabelo embranquecia... Êle não me viu, sonhou-me. Mas o sonho, o misericordioso sonho, não dura. Chega sempre a hora em que se acorda, os olhos abrem-se... Não se habituariam os seus a ver-me como eu sou. A velhice é o único defeito que um homem nunca perdoou a uma mulher. Prefiro que me deixe enquanto pode levar consigo um bocadinho de ilusão. Quero que tenha saúdades. É a minha última *coquetterie*.

Sabes por que fugi de Lisboa. Faltou-me a coragem de assistir ao que o *caenet mondain* de todos os nossos jornais considera um *auspicioso enlace*. E confesso-te, embora isso me pareça humilhante, julguei também superior às minhas fôrças, suportar o mal disfarçado regosijo das falsas amigas, ouvir palavras que, fingindo simpatia, compreensão, só pena querem fazer. Coisa ínfima, comparada ao meu grande sofrimento, mas debes lembrar-te que sempre tive o horror das picadas de alfinete. Refugiei-me na pequena casa que me deixou a Francisca e de que muitas vezes te disse:—Escolhe-la-ei para morrer.—Sinto-me menos só aqui, porque tudo me fala dessa grande, incomparável amiga.—Chamem a Francisca, eu quero a Francisca!—foi o grito da minha infância,

sempre que, no corpo ou no coração, alguma coisa me doía. Ela vinha, tomava-me nos braços, embalava-me docemente, ao som de uma dessas canções antigas, em que há fadas, príncipes encantados; eu adormecia e comigo a minha dor, as minhas penas. Tantos anos passaram, sou velha já, mas como no tempo da minha infância, ainda é por Francisca que chamo... Quis acolher-me à sua sombra, deitou-me na cama onde ela dormia e, de noite, se molho de lágrimas a almofada, tenho a bem dita ilusão que choro sobre o seu peito... O quarto está quasi como há vinte anos o deixou, como eu pedi que o conservassem. Na parede a mesma feia imagem de Nossa Senhora... Para os seus olhos de crente, tão devotos da Virgem, mais linda não existia! Mas há muito se apagou a lampadazinha de azeite que sempre a alumiaava.—Francisca, desde que morreste, quantas luzes se apagaram!—Nas gavetas encontrei, já sem aroma e sem fôlhas, os ramos de alfazema, que adorava, de que costumava dizer:—Cheira a limpo e a gente de bem...—Era o teu perfume, Francisca.—Sob uma velha cortina de chita, ficou o vestidinho preto, em que, à imagem da sua alma, nunca vi uma nódoa!

Tudo me fala dela e também e ainda mais, do seu culto por mim. Sobre a cómoda, junto aos meus retratos, de um aos quinze anos, há mil coisas insignificantes que me pertenceram: brinque-

dos partidos, um laço de fita, a primeira chícara de que me servi e num cofrezinho, guardada como jóia preciosa, uma madeixa de cabelo...—Ah! quem se importa hoje com elas, por que não as levaste contigo?

Quando deixei Lisboa, ainda as árvores tinham fôlhas e havia crisântemos nos jardins. Aqui é inverno já, o impiedoso inverno da província. Aqueço-me à lareira da cozinha, entre a Joaquina e o *Valente*, que, de valente, só tem o nome. Pobre cãozinho feio, medroso! Basta que alguém fale mais alto para que, tremendo todo, com as orelhas caídas e a cauda entre as pernas, corra a refugiar-se debaixo da mesa. Fui eu que o adoptei, compadecida do seu abandono, ou seria êle que, pelas mesmas razões, me adoptou? Não sei. Fôsse como fôsse, tornámo-nos inseparáveis. Não dou um passo sem que o *Valente* me siga. Joaquina, sobrinha da Francisca, é uma mulher da minha idade, que, obedecendo às leis da natureza, se deixou envelhecer tranqüilamente, a quem tôda a aldeia, em sinal de respeito, já diz: «Tia Joaquina». Ela ainda me trata por *menina*, porém mal me viu, exclamou:—Coitada! como está acabadínhal—Ah! se a tia Joaquina soubesse em que eu penso, por que choro, para onde vai o que chama a minha cisma! Parece-me ouvir o seu comentário:—Deixe lá, menina, isso já não é para nós!

Logo na manhã seguinte à minha chegada,

pus sôbre os ombros um velho chale da Francisca e fui ao cemitério. Confrangeu-se-me o coração diante da pedra nua, como aquelas que já o esquecimento—essa segunda morte—invadiu.

Joaquina explicou:—Teve sempre flores: na primavera, bordões de S. José, tão branquinhos que até pareciam lavados, rainúnculos e amores-perfeitos, de um tamanho! Rosas que eram um louvar a Deus! E, no verão, trouxe-lhe cuidados, dalias, sécias... Depois era costume virem flores de Lisboa, mas êste ano faltaram. A menina não se lembrou...—Joaquina tem razão. Não me lembrei. A um só pertencia o meu pensamento. Tudo o mais que importava? Escreví logo para Nice e, em poucos dias, a campa encheu-se de gardénias, cravos, violetas de Parma, tôdas as flores caras que o avô costumava encomendar para satisfazer o capricho da avôzinha mimalha, esquecida também de que, ao vê-las, Francisca dizia:—Uma só violeta do nosso campo tem mais aroma de que tôdas elas juntas...—E acrescentava tristemente:—Tanto dinheiro desperdiçado quando há tamanha fome no mundo!—Algumas vezes ainda renovei a louca prodigalidade. Eu própria dispunha cuidadosamente sôbre a pedra, tôdas essas maravilhas, que me pareciam poucas, insignificantes, para reparar o meu feio esquecimento. Até que, um dia, renovando também a habitual pergunta:—Estás contente, Francisca?—

julguei ouvi-la repetir e... ouvi decerto!—falamos muitas vezes do céu as vozes que se calam na terra...—Uma só violeta do nosso campo...—Desde êsse dia, as preciosas gardénias, os grandes cravos rosados, foram substituídos por duas ou três flores enfezadinhas que, tôdas as manhãs, eu procurava no jardim. Seria difícil, quási impossível descobri-las, tão escondidas entre as fôlhas, se o perfume as não traísse. Assim certas almas... Mas eu não vou filosofar. Depois do cemitério, visito os pobres. E não preciso então perguntar-lhe:—Estás contente, Francisca?— Como no tempo da minha infância, sinto a minha mão na sua mão. É ela que me guia. Dantes eu levava aos pobrezinhos os meus brinquedos estragados. Com a habitual avareza das crianças, custava-me separar dêles, queria sempre escolher os piores. Às vezes, dizia:—Não é verdade que em troca do que deixo, Nosso Senhor vai dar-me muitas coisas novas, bonitas?—Ela respondia, gravemente:—Dando para receber mais e melhor, fazemos da esmola um cálculo, um negócio...— De tarde vou à Igreja. É a hora da bênção. As mulheres cantam. Os turíbulos espalham o cheiro penetrante do incenso. Irresistivelmente, o meu pobre coração, ainda tão preso às coisas da terra, as coisas fugitivas, evoca certo jardim onde, sob os incenseiros em flor, alguém me prometia uma ternura sem fim... Mas rezo como posso, como

sei... É a voz, a querida voz que nunca me enganou, ensina-me:—Uma única palavra basta para que Deus esteja com a tua pena.

Perdoa-me, Vina, se te aborreceu demais esta interminável carta. Pediste-me que te escrevesse longamente. Eu abusei. Antes de acabar, devo responder à tua pergunta: Quando volto? Daqui a uns dias, uns meses, nunca... talvez. Sob estes humildes tetos, únicos que me pertencem, tenho o que é tão raro na terra, a paz, e outro bem ainda, igualmente precioso, a tristeza, meu último bem. Quero guardá-los. Quanto ao Nuno, dizê-lhe... Mas não, nada lhe digas. Para quê?

Tua
ANA GUIOMAR

Lisboa, 1938—Funchal, 1939.



*Composto e impresso na
oficina «Otto-gráfica, Ltd.»
Largo do Conde Barão, 50
Lisboa*

